U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO
ARQUITECTURA

QUINTA DE TRAVANCA:
Projecto em processo

Diogo Lopes Romero

M
2023

FACULDADE DE ARQUITECTURA

QUINTA DE TRAVANCA:
Projecto em processo

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2023
Autor: Diogo Lopes Romero
Docente Orientador: Prof. Doutora Ana Isabel da Costa e Silva

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer todo o contributo, persistência, ajuda, apoio e colaboração a todos os que me acompanharam directa ou indirectamente na conclusão deste capítulo.

Realço o especial contributo de algumas pessoas:

- a minha família, em especial aos meus pais e irmã, pela persistência constante, determinação e incentivo ao longo de todo o curso de Arquitectura.
- a minha prima Regina por toda a disponibilidade, leitura do trabalho, sugestões, apoio e motivação nesta etapa final.

- o meu amigo Tomás que sempre me motivou acompanhando-me nos meus dois últimos anos do curso de mestrado integrado.

- a Professora Ana Isabel da Costa e Silva que, na disciplina de construção do 3º do curso, me inspirou e motivou a seguir em frente dando-me uma nova perspectiva; e mais tarde, como orientadora, pela disponibilidade, críticas e sugestões, tudo fundamental para a conclusão deste trabalho.

ABSTRACT

The work that is presented here as ‘Quinta de Travanca: project in process’, intends to explain a project process, not in systematic way, but in a personal, familiar and intuitive nature, with the suggestion of an open idea.

There is a specific client, with an intention to solve an existing relation between a country house and a rural land, separated by a public street, that are a part of a family farm in a context of shares inheritance.

The objective is, through the progress of this work and in an academic context, to create a possible suggestion to the present reality.

In this way, the place, the contextual relations between the past and the present, the will of the client, his personal and familial motivations, as well as the determining phenomena and conditions that have emerged over time, are made known.

RESUMO

O trabalho que aqui se apresenta como 'Quinta de Travanca: projecto em processo', pretende explicar um processo de projecto, não de forma sistemática, mas sim de índole pessoal, familiar e intuitiva com a sugestão de uma ideia em aberto.

Há um cliente concreto, com o propósito de solucionar a relação existente entre a casa e o terreno, na circunstâncias da separação de ambos por um caminho público, integrados numa quinta de família, encontra-te também em contexto de divisão territorial em três partes.

O objectivo é, através do processo deste trabalho, em contexto académico, criar uma sugestão possível para a realidade actual.

Deste modo dá-se a conhecer o local, as relações de contexto entre o passado e o presente, a vontade do requerente, as suas motivações pessoais e familiares, assim como os fenómenos e condicionantes determinantes que surgiram ao longo do tempo.

ÍNDICE

1. Território e contexto /
Enquadramento geográfico …….. 12
Arquitectura popular. Usos e Costumes …….. 16

2. Quinta de Travanca /
Características geográficas. Cinfães …… 23
Travanca. Enquadramento histórico …… 28
Quinta de Travanca …….. 30

3. Projecto em processo /
Linguagem da arquitectura. …… 37
Linguagem do habitar. ….…… 41
Os 10 padrões essenciais. …..…… 46
Casa de Travanca. Inspeção visual. …… 70

4. Construção temporária /
Embrião e ideias. …… 93
O terreno de cima - Tapadinhas …… 101

5. Considerações finais / ……. 105

Referências bibliográficas / Web /
Iconografia / Anexos / Desenhos Autocad / ……107

Nota prévia:
Esta dissertação traduz um projecto num contexto íntimo e familiar, visto que os destinatários de uma possível construção futura são os meus pais e o lugar a intervir é um espaço com história e muitos memórias minhas com os meus avós. Há uma relação determinante com o cliente e com o passado do lugar, havendo a necessidade de expressar na primeira pessoa.

1

Território e contexto

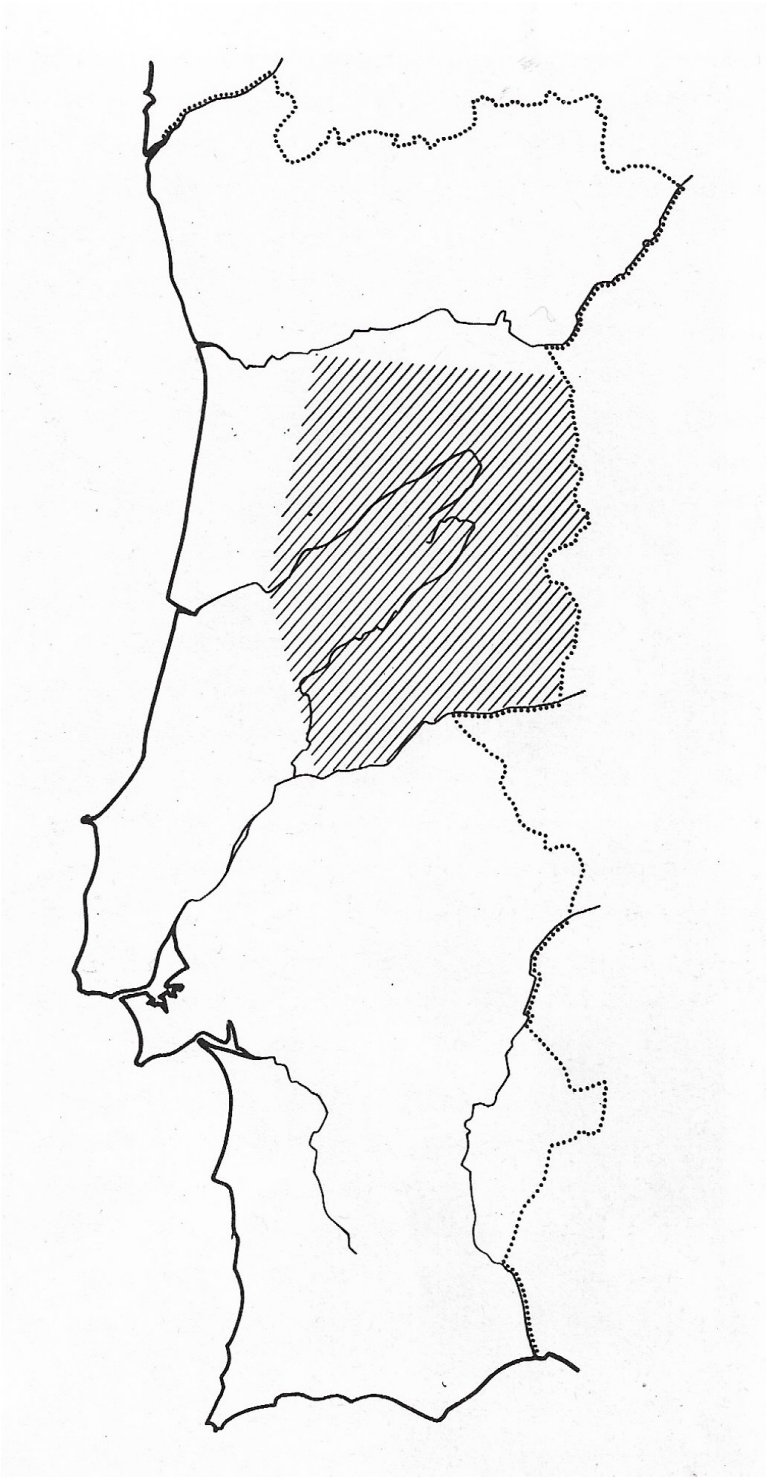


Fig. 1. Portugal. Mapa das províncias das Beiras: Beira Alta, Beira Baixa e pequena parte montanhosa da Beira Litoral.

Enquadramento geográfico



Fig. 2. e 3. Travanca. Duas perspectivas da paisagem em redor Quinta de Travanca, Cinfães, 2007.

A Quinta de Travanca está localizada na freguesia de Travanca, no concelho de Cinfães. A vila de Cinfães, pertencente ao distrito de Viseu, faz parte da região da Beira. A região em estudo divide-se segundo vários autores em três províncias: Beira Alta, Beira Baixa e Beira Litoral.

A Beira Alta é uma província histórica delimitada a norte pelo rio Douro, onde podemos encontrar a serra da Estrela, sendo caracterizada pelos seus terrenos acidentados e pedregosos, salientado-se como material predominante o granito. As paisagens são encantadas por numerosos cursos de água. Há extensas áreas cobertas por pinhais, e ainda restam muitos

soutos de castanheiros, assim como a presença de carvalhos em número reduzido.[1]

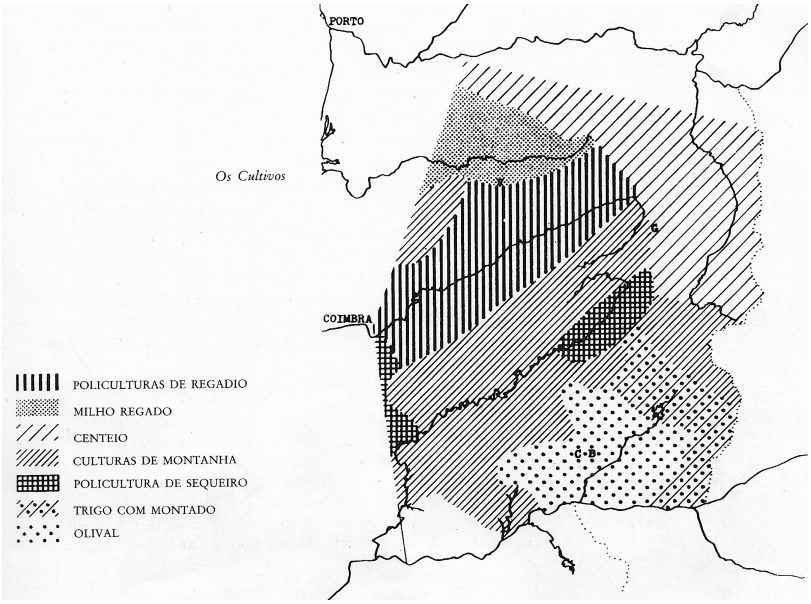


Fig. 4. Região da Beira e os seus cultivos.

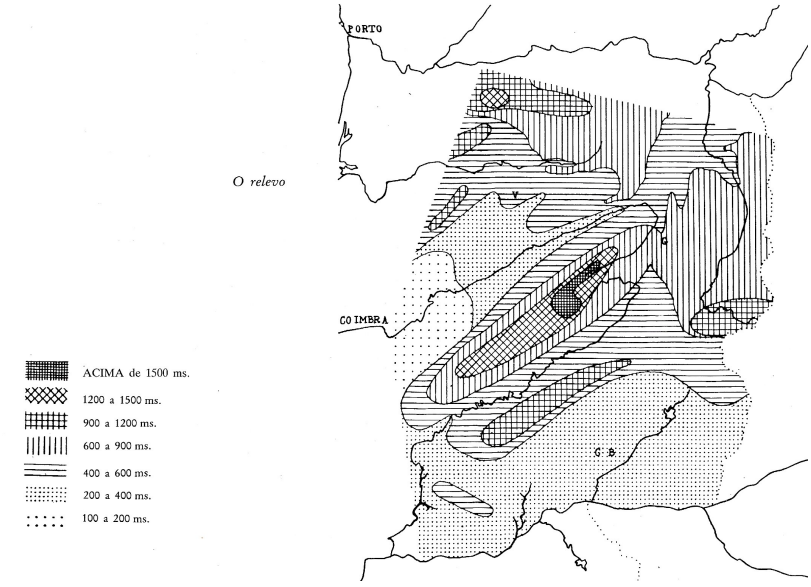


Fig. 5. Região da Beira e o seu relevo.

Esta região apresenta um clima muito diverso e um Inverno com temperaturas baixas, sendo marcada, geograficamente, por muitos terrenos de cultivo (milho, centeio, batata, olival e vinha para produção de vinho). Há um extenso cultivo de cereais e podendo também encontrar ainda plantações de árvores como a amendoeira. Amorim Girão refere-a como 'Terra Fria que

[1] ANTUNES, Alfredo da M.; AZEVEDO, António. Arquitectura Popular em Portugal. 3ª ed., Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. Vol. 2. p. 3

incluiu a serra de Montemuro, vales de rios e ribeiros afluentes do Douro, e a bacia hidrográfica do Côa.'[2]
A Beira Baixa distingue-se pelo clima mais continental, pela constituição geológica e os seus terrenos xistosos. Há uma transição da Beira Transmontana para a Beira Alentejana no 'aspecto económico, no revestimento vegetal e até na habitação humana. Onde há serra, dominam os campos arborizados; e, na Arquitectura regional, são nítidas algumas semelhanças com as casas da banda sul do Tejo, embora destas se diferenciam pelo que conservam de beirão.'[3] Podemos observar nesta zona o cultivo do trigo e da oliveira.

O clima aqui não é ameno nas terras baixas: o Verão é quente com temperaturas de 37ºC; mais a norte temem-se os invernos, em particular nos meios rurais onde o desconforto é grande, com os ventos fortes e a frequência com que neva. Nas terras baixas, quando neva, a geada pinta os campos de branco e o frio gélido instala-se durante a noite nas águas dos poços e nas fontes, tornando duro o trabalho agrícola pela manhã.

A oeste não chove tanto. Salientam-se as diferenças sensíveis de temperatura da região mais alta para as planuras, assim como do interior para o litoral, reflectindo a proximidade ao Atlântico. É uma região onde há alguma escassez no sustento e na generosidade do solo, apesar do trabalho persistente das gentes destes povoados.

No século XX quase não havia indústrias; predominava a agricultura. Havia o fabrico (em pequenas oficinas rudimentares) de utensílios essenciais a estas pessoas, como cestos, tonéis, dornas, machados, enxadas, arados, charruas, carros de bois, que se conseguiam adquirir nas feiras e em que a técnica passava de geração para geração.[4]

No norte, em terras da serra da Estrela, imperava desde o séc. XIX a indústria de lanifícios em evoluídas unidades de produção, assim como alguma exploração mineira, actividades que fugiam das condições tradicionais de vida. Apareceram alguns aglomerados urbanos com o comércio, em lojas e mercados periódicos. O aparecimento dos camiões, em dias mais recentes, ajudou na prosperidade de algumas áreas mas, de facto, a agricultura mantém-se e é a base da vida local. 'Estes habitantes lavram, aram, estrumam, semeiam, plantam, regam,

---

[2] ANTUNES, Alfredo da M.; AZEVEDO, António. Arquitectura Popular em Portugal. 3ª ed., Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. Vol. 2. p. 5

[3] ANTUNES, Alfredo da M.; AZEVEDO, António. Arquitectura Popular em Portugal. 3ª ed., Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. Vol. 2. p. 6

[4] ANTUNES, Alfredo da M.; AZEVEDO, António. Arquitectura Popular em Portugal. 3ª ed., Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. Vol. 2. p. 8

sacham, podam, colhem, malham, erguem o centeio ou o milho; vindimam os cachos de uvas e os pisam nos lagares; apanham a azeitona ou arrancam as batatas; conduzem e guardam as rebanhos das ovelhas, gado que estruma os campos e dá lã e leite.'[5]



Fig. 6. Paisagem de Loriga

Três quartos da população vive da terra, dois terços da população activa trabalha a terra, que se dividiu em propriedades minúsculas, destacando-se o distrito de Viseu. A pobreza é generalizada, existem heranças e o desejo de ser dono de mais terrenos, que ao longo dos tempos fraccionam as unidades agrícolas existentes, em contraste com unidades mais a sul, em Setúbal, Évora, Beja, com terrenos em grande escala, pertencentes a uma infimidade de donos.
Na Beira Alta as propriedades caracterizam-se por cultivos de escala familiar, com métodos antigos e sem preocupação entre o tempo despendido e a produção colhida. Conseguem produzir o milho e o centeio para o pão, as batatas, a hortaliça e ainda (mas

[5] ANTUNES, Alfredo da M.; AZEVEDO, António. Arquitectura Popular em Portugal. 3ª ed., Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. Vol. 2. p. 10

nem todos) o vinho e o azeite.Há criação de animais domésticos a essa mesma escala, com a excepção das ovelhas, que participam na vida quotidiana.

Na Beira Baixa, ao contrário do distrito de Viseu, a escala do trabalho agrícola não se reduz à escala familiar, mas é tarefa de muitos trabalhadores rurais, necessários para cuidar dos latifúndios.

Arquitectura popular. Usos e costumes.

Ao visualizar a paisagem, na temática construtiva podemos ver a existência dum relacionamento sempre presente entre o meio natural, o meio agrícola, o predomínio da pedra, o emprego dos materiais, em contraste com as cidades ou vilas maiores, onde já

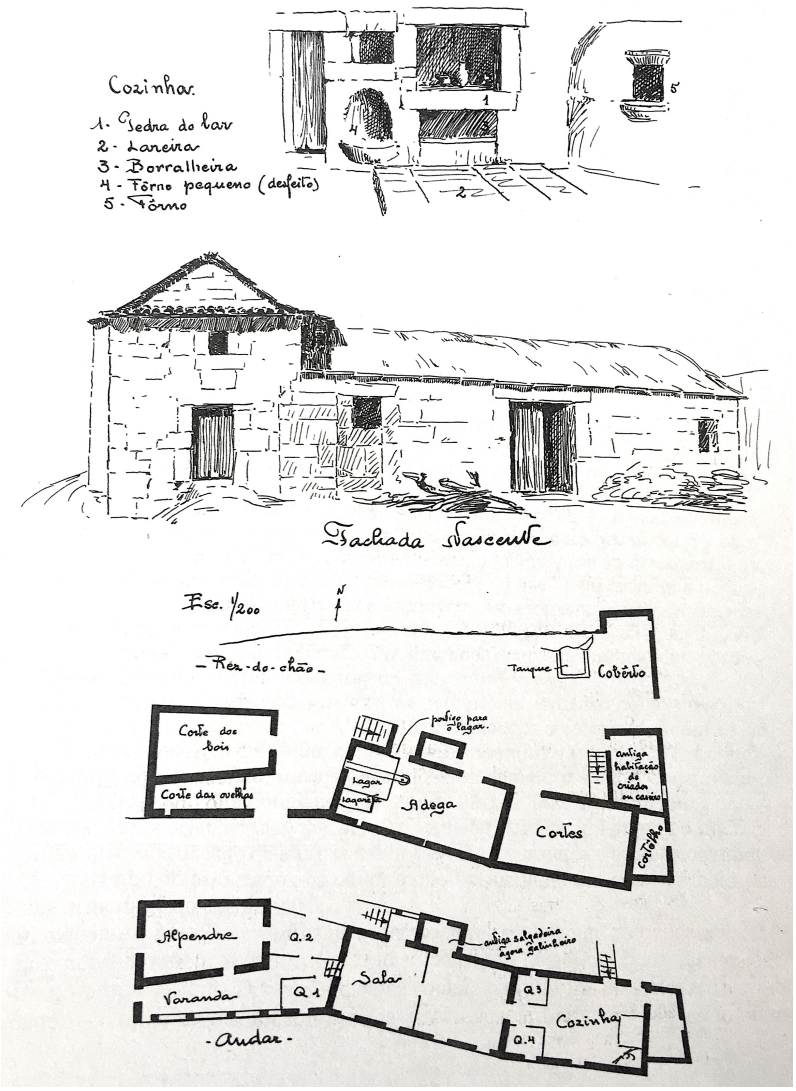


Fig. 7. Plantas do piso térreo e do piso superior em Celorico de Basto.

se vê a malha regular, os edifícios (mais ricos e eruditos) que perdem aquela relação.

Não houve traçados prévios que delineassem a estrutura dos povoados mas um parcelamento intuitivo das propriedades, adaptado à orografia e à qualidade dos terrenos, sobrando áreas mais pequenas e livres como os quintais. A escolha dos materiais das casas faz-se consoante as zonas, sendo de xisto (onde o solo é xistoso), de granito (onde há granito), ou com os dois materiais nas áreas de transição. As coberturas são de telha de canudo, lajes de xisto e colmo. A simbiose entre a construção das casas e o terreno é tão grande que, observando de longe a paisagem, é difícil avistar as aldeias perdidas. Sobressai, aqui e ali na paisagem, ora um castelo, ora um convento medieval, com a

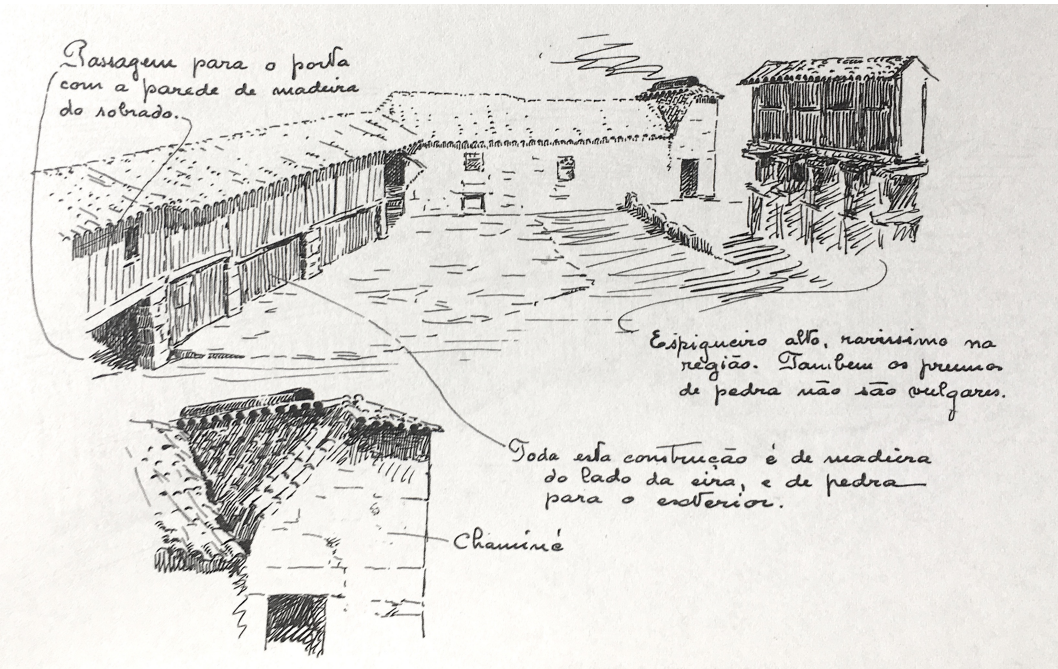


Fig. 8. Celorico de Basto. Duas casas de caseiros do mesmo proprietário, com eira comum, onde se observa também o espigueiro.

eventual existência de pelourinhos que enriquecem pequenos largos. Mas o elemento predominante das povoações são as igrejas, maioritariamente construídas a partir do século XVIII.[6]

As ruas foram as sobras, o espaço livre que restou do parcelamento desordenado e intuitivo do terreno, da configuração adaptativa dos edifícios que se foram construindo. Os caminhos que fazem a ligação entre os diferentes povoados são estrangulados, indefinidos, sinuosos e levam aos vários campos de cultivo. Alguns caminhos são lajeados com grandes

6 ANTUNES, Alfredo da M.; AZEVEDO, António. Arquitectura Popular em Portugal. 3ª ed., Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. Vol. 2. p. 15

pedras (herança romana), outros calcetados com pedra mais pequena. As ruas regulares e melhor pavimentadas ladeadas por edifícios encostados (sem espaços livres) encontram-se nas cidades ou nas vilas maiores. Quem não vive do campo encontra-se aqui, onde hoje vemos as ruas pavimentadas com cubos de granito ou com asfalto.

Podemos observar alguns largos, muitas vezes criados pelo alargamento das ruas para dar um desafogo à estrada, um adro à igreja, um lugar de comércio ou feira, uma eira, ou um espaço anexo a um edifício mais rico.

'A casa popular é um dos mais significativos e relevantes aspectos da humanização da paisagem, em que, na sua grande diversidade de tipos, afloram, com particular evidência, numerosos condicionalismos fundamentais - geográficos, económicos, sociais, históricos e culturais - das respectivas áreas e dos grupos humanos que a constroem e habitam'.[7]

A casa rural, ou as habitações rurais não são definidas pelos materiais que as materializam, nem pelas suas formas exteriores mas sim seguindo o seu plano interior, ou seja tendo em conta a relação diária entre o homem, o gado e as coisas, a vivência agrícola. A casa é o produto do homem do campo. 'Após a guerra de 1914-1918, quando se procedeu em França à reconstrução das aldeias devastadas, com a intenção de renovar a arquitectura rural e edificar novas casas segundo princípios racionais, encontrou-se por toda a parte a resistência do homem do campo que queria apenas "a sua casa", a sua antiga casa, aumentada, embelezada, de acordo com novas técnicas construtivas habitacionais e talvez mesmo com certos princípios estéticos e higiénicos elementares dos tempos modernos, mas edificada, a despeito disso, segundo os moldes do passado, com os preceitos de uma tradição sob muitos aspectos passiva'.[8]

Nesta região a estrutura arquitectónica fundamental das casas, divide-se em assobradadas (ou de andar) e térreas. A nível urbano e a nível rural as casas normais expressavam-se no térreo, em colocar o gado e arrumações, e no andar, para o habitar das pessoas. É a casa caracterizante das várias zonas de Entre-Douro-e-Minho, Trás-os-Montes, Beira Transmontana, Beira Alta e Beira Baixa. A somar à estrutura geral, anexos específicos ou dependências seriam (com menor ou maior dimensão) para as arrumações, o gado, as cortes, os estábulos, os palheiros, sequeiros ou espigueiros, as eiras cobertas, as lojas,

---

7 OLIVEIRA, Ernesto V. de; GALHANO, Fernando. Arquitectura Tradicional Portuguesa. 2ª ed., Lisboa, 1994. p. 13

8 OLIVEIRA, Ernesto V. de; GALHANO, Fernando. Arquitectura Tradicional Portuguesa. 2ª ed., Lisboa, 1994. p. 15

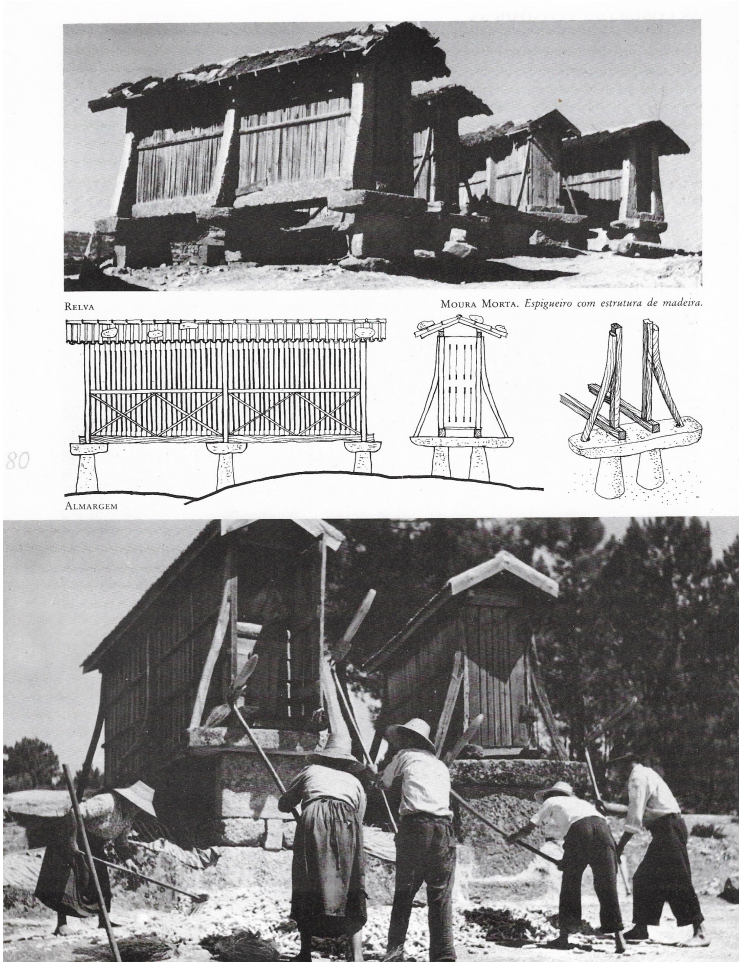


Fig. 9. Espigueiro com estrutura de madeira.

que muitas vezes se espalhavam em terreno aberto, terreiro, quinteiro, etc..[9]

O tipo dominante da arquitectura tradicional rural ou popular é, portanto, a casa de dois pisos. A planta predominante na arquitectura popular desta região é a planta quadrangular simples. O acesso exterior à habitação, no primeiro andar. Os interiores das casas são escuros e desconfortáveis, e o mobiliário é escasso e tosco. Dependendo da região, quase não existem chaminés. A casa popular define-se pelo seu carácter e pela importância das funções de três grandes espaços: a cozinha, a sala e os quartos. A sala é a dependência da casa de natureza cerimonial, relacionando-se com as solenidades como a visita pascal, entre outros acontecimentos festivos. Por isso situa-se logo à entrada da casa, onde há maior preocupação na decoração, melhores peças de mobiliário, onde o tecto de madeira, bem desenhado aproveita a inclinação do telhado. Aparece também uma divisão com funções imprecisas com a designação especial de 'o meio da casa', compartimento de luxo da casa, amplo, ou simples sala; ultimamente, cede lugar a um corredor. Os quartos são muito simples, com os tectos

9 OLIVEIRA, Ernesto V. de; GALHANO, Fernando. Arquitectura Tradicional Portuguesa. 2ª ed., Lisboa, 1994. p. 19

geralmente forrados a madeira, abrindo para a sala. A cozinha é a área essencial da casa, lugar onde decorre toda a vida familiar. Geralmente a cozinha é pequena e a sua peça fundamental é a lareira, o símbolo onde se faz o fogo e se cozinha. A lareira normalmente é uma laje de pedra sobre a qual se faz o fogo. Ainda pode existir o forno do pão, normalmente localizado ao lado da leira, num canto (embutido na grossura das paredes).[10] Na maior parte das casas não vemos chaminés, mas quando elas existem, recobrem a zona da lareira e do forno, apoiando-se no extremo por um prumo ou com a largura total da cozinha.

Um dos elementos principais da Arquitectura da Beira são as varandas alpendradas. Quando há boa economia estas varandas, um pouco maiores, fecham-se com amplos envidraçados. Verfica-se a existência de pequenos pátios ou 'eidos' vizinhos às 'lojas', que não são para o Homem mas para alojar os animais, para a criação do gado, para fazer o estrume com a palha a curtir que, depois, irá ingressar na terra e servir de cultivo.[11]

As casas podem ser de maiores ou menores dimensões dependendo da área rural; por vezes destacam-se na paisagem pelas suas proporções e os materiais comuns são a pedra, o granito e o xisto, por vezes a combinação dos dois.
Quanto às fachadas, são lisas apresentando fileiras de janelas corridas; o telhado com beiral (de quatro e três águas) que encontramos facilmente em povoações dispersas nas áreas de Entre-Douro-e-Minho e Beira. Por vezes pode haver paredes rebocadas ou caiadas exteriormente a branco, sendo frequente mostrarem um rodapé de cor, geralmente cinzento, e cunhais, beirais e guarnições de portas e janelas de cantaria, perpianho ou alvenaria.

'Nas fachadas lineares e lisas, além de raros ornatos, vêem-se apenas os beirais de telha, os rasgos das portas e janelas, a escada de pedra e o patamar alpendrado, uma ou outra varanda corrida. As aberturas são escassas, e ainda hoje é possível apresentarem simples portadas de pau sem qualquer vidraça'.[12] A cozinha pode localizar-se no nível térreo ou no andar; as escadas de acesso são em pedra e formam uma zona de alpendre exterior como uma varanda aberta que serve de logradouro. Existem muitos casos em que existe uma escada interior de madeira.

---

10 OLIVEIRA, Ernesto V. de; GALHANO, Fernando. Arquitectura Tradicional Portuguesa. 2ª ed., Lisboa, 1994. p. 43

11 ANTUNES, Alfredo da M.; AZEVEDO, António. Arquitectura Popular em Portugal. 3ª ed., Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. Vol. 2. p. 18

12 OLIVEIRA, Ernesto V. de; GALHANO, Fernando. Arquitectura Tradicional Portuguesa. 2ª ed., Lisboa, 1994. p. 35

‘O sistema de cobertura é normalmente de quatro águas, porém pode haver de duas ou três águas, já como alteração e solução especial que se relaciona com a localização da cozinha e chaminé no topo da casa em empena’.[13]

Na zona mais a norte sabemos que, no piso térreo se localizam as cortes, os estábulos, os currais e as pocilgas para os animais, a adega, o lagar, as tulhas, o palheiro e arrumações diversas; e que, o andar sobrado é dedicado aos aposentos para as pessoas (quartos, sala e cozinha). Mais a sul, em certas regiões da Beira Baixa, há uma inversão na casa: o sector da habitação é no rés-do-chão e no piso superior os arrumos ou o palheiro, e podemos ainda encontrar casas com três andares segundo a mesma lógica em que, no último piso, surge a varanda de pau.

A casa térrea resume a forma habitacional rural normal, definindo o estilo arquitectónico tradicional português, exprimindo o seu quotidiano, a sua economia, predominando sobre a casa assobradada.

13 OLIVEIRA, Ernesto V. de; GALHANO, Fernando. Arquitectura Tradicional Portuguesa. 2ª ed., Lisboa, 1994. p. 33

2

Quinta de Travanca

Características geográficas de Cinfães

O concelho de Cinfães, com a sua dimensão e freguesias, estabelecidas desde 1852, localiza-se no Distrito de Viseu, Região Norte e Sub-região do Tâmega e Sousa, com cerca de 3.300 habitantes. É limitado a pelos municípios de Marco de Canaveses (Porto) e Baião (Porto), a este por Resende (Viseu), a sul por Castro Daire (Viseu) e Arouca (Aveiro) e a oeste por Castelo de Paiva (Aveiro). O rio Douro limita o concelho de Cinfães com os do Marco de Canaveses e Baião. O rio Paiva define a fronteira com os concelhos situados a oeste e o rio Cabrum define a fronteira com os concelhos do lado este. Desde o Decreto de 24 de outubro de 1855, que estabeleceu as delimitações e freguesias de Cinfães, que este concelho é constituído por 14 freguesias ocupando um total de 239,29 km^2.[14]

As 14 freguesias de Cinfães são: Alhões/ Bustelo/ Gralheira e Ramires (união de freguesias), Cinfães, Espadanedo, Ferreiros



Fig. 10. Distrito de Viseu em Portugal.

de Tendais, Fornelos, Moimenta, Nespereira, Oliveira do Douro,

14 RESENDE, Jorge M. T. O Inventário Arqueológico de Cinfães - uma reflexão: O Inventário como ferramenta de Gestão, Divulgação e Conservação do Património Arqueológico. Dissertação, FLUP, 2013. p. 55

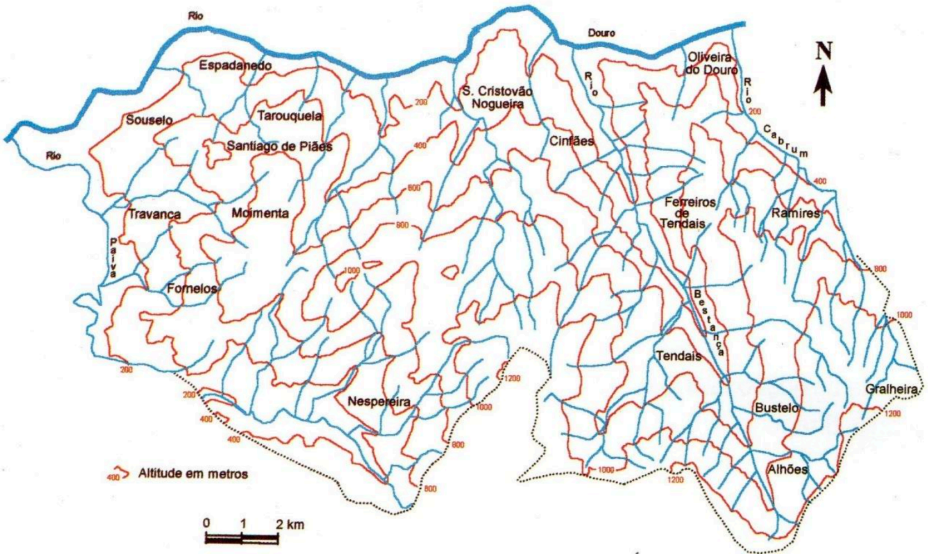


Fig. 11. Rede hidrográfica do município de Cinfães.

Santiago de Piães, São Cristovão de Nogueira, Souselo, Tarouquela, Tendais e Travanca.
Cinfães caracteriza-se, a norte, por uma paisagem montanhosa marcada pela Serra de Montemuro, com uma altitude máxima de 1382 metros. Neste concelho verifica-se a existência duma rede hidrográfica muito importante, com destaque para o rio Douro e os seus afluentes (rio Paiva e rio Cabrum). Ainda podemos observar o importante rio Bestança, o maior rio que nasce e desagua dentro dos limites do concelho de Cinfães.
O concelho de Cinfães é caracterizado pelo seu clima húmido da serra; durante todo o ano há corrente nos rios, mais forte nos meses de chuva de Inverno e mais fraca nos meses quentes de Verão. Isto faz com que o clima deste concelho apresente constantes térmicas perto do rio Douro, com frequentes nevoeiros, e chuvadas na área montanhosa. A temperatura vai variando conforme a altitude e a aproximação às áreas

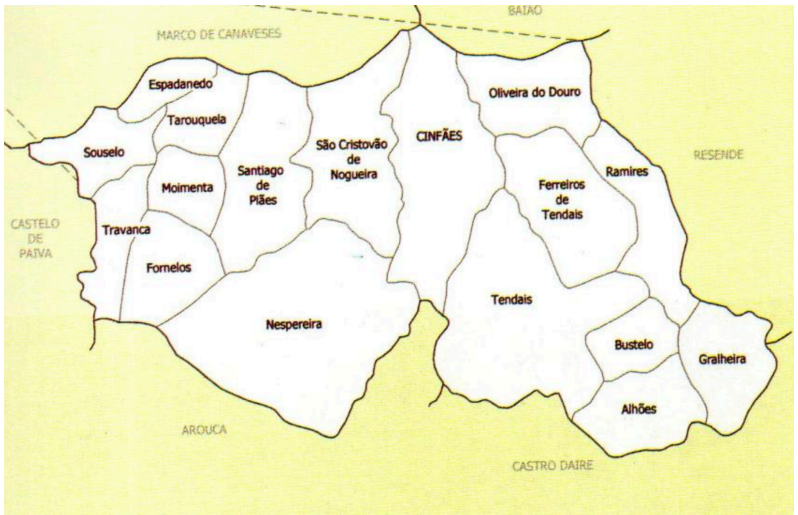


Fig. 12. Rede hidrográfica do município de Cinfães.

montanhosas. Os invernos são frios na região alta, amenos perto do rio, e os verões quentes na zona montanhosa e frescos nas zonas ribeirinhas.

A população tem uma boa rede de vias de comunicação, caracterizada por variados aglomerados ou núcleos mais ou menos distanciados entre si, que se adensam perto das principais vias ou centros do concelho. Estes aglomerados diluem-se perto dos vales do rio Douro e do rio Bestança.[15]

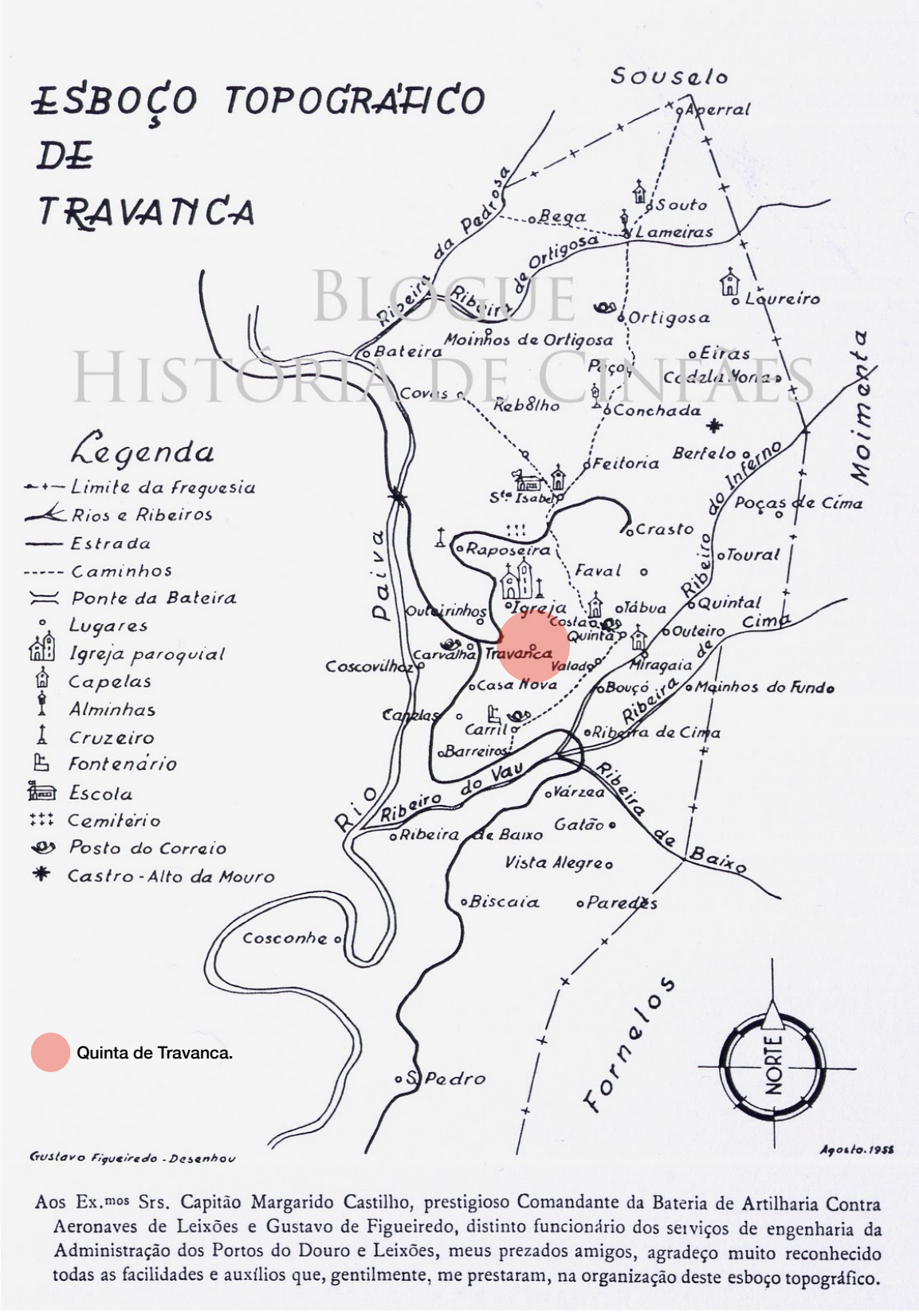
15 RESENDE, Jorge M. T. O Inventário Arqueológico de Cinfães - uma reflexão: O Inventário como ferramenta de Gestão, Divulgação e Conservação do Património Arqueológico. Dissertação, FLUP, 2013. p. 58



Fig. 13. Localização da cidade do Porto e da freguesia de Travanca em Portugal.



Fig. 14. Localização da freguesia de Travanca no concelho de Cinfães.



Aos Ex.mos Srs. Capitão Margarido Castilho, prestigioso Comandante da Bateria de Artilharia Contra Aeronaves de Leixões e Gustavo de Figueiredo, distinto funcionário dos serviços de engenharia da Administração dos Portos do Douro e Leixões, meus prezados amigos, agradeço muito reconhecido todas as facilidades e auxílios que, gentilmente, me prestaram, na organização deste esboço topográfico.

Fig. 15. Esboço topográfico de Travanca (1956).

Travanca. Enquadramento histórico

A Quinta de Travanca situa-se na freguesia de Travanca pertencente ao concelho de Cinfães. Esta freguesia portuguesa tem uma área de 4,98 km², onde vivem 829 habitantes (censo de 2011). Travanca é também conhecida por Travanca do Douro, Travanca do Paiva ou Travancas.



Fig. 16. Morfologia da Freguesia de Travanca.

A Freguesia de Santa Leocádia de Travanca, situada na margem direita do rio Paiva, talvez deva a origem do seu núcleo populacional original aos montes vizinhos e às suas fortificações castrejas, evidente na toponímia da região. Como exemplo, a nordeste o Monte de Castelo, vigilante guardião para Moimenta e Tarouquela. A nascente, que há dezenas de anos se dizia Castro de Aire, que nada se parece com o actual Castro Daire, e o Viso designação normal para Castelo e Castro.
Estes povoados castrejos, ainda por investigar na área circundante à freguesia, correspondiam a um 'habitat' datado do primeiro século a.C. que perdurou até ao segundo e, talvez, terceiro da nossa era, portanto contemporâneo das invasões romanas nesta parte ocidental da Península. As populações de então viviam amuralhadas em sítios altos, organizadas por famílias extensas, dedicadas fundamentalmente à pequena agricultura de subsistência e ao pastoreio de pequenos rebanhos.

Este 'habitat' foi tido pelos romanos como demasiado hostil e agressivo, talvez também, porque dele nada lhes interessava. Interessava-lhes, sim, que as populações vivessem a meia encosta e, sobretudo, que agricultassem os vales férteis e as

terras baixas onde, mais facilmente, poderiam implantar uma economia de excedentes cerealíferos e também imporem um controlo administrativo e fiscal. Assim desviaram as populações dos seus locais originais, integrando-as num novo 'habitat', momento de radicais transformações para as populações, com consequências decisivas no seu futuro. Travanca terá seguramente derivado desse ordenamento imposto e, se bem que parece difícil saber donde lhe veio o nome, não é difícil supor que tenha, eventualmente, derivado do nome dum grande proprietário hispano-romano que por aqui tenha organizado uma 'villa', tal como o nome Gatão ('villa' de um Gattoni) ou vir do baixo-latim 'trabanca' ('floresta cerrada, de árvores troncosas').

Entre os séculos XI e XIV aparecem de facto, como senhores de Travanca, os da família de Ramiro, ou Ramires, inicialmente protegidos por Garcia (1042 - 1090), rei da Galiza. Uma descendente desta família Ramires, Leodegunda Odores, de seu nome, doou os seus bens em Travanca ao Mosteiro de Pendurada. A documentação da época, diz-nos que também Egas Moniz tinha por aqui as suas propriedades que 'honrava', isto é, isentava do fisco geral devido à coroa. Esta região teria, pelo menos, dois casais, o que talvez tenha sido alargado à vila de Travanca no seu todo, dado o prestígio da família.

É um pouco difícil determinar todas as estirpes familiares que, por venda, doações, heranças e outros modos, aqui senhorearam terras e casais. No entanto, tudo isso se passava no foro civil porque, ao menos em parte, Travanca tinha a sua antiquíssima paróquia de Santa Leocádia (uma mártir de Toledo do séc. IV, sob o domínio do imperador romano Diocleciano), cujo culto poderá para aqui ter sido trazido desde os tempos dos primeiros concílios peninsulares.[16]

16 https://travanca.jfreguesia.com/freguesia/historia/?fbclid=IwAR1SIm2iVUHMmVDtrxS562kdZYqN-N1DtuOiElqM4x1gKIv-TEfsGHw1IVY

Quinta de Travanca

Segundo a sua escritura de dote (de 2 de Outubro de 1859), a Sr.ª Rosário Raimundo Pinto Tameirão recebeu como dote de sua mãe a 'Quinta de Travanca e para viver uma casa nova que se acha feita ao cimo do terreiro da mesma quinta´ (fig.as 17 e 18). Tendo em conta esta informação podemos concluir que aquela casa foi construída entre 1857 e 1859.

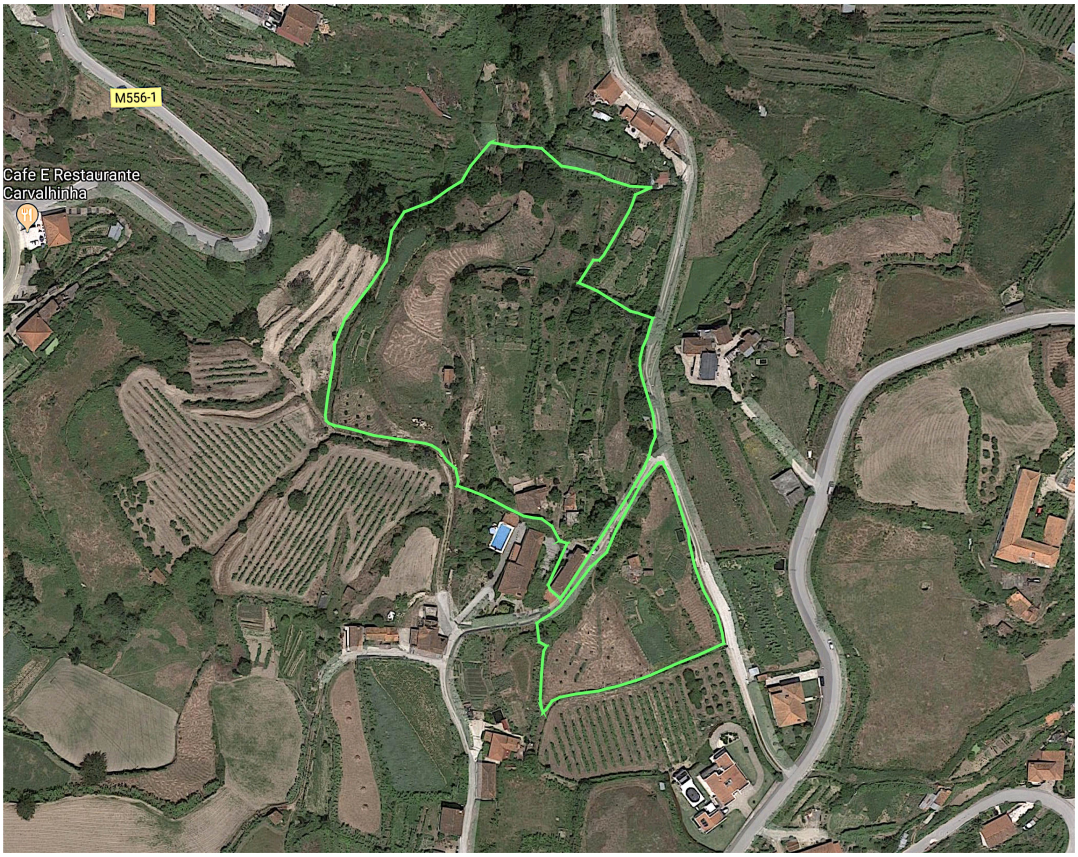
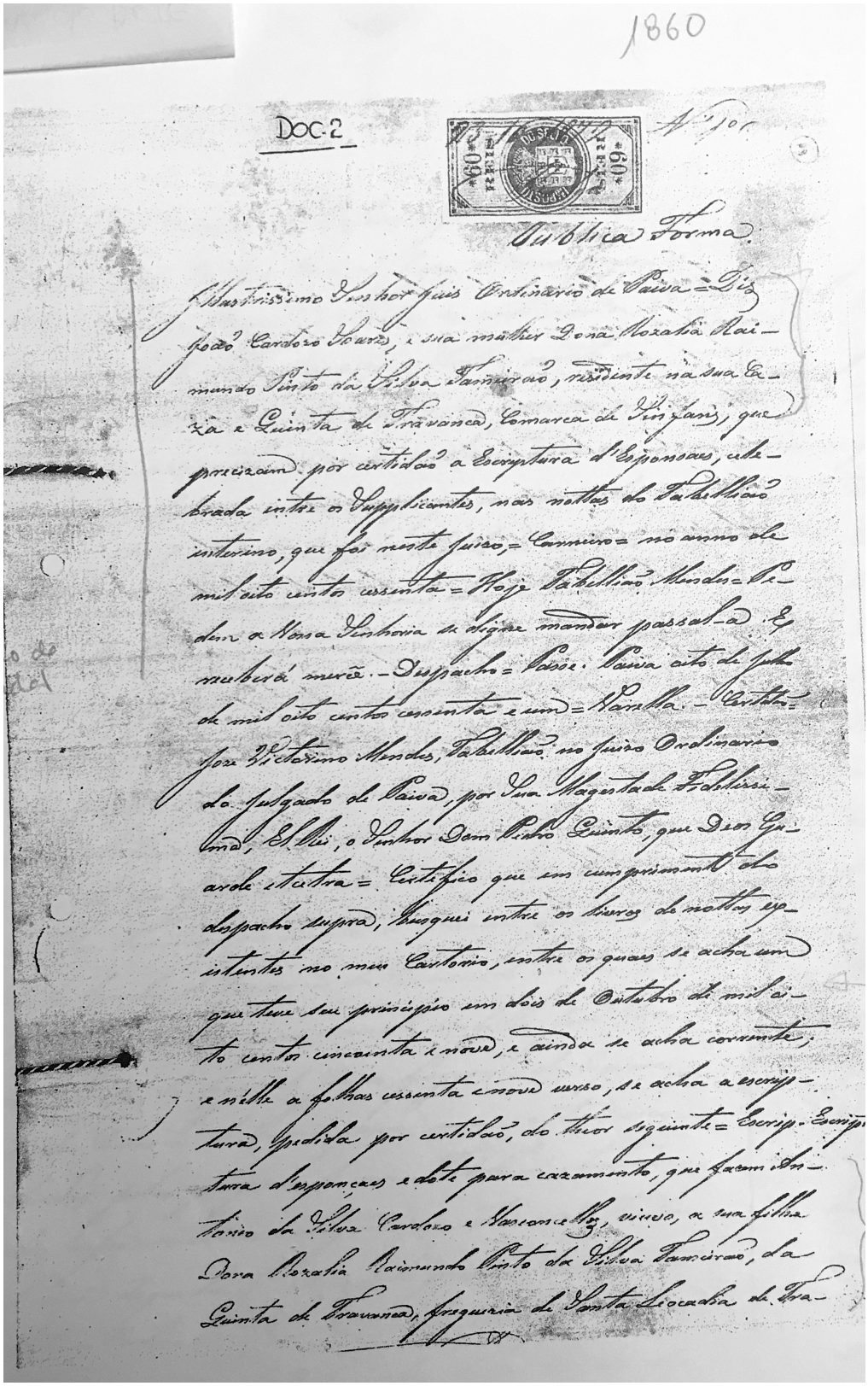


Fig. 17. Limites da Quinta de Travanca. Área pertencente a toda a família.


1860

Doc. 2

Publica Forma.

Illustrissimo Senhor Juiz Ordinario de Paiva = Diz João Cardoso Soares, e sua mulher Dona Rozalia Raimundo Pinto da Silva Tamuraõ, residente na sua Eguiza e Quinta de Travanca, Comarca de Vizeu, que precisam por certidaõ a Escriptura d'Esponsaes, celebrada entre os Supplicantes, nas notas do Tabellião interino, que foi neste Juizo = Carneiro = no anno de mil oito centos sessenta = Hoje Tabellião Mendes = Ordenou a Vossa Senhoria se digne mandar passar-lhe o que merecê mercê. - Despacho = Passe. Paiva acto de Julho de mil oito centos cincoenta e um = Varella. - Certidaõ = Jose Victorino Mendes, Tabellião no Juizo Ordinario do Julgado de Paiva, por Sua Magestade Fidelissima, El Rei, o Senhor Dom Pedro Quinto, que Deos Guarde etcetera = Certifico que em cumprimento do despacho supra, busquei entre os livros de notas existentes no meu Cartorio, entre os quaes se acha um que tem seu principio em dois de Outubro de mil oito centos cincoenta e nove, e ainda se acha corrente, e nelle a folhas sessenta e nove verso, se acha a escriptura, pedida por certidaõ, do theor seguinte = Escrip. Escriptura d'esponsaes e dote para casamento, que fazem Sebastião da Silva Cardoso e Mariana [illegible], viuva, a sua filha Dona Rozalia Raimundo Pinto da Silva Tamuraõ, da Quinta de Travanca, freguezia de Santa Eulalia de Tra-

Fig. 18. 'Escritura de d'esponçaes e dote para casamento' - folha 1. Conforme certidão passada de 8 de Julho de 1861. (arquivo em posse da família Lopes Lobo).

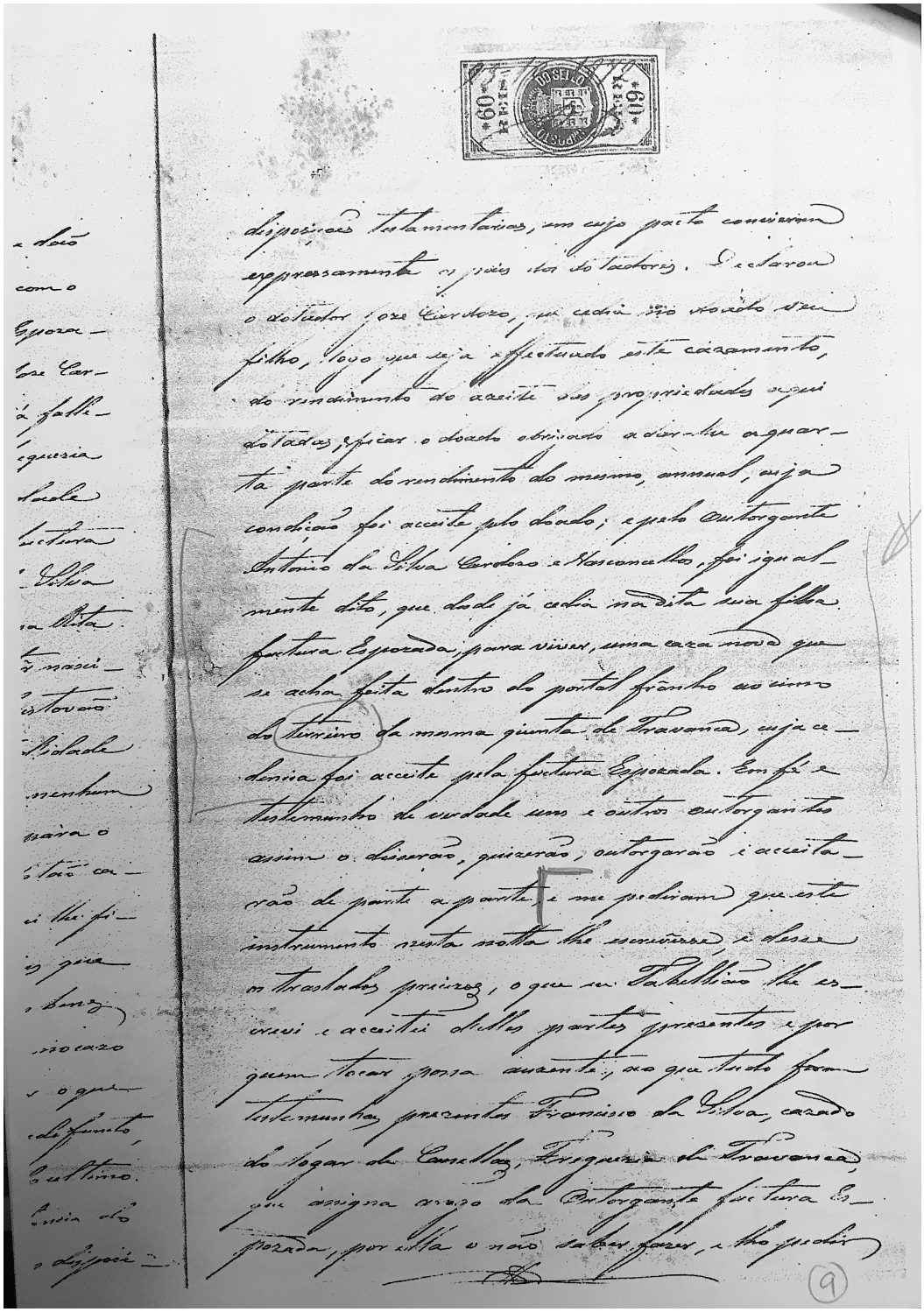


Fig. 19. 'Escritura de d'esponçaes e dote para casamento' - folha 9. Conforme certidão passada de 8 de Julho de 1861. (arquivo em posse da família Lopes Lobo).



Fig. 20. Levantamento Topográfico da Quinta de Travanca. Levantamento geral.

Actualmente a área total da Quinta de Travanca é de 16.925 m^2, sendo delimitada por três ruas: Caminho da Barroca a oeste, Rua da Devesa a este, e a Rua de Travanca, que divide o terreno da quinta em duas partes, a sudeste (fig. 19).

Segundo memórias de alguns familiares, o terreno e as divisões físicas nos dias de hoje são ligeiramente diferentes dos de antanho. Até há cerca de cinquenta anos, havia um caseiro que cuidava de toda a quinta. Inicialmente, em troca, ele tinha direito à habitação numa casa de baixo (incluindo família) e recebia um terço da colheita da quinta; mais recentemente o caseiro começou a receber metade da produção total do campo.

Depois da revolução de 25 de abril de 1974, houve uma mudança acelerada nos usos e costumes das áreas rurais, que levou a uma diminuição drástica da mão-de-obra para o trabalho no campo. Muitas pessoas emigraram, os filhos dos caseiros foram para as cidades e, com o passar dos anos, os caseiros foram-se reformando ou compravam as suas próprias casas, levando ao quase desaparecimento deste estatuto.

Na Quinta de Travanca, segundo memórias da minha mãe e tias, desde o seu nascimento viveram e trabalharam na quinta, sucessivamente, 3 famílias de caseiros. Eu só tenho memória da última que lá viveu.

Actualmente, o terreno da Quinta de Travanca é dividido por um caminho público, a Rua de Travanca (fig. 20). Na área maior do terreno localizam-se a casa principal, a casa dos caseiros, duas construções secundárias ao longo da encosta (que servem recentemente como arrumos e de apoio à actividade agrícola e pecuária) e um tanque de rega.

A área menor de terreno (denominado de ´Tapadinha´), separada da área referida antes pela rua de Travanca, está a uma cota mais alta, existindo aí uma eira ladeada por uma construção secundária (que serve também como arrumos e de apoio agrícola) e um espigueiro, possuindo também um tanque de rega na sua periferia, que dá com a Rua da Devesa.

Este terreno (´Tapadinha´) juntamente com a casa da Quinta de Travanca pertencerão aos meus pais após partilhas da herança de família.

No capítulo 4 faço uma análise específica desta área, caracterizando-a e avaliando a melhor localização para um eventual projecto de carácter temporário. O objectivo é criar a ideia inicial ou embrião de uma construção para tornar este terreno habitável e útil para a vivência futura da minha família, como casa de férias ou como visita de fim-de-semana.

3

Projecto em processo

JOSÉ CARLOS LOUREIRO [17]

> 'A todos os estudantes presentes, o carinho e este entusiasmo deste idoso não velho professor com o conselho que norteou toda a minha vida de arquitecto, de forma muito sintética: a arquitectura deve ter um sentido último, servir as pessoas o melhor possível, quer do ponto de vista da organização funcional dos espaços, do conforto físico, da integração no seu lugar, no seu sítio, sem deixar de ter na sua beleza capacidade emocional sobre as pessoas que nela vão viver, se possível ajudá-las a serem felizes.'

17 José Carlos Loureiro in Conferência: Homenagem 90 anos José Carlos Loureiro. FAUP, 2 de Dezembro, 2015

Linguagem da arquitectura

Arquitectura, etimològicamente do latim ‘architectura’, refere-se à ‘arte de edificar’. Podemos, no entanto, ir buscar outras definições:

1. ‘Arte e técnica de organizar espaços e criar ambientes para abrigar os diversos tipos de actividades humanas, visando também a intenção plástica.’ Daqui podemos retirar vários termos para a definir: arte, técnica, abrigo, plasticidade.

2. ‘Conjunto de obras arquitectónicas executadas em determinado contexto histórico, social e geográfico.’ Aqui destaca-se que arquitectura define-se como conjunto, ou não, num contexto histórico e social e com determinada localização.



Fig. 20. Representação gráfica de Marc-Antoine Laugier do Ensaio sobre Arquitectura.

3. ‘Maneira pela qual são dispostas as partes ou elementos de um edifício ou de uma cidade.’ Podemos pensar em organização e disposição. Apesar de falarmos de um edifício ou duma cidade, estes terão de ser pensados num todo e simultaneamente nas partes que constituem esse todo, dando o mesmo ênfase a todas elas.

4. ‘Conjunto de princípios, normas, materiais e técnicas usados para criar o espaço arquitectónico.’ Intuitivamente vemos esta definição como a base para se fazer arquitectura, que, de forma progressiva, terá de determinar um espaço a ser habitado.

5. ‘Elaboração de um empreendimento futuro; plano, projecto.’[18] Aqui são colocados mais dois termos.

Ao lermos estas variadas definições, constatamos que Arquitectura não nos parece algo exacto; trata-se de uma área do saber que engloba diferentes campos, diferentes conceitos ou termos, que devemos definir ou tentar perceber.

O mito da cabana primitiva de Marc-Antoine Laugier (fig. 20) é um exemplo da arquitectura como abrigo. É tida como uma síntese dos mais importantes princípios da Arquitectura, sendo visto como a verdadeira Arquitectura na sua essência, ou seja, sintetiza o momento em que o Homem se conhece pelo seu lado primitivo, revelando os seus instintos. Pelo desenho de Laugier, a cabana pode ser sintetizada através da coluna, do entablamento e do frontão.

Vitrúvio (séc. I a.C.) atribuía a origem da Arquitectura na ordem dórica, mas outros teóricos posteriores, desde o Renascimento ao Neoclássico, aceitaram a cabana como sendo a origem da Arquitectura, donde evoluiu para os templos de madeira e, mais tarde, para as ordens clássicas.

Aqui vemos a solução arquitectónica como resposta às necessidades básicas humanas: abrigo das intempéries e do clima, para as pessoas e para os animais domésticos, que podemos mesmo interpretar como a causa da sua origem. Actualmente, é claro que a Arquitectura tem de responder a vários requisitos, culturas e sociedades, com modos de vida muito próprios, necessitando por isso duma forte e permanente comunicação interpessoal, social e institucional.

A Arquitectura transmite mensagens que cada indivíduo, conforme o seu grau de cultura e do seu lugar na sociedade, terá de ser capaz de interpretar.[19]

Há uma analogia fácil de se fazer quando queremos interpretar Arquitectura: as pessoas que habitam o meio natural e estão em contacto contínuo com a Natureza são capazes de interpretar esses sinais do meio que as rodeiam, pois deles dependem para viver, prosperar e se sentirem seguras. Do mesmo modo, os habitantes das cidades e vilas, para terem êxito e sentirem

---

18 Apple Inc. (2005-2015). Dictionary, Version 2.2.1

19 LLORENS, Vicente M.; MAZA, Ricardo Meri de la. Leer para escribir: análisis arquitectónico. p.7

segurança, devem dominar ou ser capazes de interpretar os sinais que encontram no meio urbano, dos quais se destacam os símbolos arquitectónicos.[20]

Qualquer habitante de uma cidade necessita de um saber, para conseguir interpretar estes sistemas de sinais arquitectónicos, ao que podemos chamar de 'linguagem arquitectónica'. E os arquitectos devem ter um conhecimento alargado desta linguagem, para usar e saber produzir Arquitectura.
Uma leitura da Arquitectura que é feita por um habitante comum, por um cidadão, mantém-se a um nível inconsciente, ou seja, a sua atenção é permanentemente solicitada por um grande número de múltiplos estímulos, que estão continuamente em contacto com os seus sentidos. Mas um profissional de Arquitectura deve ser capaz, de forma consciente, voluntária e racional, de ler as mensagens que proporcionam a totalidade dum edificado. Não se trata apenas de reconhecer esses mesmos símbolos ou regras da Arquitectura, mas sim aperfeiçoar um método de análise, de 'leitura' sistemático, que não deixe ao acaso as mensagens que a cidade nos proporciona.[21]

A Arquitectura é uma linguagem ou actua como tal. É feita de leis, ou regras, que permitem uma articulação de estruturas complexas com um significado ou linguagem próprios. Podemos entender a Arquitectura como uma forma de linguagem, em analogia à linguagem escrita, ou seja, também na linguagem arquitectónica é preciso aprender a ler para poder escrever. [22]

Se exigimos que um arquitecto saiba escrever (produzir arquitectura), podemos esperar que alguns arquitectos saibam escrever poesia (fazer uma arquitectura excepcional). Em qual dos casos é necessário aprender a Arquitectura, a interpretar o que nos rodeia, seja a cidade ou o campo.[23]

---

[20] LLORENS, Vicente M.; MAZA, Ricardo Meri de la. Leer para escribir: análisis arquitectónico. p.7

[21] IDEM

[22] LLORENS, Vicente M.; MAZA, Ricardo Meri de la. Leer para escribir: análisis arquitectónico. p.8

[23] IDEM

‘A MEMÓRIA É SUPERIOR AO ESPAÇO. A ESPERANÇA É SUPERIOR À MEMÓRIA.’ [24]

Neste texto de Mariano Bayón ele refere que não existe tipologia em arquitectura. Não há materialidade de uma especialidade. No entanto o que ele refere é a mútua relação entre o sujeito e o material e vice-versa. Em que o sujeito neste caso se trata do arquitecto.
Isto dá-se da seguinte forma, em Arquitectura podemos ter ‘coisas reconhecíveis’ como que um embrião, e são reconhecíveis, pois reencontram-se na nossa memória, num lugar que já experienciamos. A experiência torna-se portanto algo correlacionado com a memória. E a memória e experiência é um acto colectivo que se traduz no tempo - no tempo de determinada obra. Mesmo que essa obra seja determinada pelo acto individual do arquitecto.
Bayón refere que na realidade só existem duas aproximações às edificações: a casa e o espetáculo. A casa que não é somente um vivenda. Templos sim são residências. Espaços de trabalho são residências. O lar é onde alguém estabelece raízes e se sente confortável, ou seja o interior. O espetáculo localiza-se no exterior. Para o turismo: hotéis, museus, a cidade museu (zona antiga). E a crítica aqui patente significa que quando este espetáculo é feito em torno de uma casa (seja um monumento ou uma casa feito por um célebre arquitecto), a casa deixa de ter a possibilidade de se tornar um lar.

Numa entrevista feita a Carlos Loureiro por exemplo foi lhe perguntado o que achava da Casa da Música. E notou-se um certo afastamento do arquitecto de edifícios espetáculo:

‘Não gosto muito, devo confessar. É um pouco a mesma coisa que o Gehry. Aquela forma, podem dizer-me que é simbólica. Mas por que raio é que um edifício deve parecer-se com um diamante? Depois, tem coisas graves do ponto de vista da segurança, como as escadas, onde já caíram pessoas. E não sei como é que aquilo se vai comportar com o tempo.’

A Arquitectura vive em constante relação com o contexto e com o tempo, e este tempo é sempre um acto individual e coletivo, actos estes que não devem propor arquitectura espetáculo, mas sim arquitectura para o tempo e para o contexto da situação numa relação próxima e necessária entre a matéria ou material e o profissional ou arquitecto.

---

24 BAYÓN, Mariano; Pensamientos provocados por dos viviendas de Zumthor. in Revista: Arquitectura COAM 361, 2010. p. 57

Linguagem do habitar

No seguimento de um desenvolvimento da aprendizagem da linguagem da Arquitectura, vamos-nos centrar no campo da habitação, da casa, do lar, para isso usando um estudo feito num livro: 'Patterns of Home - THE ESSENTIALS OF ENDURING DESIGN'. Inspirado pelos estudos já feitos, sobre padrões na arquitectura 'A Pattern Language', de Christopher Alexander, os arquitectos deste livro definiram mais de 200 ideias de design, que apelidaram de 'padrões'. Os estudos feitos neste livro tornaram acessível para aqueles que não têm prática no terreno, o que é a 'arquitectura residencial', 'o desenho do edifício' e 'o planeamento da cidade'. Aí podemos encontrar a explicação de determinados padrões de comportamento e da forma que formulam uma experiência, num dado espaço na casa, tanto do espaço exterior como do espaço interior.

Tendo como base um conjunto de 250 padrões que afectam a maneira como nós vivemos, haverá alguma contribuição para a 'filosofia do desenho' ou da 'linguagem do habitar'? Naquele livro é feita uma análise de 10 casos práticos para a compreensão de padrões do desenho residencial, do qual será retirado a regra, ou a descrição do que é cada padrão. Parecendo simples à partida, a aplicação de cada um destes padrões ou ideias pode transformar a casa num lugar mais agradável para viver. Os autores deste livro passaram a maior parte das suas vidas profissionais a aplicar estes padrões, e a conclusão é positiva.[25]

De forma geral, padrões são regras de desenho, são princípios intuitivos, que gerem o trabalho do desenho. E são estas 'regras gramaticais' que permitem aos arquitectos 'falar fluentemente', criando 'frases bem construídas'. Há assim um 'design' fluído que permite criar um edifício bem desenhado. O livro 'A Pattern Language' enfatiza os padrões gerados directamente do modo como a pessoas usam e experienciam os edifícios, deparando-se com situações como a criação dum balanço de luz natural num quarto, a criação duma circulação fluída e graciosa pelos quartos, a organização dum edifício de modo a tornar possível o conforto em todos os espaços ao seu redor. O livro contém profundos conhecimentos sobre como fazer resultar edifícios, e o que os torna de facto agradáveis.

Os vários anos de prática e de ensino, levaram à constatação de que variados padrões originais retêm a intuição da 'luz em dois lados', 'transição de entrada' e 'farmhouse kitchen', que são uma constante na linguagem do desenho - muitos outros foram

---

25 JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 3

sobre-valorizados ou são simplesmente irrelevantes para os problemas encontrados. Enquanto parece que a noção original - boas casas são feitas de profundos padrões tradicionais, enraizados na experiência humana - é ainda válida, a prática mostra que os padrões realmente iniciais são muito poucos em quantidade. E este pequeno grupo de padrões são mais 'poderosos'.

PADRÕES CRÍTICOS [26]

Havendo várias dezenas, até centenas, de padrões de como fazer casas, existem apenas alguns que poderemos classificar como essenciais. E estes são padrões muito mais relacionados e correlacionados. Quando usados com sucesso são como facetas de uma coisa só, como se funcionassem num concerto musical, despertando sentimentos que nós associamos à CASA /LAR. Retirado do todo, surge uma lista perfeita de 10 padrões, ou 10 grupos de padrões. Mas estes padrões da casa, nunca são, a casa em si. Um bom edifício, ou uma boa arquitectura será sempre algo mais além dos padrões que ela contém.

Determinadas casas deslumbram-nos com o poder da luz natural na parede, a verdade dos materiais, o prazer dos espaços exteriores, as proporções entre a altura e a largura nos quartos, a sensação de chegada, a sensação de abrigo ou de refúgio de um determinado espaço.

Esta tentativa de perceber, de resumir ou de definir estes padrões aumenta o nível de conhecimento, abrindo assim portas a uma linguagem e experiência que podem tornar os arquitectos melhores desenhadores do espaço.

São analisados 10 padrões, no livro 'Patterns of Home - THE ESSENTIALS OF ENDURING DESIGN'; cada um é demonstrado através de casos concretos ilustrados por imagens; as imagens desses casos poderão ser usadas para ilustrar cada padrão, mas a finalidade será identificar alguns desses padrões numa determinada casa escolhida por mim.

Uma casa bem relacionada com o contexto, sem dúvida que terá uma boa iluminação natural, criando espaços de vivência entre o 'dentro' e o 'fora', o interior e o exterior. Estes padrões pretendem iluminar a nossa compreensão do LAR/CASA.

---

26 JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 5

DESCOBRINDO A ESSÊNCIA DA CASA [27]

Desenhar uma casa nova ou mudar significativamente uma existente, é um processo de procura - tal como os exploradores, os arquitectos e os clientes trabalham juntos para descobrir um novo lugar. Mesmo para os arquitectos com várias casas desenhadas, construídas em diferentes sítios e para diversos clientes, uma vez que se começa a desenhar um novo projecto, sente-se o começo de uma longa jornada, um novo rumo, procurando um novo sítio nunca antes visto nem pelo arquitecto, nem pelo seu cliente. Parece um processo paradoxal quando está tudo concluído, o projecto acabado, e os clientes chegam e sentem que esse novo lugar é 'familiar', dizendo algo como 'era isto mesmo que tinha em mente'.

Projetar uma casa é um processo criativo dum lugar simultaneamente novo e antigo: novo, como uma nova resposta às condições existentes na vizinhança, contexto, clima, programa, orçamento; antigo, com profundas qualidades familiares, independentemente da localização, do orçamento, do tamanho, tornando aquele lugar num novo espaço, num novo lar.

Estas qualidades intemporais em Arquitectura são o que se pensa ser a essência da casa:

> 'A essência de uma casa é uma noção que, enquanto difícil de descrever de forma abstracta, deve ser percebida e apreendida intuitivamente'.

O ADN DA CASA [28]

Como indivíduos partilhamos uma genética material comum, o que faz com que haja uma posse de partilha do sentimento sobre a essência da casa - baseada nos nossos mais profundos instintos espaciais, na nossa experiência comum do que é a gravidade, na dependência desde pequenos das nossas 2 pernas, na necessidade do Sol, do refúgio e da pertença a um lugar, nos nossos desejos de estarmos sozinhos e, simultaneamente, juntos e na nossa busca simultânea de ordem e de variedade.

Basta pensar em lugares onde nos sentimos bem - confortáveis, equilibrados, dinâmicos, vivos - e, depois, retirar deles as qualidades e características que eles proporcionam.

Isto é o que os arquitectos fazem, 'chamando' ou recorrendo aos seus sítios favoritos, encontrando-se com os clientes para

---

[27] JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 7

[28] JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 8

planear o projecto, desenhando e experienciando as casas que resultam, visitando edifícios que admiram ou os que são uma referência, relembrando os seus erros ou sucessos ao longo dos anos.

Durante a sua carreira de trabalho com casas e edifícios, os arquitectos desenvolvem um sentido instintivo para o padrão básico - a ordem base ou princípio que define uma casa; e cada projecto, embora exija o trabalho paciente de uma nova descoberta, é também um processo de aplicação deste padrão base, como se fosse um novo (diferente), aprendendo dele formas infinitas.

SOBRE PADRÕES | ESTAR EM CASA [29]

Todos temos noção dos espaços e das suas qualidades: entradas que convidam, cozinhas onde nos dão prazer permanecer, quartos que nos parecem adequados, outros que não funcionam como tal. Enquanto há muitas coisas que são subjectivas - o gosto, as preferências, os desejos - há uma definição concreta sobre o termo ‘essência’ que pode ser valorada numa extensa variedade de casas - pequena ou grande, tradicional ou moderna.

Como capturar esta qualidade essencial para criar casas que são memoráveis, satisfatórias e duráveis? Após desenhadas 100 casas, a chave é a aplicação de um grupo de conceitos de design - ao que chamamos de padrões - que se focam na experiência do ‘estar em casa’.

Edifícios desenhados usando esta estratégia podem ser de qualquer estilo, encaixar em qualquer território, abraçar diferentes aglomerados familiares, para pequenos ou grandes orçamentos. Os padrões podem ser usados para avaliar edifícios existentes, para ajudar em planos de remodelação ou para conduzir o desenho desde o ‘nascer’ do projecto.

---

[29] JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 8

CONSTRUIR

'Construir uma casa tornou-se uma aventura. É preciso paciência, coragem e entusiasmo."
Quando deparado com qualquer projecto, penso que o mais difícil será a aceitação de futuras críticas e de inúmeros e infinitos ajustes até ao projecto final, até ao finalizar de tudo. Há um medo, ou uma defesa inconsciente que nos persegue desde o primeiro passo.... Penso que o arquitecto Álvaro Siza Vieira quer dizer isto quando refere que 'construir uma casa' se relaciona com uma 'aventura', dai a 'paciência' quando bloqueamos nalguma fase do projecto, a 'coragem' para resistir e persistir para avançar o projecto, e claro o 'entusiasmo' pois a meu ver sem ele, o final do projecto não será o procurado nem o que o arquitecto idealizou.

'Subitamente, por vezes, às vezes lenta e penosamente. Tudo depende da possibilidade e da capacidade de encontrar estímulos - bengala difícil e definitiva do arquitecto'.

'Se as suas transfigurações não são compreendidas, ou dos seus desejos é satisfeito mais do que o essencial, torna-se um monstro. Se tudo quanto nele parece evidente e belo se fixa, torna-se ridículo. Se é demasiadamente contido, deixa de respirar e morre'.

Álvaro Siza refere que é importante mantermo-nos sempre perto do equilíbrio do que é essencial para o projecto, sem fugir para os dois polos opostos existentes, não exagerando partes, nem pecar por retirar em demasia.

'O projecto está para o arquitecto como o personagem de um romance está para o autor: ultrapassa-o constantemente. É preciso não o perder'.

Aqui nota-se perfeitamente que se faltar entusiasmo e um acompanhamento profundo ao longo do projecto, este perderá interesse, e acaba por ficar indefinido, sem caráter, acabando por ficar desinteressante ou até mesmo incompleto, mesmo que, à primeira vista, pareça completo. Quero dizer com isto que o acto de projectar ou de fazer arquitectura é algo que nos toma a atenção e o foco a um nível constante quase sem pausas, para que a essência de qualquer projecto não se perca.

30 VIEIRA, Álvaro Siza. 01 textos. Porto: Civilização ed., 2009. p. 25

OS 10 PADRÕES ESSENCIAIS [31]

1| HABITAR O SÍTIO
Pensar a casa e o seu lugar como um só mas também como partes formadas pelo um todo, um ambiente maior.

2| CRIAR ESPAÇOS DENTRO-FORA
Edifícios dão forma aos espaços interiores mas também aos espaços exteriores que os rodeiam.

3| COBERTURA COMO ABRIGO
O telhado é um símbolo para o termo 'casa/abrigo' (casa primitiva) e deve exprimir como a casa é vivida.

4| CAPTURAR A LUZ
Uma casa deve abrir-se para a luz e para a seguir, assim como captar o calor do Sol.

5| PROPORÇÃO DAS PARTES
Equilíbrio e o caminho ritmado dos vários espaços, em que cada parte/espaço determinada uma dada sequência, uma ordem hierárquica, que deve ser sempre sensível ao todo.

6| ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO
O conforto de um quarto ou da casa, relaciona-se directamente com todos os espaços pela 'forma como percorremos neles'.

7| ESPAÇOS PRIVADOS E NÚCLEO PRINCIPAL
Ao contrário de um espaço de transição que nos faz mover sobre ele, um quarto é concebido para manter actividade, focar a vivência num determinado espaço da casa. O equilíbrio e a dualidade dos vários espaços de encontro e de desencontro.

8| REFÚGIO E O OLHAR PARA O EXTERIOR
Estar, mas observar ou olhar o horizonte. Espaços que nos transmitem conforto e segurança interior e que nos direcionam a visão para o exterior da casa.

9| ESPAÇOS TRANSITÓRIOS
Espaços intermediários, com ligação ao exterior, que nos fazem percepcionar a aproximação ao exterior da casa. Suavizam a nossa chegada ao limite do abrigo, mas continuamente fazem sentir proteção e conforto devido à sua proximidade com a entrada.

10| COMPOSIÇÃO E MATERIAIS
A casa construída é feita de materiais, cores e texturas, de forma a exprimir-se em cada espaço, tanto pelo interior como pelo exterior.

---

[31] JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 10-17

ÁLVARO SIZA VIEIRA [32]

VIVER UMA CASA

'Nunca fui capaz de construir uma casa, uma autêntica casa. Não me refiro a projectar e construir casas, coisa menor que ainda consigo fazer, não sei se acertadamente.'

Álvaro Siza com esta frase deixa um pensamento no ar que nos faz questionar se realmente todo o arquitecto que projecto realmente cria os espaços exactamente como eles vão ser vividos ou simplesmente delimita algumas regras consoante o desenho que determina.

'A ideia que tenho de uma casa é a de uma máquina complicada, na qual em cada dia avaria alguma coisa: lâmpada, torneira, esgoto, fechadura, dobradiça, tomada, e logo cilindro, fogão, frigorífico, televisão ou vídeo; e a máquina de lavar, ou os fusíveis, as molas das cortinas o fecho de segurança'

A verdade é que a arquitectura cria espaços que vão dar lugar colocação de objectos que sistematicamente vão reduzindo o espaço original a um ponto em que a ordem pode transformar-se num verdadeiro caos. Mas devemos chamar isto de vivência na arquitectura criada, ou outro género de arquitectura. Arquitectura sobre arquitectura, que sucessivamente diminui os espaços a corredores, zonas para nos sentarmos, zonas de arrumação, espaços para cozinhar, fumar, dormir, trabalhar…

32 VIEIRA, Álvaro Siza. 01 textos. Porto: Civilização ed., 2009. p. 133

O QUE É UM PADRÃO ?

Padrão pode ser definido como uma descrição, de nível mais ou menos complexo, duma solução.

Todos estamos familiarizados com padrões no nosso dia-a-dia, durante toda a nossa vida. Usamo-los para criar refeições (receitas, planos alimentares, guias de cozinha), para confeccionar roupa e, geralmente, para organizar a nossa aproximação para resolver problemas.

FUNCIONAMENTO DOS DIFERENTES PADRÕES ENTRE SI

Na verdade, todos estes diferentes padrões, são partes de um todo. E são, frequentemente, usados vários padrões em simultâneo, dependendo do espaço e do contexto.

Assim, os padrões são usados para levantar questões, avaliar ideias, enriquecendo a nossa habilidade de pensar conceptualmente sobre casa projecto que, entretanto, poderemos ter em mãos.

PADRÕES EM HARMONIA

No seguimento dos 10 padrões essenciais atrás referidos, é importante saber que, de certa forma, a gama de padrões seleccionada é arbitrária - tanto em número e como na forma. Isto significa que alguns arquitectos até poderiam escolher apenas uma gama de 8 padrões, enquanto outros ainda menos. Mas, na experiência em causa do livro em questão (‘Patterns of Home’), foram seleccionados e mapeados 10; um grupo de padrões que formam o cerne ou a essência para a criação eficaz de uma casa bonita e confortável, à qual poderemos chamar de lar.

A questão principal não se centra na individualização de cada padrão, mas sim na forma como se inter-relacionam entre si. Por vezes, para se fazer uma investigação correcta, há que separar e, neste caso, foram individualizados os 10 padrões; mas só porque isso ajuda no foco e no pensar cada um deles, assim como na forma como poderemos usá-los, e aplicá-los naquilo que queremos projectar ou desenhar. Na verdade, esta estratégia só funcionará se todos eles se encaixarem uns nos outros como elementos dum organismo só, em uníssono, como partes de um todo que, no final, se materializará numa casa. Ou seja, quando nos é dado ver uma fotografia de parte de uma casa, e ali não se identificando apenas um padrão, mas sim 2, 3 ou 4 padrões, será sempre muito difícil exemplificar, de forma autónoma, cada um deles.

ESSENCIALMENTE

'A minha preocupação principal em desenhar, suponhamos, uma cadeira é a de que pareça uma cadeira'

Quando leio esta frase, lembro-me logo da necessidade que estudando no área das arte, de ser original, criar algo esquisito só na tentativa de me tornar original ou diferente. Quando na verdade o que é preciso é mantermo-nos ligado à história do objecto ou do tipo de arquitectura que queremos fazer em questão. Pois tudo já foi inventado, e tudo acaba por passar de reinterpretações da história, e do nosso passado, quer se trate de arquitectura ou de design.

'Todos os objectos têm uma história. E contudo, vistos à distância, podem ser ligeiramente diferentes e é exactamente nesta ligeira diferença que se esconde o seu verdadeiro significado no tempo'.

'As reflexões de Adolf Loos sobre o design, importantes e actuais, sublinham como a necessidade, ainda mais do que a arte, é o fundamento primeiro para se alcançar um objecto perfeito'.

'Esta palavra, banalidade, tem um significado ambíguo. Neste caso utilizo-a não para dizer sem interesse, sem qualidade, mas sim no sentido da disponibilidade na continuidade'.

'O exercício da observação é prioritário para o arquitecto. Quanto mais observamos, tanto mais clara surgirá a essência do objecto. E esta consolidar-se-á como conhecimento vago, instintivo'.

Álvaro Siza refere que é importante acompanhar a história de um dado objecto, e perceber as diferenças que foram mudando ao longo tempo, no desenho dele mesmo. E prestando atenção ao uso banal dele, tendo em atenção a forma como é usado e continua a ser usado ao longo do tempo, e que com uma observação contínua e atenta, que deve ser o olhar do arquitecto conseguimos atingir a essência daquilo que queremos desenhar, de forma intuitiva. Seja um cadeira ou uma casa, são palavras chave no exercício da arquitectura.

33 VIEIRA, Álvaro Siza. 01 textos. Porto: Civilização ed., 2009. p. 237

CARACTERÍSTICAS DE CADA PADRÃO

PADRÃO Nº 1 | HABITAR O SÍTIO

A não ser que alguém tenha a sorte de viver num barco ou numa ‘casa a motor’, uma casa está sempre ancorada a um pedaço de terra. Como uma árvore que se agarra à terra, através das suas raízes, à procura de água e nutrientes, e cresce perante a luz solar que consegue receber, uma casa deve sempre nascer e crescer do sítio onde é pensada. Se assim for, ela vai parecer integrada naturalmente como parte única do contexto do sítio e da localização, como uma árvore pertencente a uma floresta. Quando a casa consegue pertencer ao seu terreno, o sítio torna-se, naturalmente, habitável.

PERTENCER AO SÍTIO

A primeira etapa passa por planear a localização da casa no terreno. Decidir qual a localização da zona principal da construção e onde serão colocados os caminhos pavimentados, as ruas, e os jardins. Cada escolha de uma destas questões dará seguimento à próxima. É portanto essencial resolver estas questões, pois, se estas não estiverem bem resolvidas, será muito difícil remendar com outros processos de desenhar a casa, ou só através dos padrões restantes.

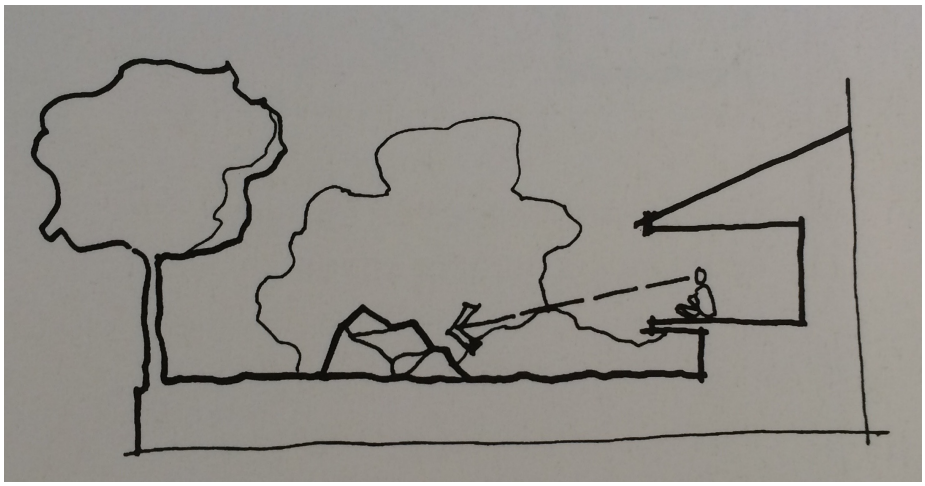


Fig. 21. Um elemento natural do terreno é facilmente visto da casa. Cria uma oportunidade de ligar a casa ao terreno.

A orientação em relação ao Sol deve ser calculada conforme as estações do ano, sendo as aberturas ou vãos indispensáveis para criar a oportunidade duma ‘espreitadela’ inesperada para o sítio ou contexto do terreno (fig. 21); por exemplo, uma rocha ou uma árvore pré-existente ou uma vista dramática que termina com um pôr-do-sol (fig. 22).

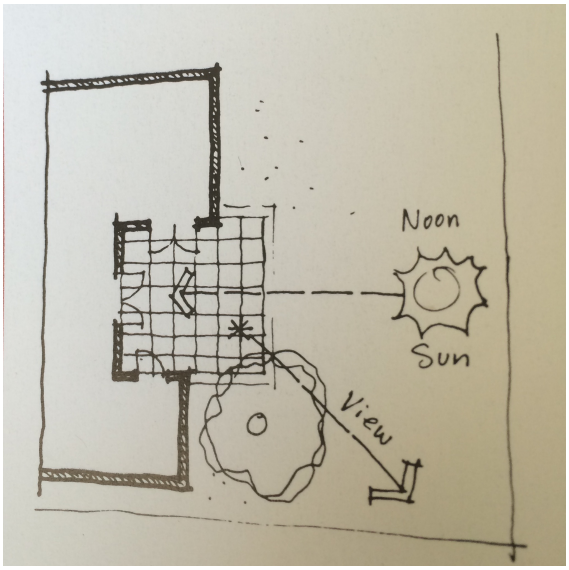


Fig. 22. A forma do edifício convida a um espaço exterior na fachada sul.

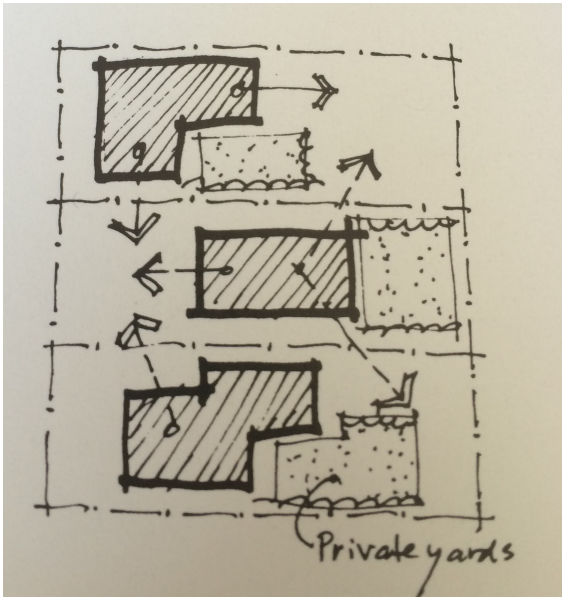


Fig. 23. Localização cuidadosa relacionando os edifícios vizinhos, partilhando a mesma vista, usufruindo cada um dos restantes espaços exteriores.

A localização da casa pode definir tanto uma fachada principal atractiva virada para a rua, como um outro lado, mais privado e seguro da casa; e, correspondendo ou tendo em atenção as habitações vizinhas, ser possível partilhar a vista ou o encanto do terreno exterior com todos (fig. 23).

UMA CASA NA NATUREZA

Uma casa precisa de estabelecer uma relação com a Natureza. Quer nos subúrbios, quer nos centros urbanos de um país, há sempre uma variedade de atributos para utilizar as vistas, o Sol e

o contexto, com a finalidade de criar um balanço confortável. Isto tudo consegue-se estendendo os ‘braços’ da casa para fora, de encontro a um futuro jardim ou a um recanto natural.

Em terrenos com vistas ou luz solar limitadas, ou um espaço limitado para jardim, é necessário convidar a Natureza para dentro da casa com, por exemplo, o uso de treliças ou vasos com plantas, fazendo penetrar a luz e ar exteriores para dentro do coração do edifício. A casa cria um habitat para a Natureza crescer no nosso dia-a-dia, e as plantas enriquecem e tornam os edifícios mais envolventes.

Alguns locais são dominados pela Natureza, com vistas esplêndidas, cascatas naturais, ou leves brisas do mar. A natureza humana, tende a construir de forma segura ao redor da Natureza para permitir perspectivas e percursos que nos levem ao interior da natureza selvagem. Para estes locais, os edifícios enriquecem e tornam moldável a Natureza.

Em todos os casos, o objectivo será dar um nó forte entre a casa e o terreno, para que as pessoas que ali vivam possam experienciar a Natureza de forma confidente e profunda.

A partir daqui, há vários passos que devem ser tomados para planear e como construir a casa no terreno.

Como usar o padrão:

1. Proteger o coração do sítio - colocando vias e estacionamento nas periferias (nada divide mais que a construção de uma rua) e bloqueando a vista com edifícios ou árvores.

2. Colocar os espaços sociais e comuns na zona mais pública do terreno - (tipicamente em frente) como proteção da zona mais privada, colocada na parte mais remota.

3. Decidir que parte do terreno é a mais especial - e preservá-la. Colocar a casa perto o suficiente para desfrutar desse sítio, mas afastada o suficiente para não estragar esse recanto.

4. Estender as asas do edifício, decks e paredes de jardim para fora, de encontro à Natureza, para envolver ao máximo a casa no terreno.

5. Orientar as asas do edifício e os quartos para as melhores vistas.

6. À medida que se localizam e organizam os principais elementos do edifício no terreno, tentar contribuir de forma positiva para o contexto da localização do edifício, para a periferia e para a vizinhança.

PADRÃO Nº 2 | CRIAR ESPAÇOS DENTRO-FORA

À medida que percorremos um terreno vazio objecto duma futura construção, o instinto natural é de pensar, ‘a cozinha será aqui…a sala de estar pode ser direcionada para esta vista…’ Tendemos a imaginar e a pensar os espaços principais da casa e de que forma eles devem ser orientados, para se encaixarem perfeitamente no terreno. Mas uma casa, pela sua grande presença no terreno, cria, simultâneamente, espaços exteriores e espaços interiores. E os espaços exteriores devem ser bem pensados e proporcionados como os espaços interiores. Numa casa bem desenhada, há um equilíbrio vivo entre os espaços interiores e exteriores, como um correlação que domina o terreno.

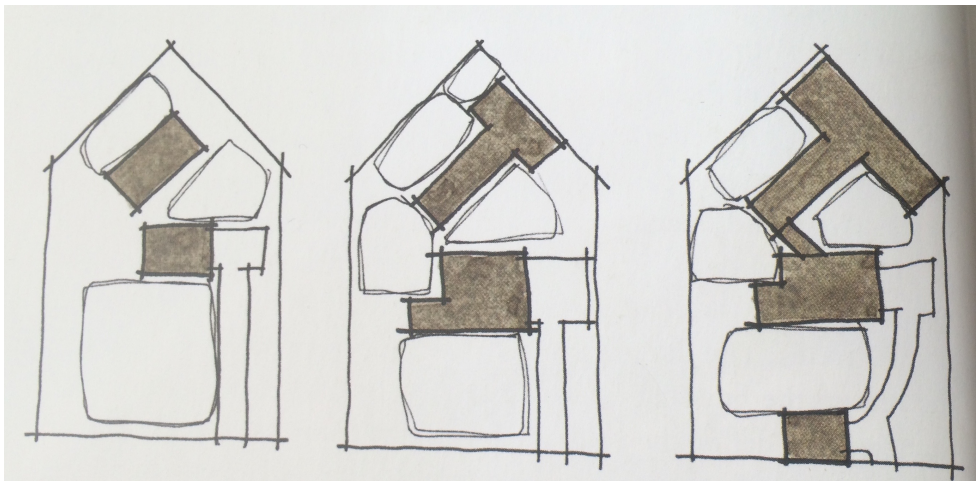


Fig. 24. Diferentes disposições na tentativa de conjugar espaços cheios e vazios.

O que torna este padrão ainda mais interessante é a ideia fundamental de que os espaços cruciais ou principais (os mais usados e os mais apreciados) estão tanto no exterior como no interior; e isto, a não ser que a casa seja pensada desde o início pensando os dois tipos de espaços, faz com que os espaços exteriores acabam como espaços de sobra, sem uma coerência devida para o desenho pretendido e para que, de facto, tudo funcione harmoniosamente. Os espaços interiores podem sofrer quando localizamos e organizamos a casa pensando apenas no interior da casa. Os espaços interiores podem tornar-se estranhos ao terreno e podem perder no jogo dentro-fora, independentemente do clima; isto é característico de casas com sucesso.

Como usar o padrão:

1. Fazer com que a localização dos espaços interiores moldem os espaços exteriores. Ambos os espaços exteriores naturalmente

criados pelo terreno, e os novos, criados inteiramente pelo edifício.

2. Imaginar o terreno todo como uma sequência de espaços de estar - como um *checkup* de um padrão de espaços interiores e exteriores.

3. A sequência de espaços terá uma hierarquia natural: alguns serão compridos, mais importantes, mais centrais; outros serão de suporte e de transição. Uns espaços serão para carros e pessoas; outros serão apenas para pessoas. Tornar todos os espaços parte do padrão e garantir que nenhum se torna inútil, como espaço de sobra.

4. Usar asas do edifício, paredes exteriores, edifícios de fora e vias - para ajudar a criar um padrão básico; usar plantações, paredes baixas, terraços, mobiliário interior, para, ultimamente, fortalecer o padrão.

PADRÃO Nº 3 | COBERTURA COMO ABRIGO

Seja para o que for, uma casa é, fundamentalmente, um espaço de abrigo. As casas primitivas eram, simplesmente, tectos no chão, e a expressão antiga ‘tecto para viver’ exprime a verdadeira essência da casa ou lar (fig. 25). A forma do tecto, a forma como contém e oferece abrigo a todas as partes da casa, estabelece o arquétipo de como construir uma casa. Se uma casa não usa o seu tecto para formar o seu exterior e não permite dar forma a nenhum espaço interior, sejam quais forem as outras qualidades que possam haver, nunca se se tornará numa casa.

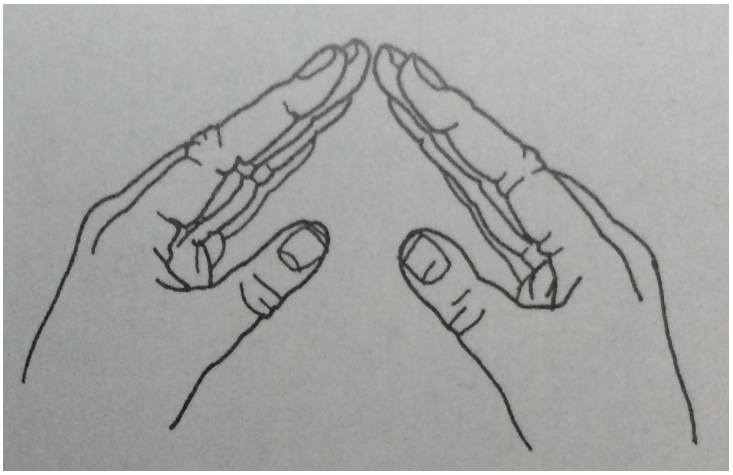


Fig. 25. A sinalética para uma casa, começa com o sinal ou símbolo de um telhado.

A cobertura como abrigo sugere que imaginemos a casa como um tecto a habitar, um tecto que torne a nossa experiência possível no interior e no exterior da casa. Casas que não definem a forma do tecto ou a cobertura, deixam de contribuir para os

moradores o sentido de abrigo. Algumas podem assegurar a proteção relacionado com o clima, mas deixa de permitir o conforto do lar, o sentimento de ficar envolvido por uma simples cobertura.

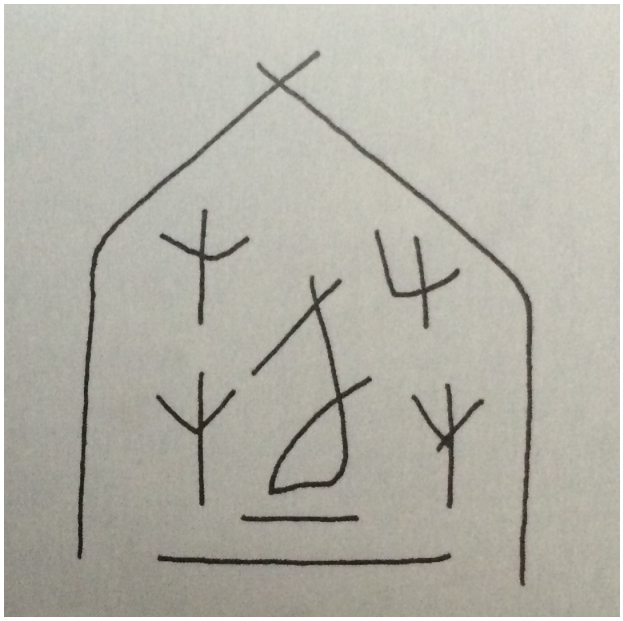


Fig. 26. Ideograma chinês para 'frio'.

Como usar o padrão:

1. Determinar os espaços sociais mais importantes da casa - por exemplo, entrada, sala de jantar, quartos na zona principal (de baixo do tecto). Deixar que a forma da cobertura centre estes espaços, para que a vivência na casa seja feita, de forma clássica, debaixo do tecto.

2. Deixar o desenho da cobertura crescer - da tradicional e elementar forma de telhado, para que cresça, estique e se estenda à largura da casa; para que esta seja a combinação e a transformação de uma simples e primitiva cobertura.

3. Usar a cobertura para marcar a entrada - informando o visitante sobre o caminho a levar até à casa.

4. Fazer com que a cobertura seja experienciada - de dentro para fora. Em alguns sítios, fazer com que seja alto, visível, sem acesso; noutros, baixo, convidativo, e tocável. Quando possível, construir espaços dentro e na cobertura - coberturas ajardinadas ou terraços.

5. Usar 'de dentro para fora'. Em alguns sítios, fazer com que seja alto, visível, sem acesso; noutros, baixo, convidativo, e tocável. Quando possível, construir espaços dentro e na cobertura - coberturas ajardinadas ou terraços.

PADRÃO Nº 4 | CAPTURAR A LUZ

As pessoas são criaturas que amam o conforto. Nós movemo-nos pelo Sol, procurando a luz e o calor, necessidade humana tanto física e como psicológica. A posição do Sol no céu, a cor da sua luz, coloca-nos em sintonia com o hora do dia e a estação do ano (fig. 27). A quantidade e o tipo de nuvens no céu conecta-nos com as mudanças do clima. Enquanto que a luz artificial ilumina o escuro, o impacto da luz natural tem um efeito completamente diferente na nossa experiência. A intensidade da luz solar é tão importante que nenhuma luz artificial é comparável, oferecendo uma gama de cores que não está presente na maior parte da iluminação artificial. Com a luz vem o calor, aquecendo os objectos e enchendo os espaços.

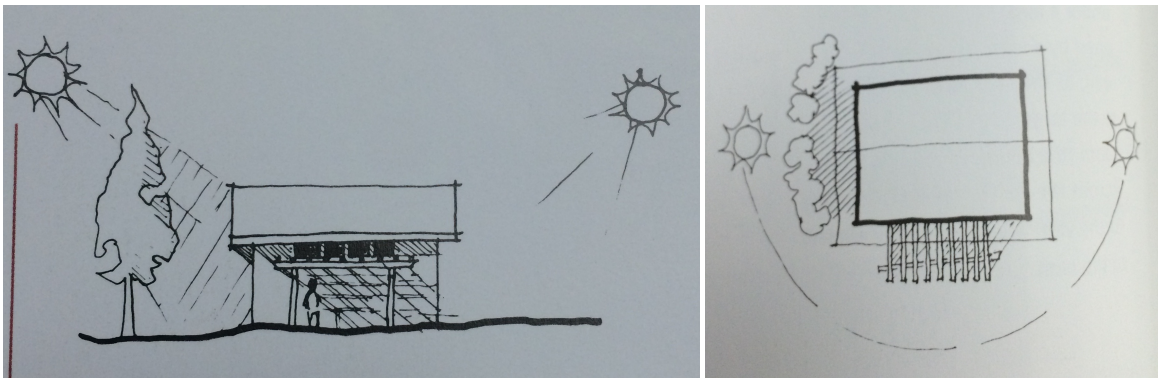


Fig. 27. Pensar a casa tendo em conta a exposição solar. Desde o nascer do sol até ao pôr do sol.

Quando projectamos uma casa ou um lar é importante organizá-la e localizá-la de uma forma que permita, à maior parte dos espaços, receber o máximo de luz natural. Esta etapa aparentemente simples, tem, provavelmente, mais efeito na nossa percepção do conforto do que qualquer outro aspecto da construção de uma casa.

Se a luz é essencial, a sombra é o complemento que lhe dá poder. A luz indirecta (como uma biblioteca com uma clara-bóia) torna o uso do espaço sereno com a variedade que ele salienta. Piscinas com a sua luz brilhante chamam-nos porque enfatizam aquela área, com o sombreamento que resta em redor. Cantos ou zonas escurecidas tornam-se um mistério para o interior de algo. Reencontrar uma sombra quando o Sol está alto deixa-nos usufruir de espaços mais frescos em dias de calor como no Verão. E filtrar a luz do Sol - misturando luz com sombra - permite usarmos a exacta e apropriada quantidade e intensidade de luz para qualquer actividade. É o jogo da luz-sombra que dá forma e vida aos vários recantos e espaços da casa.

Como usar o padrão:

1. Localizar a casa no terreno de modo a receber luz durante todo o dia.

2. Dar forma à casa para permitir a entrada de luz. Qualquer espaço interior principal deve ter duas entradas de luz, para balançar o jogo luz-sombra.

3. Quando não é possível uma segunda entrada de luz, permitir uma entrada de luz de cima através de clara-bóias ou janelas zenitais.

4. Planear a localização dos quartos, para que cada espaço receba luz suficiente a determinadas horas do dia para as actividades destinadas a esse espaço.

5. Desenhar a forma e o tamanho de cada abertura de modo a relacionar-se com o clima e a actividade a ocorrer da janela.

6. Planear os detalhes do desenho e da instalação das janelas, relacionando-os com a linguagem e o carácter da casa, como um todo.

7. Criar espaços à janela - nichos, dormitórios, lugares de estar - para ampliar a vida da casa.

8. Usar objectos ou formas de controlar a sombra, para dominar a quantidade de luz e calor que entra na casa.

PADRÃO Nº 5 | PROPORÇÃO DAS PARTES

É possível que uma pessoa se lembre de ver um edifício e, instintivamente, lhe tenha parecido estar perfeito. As variadas partes parecem encaixar-se perfeita, harmoniosa e confortavelmente, cada parte no respectivo lugar e no relacionamento certo com o todo. No outro extremo, também é possível relembrar algum edifício que nos tenha parecido estranho - pouco equilibrado, confuso, em que as partes não pareciam encaixar bem, quer na forma quer no tamanho. Estes sentimentos são intuitivos e, simultaneamente, sólidos e reais. Sentimo-los através do senso inato da proporção das partes com o todo e na relação correcta das partes entre si.

Arquitectos e construtores, ao longo da História, tentaram criar edifícios que englobassem uma boa proporção. Alguns teóricos de arquitectura - como Vitrúvio (séc. I a.C.) e Palladio (1508 - 1580) - tentaram definir a proporção através de regras numéricas: ‘o comprimento do quarto deve ser igual a 11/2 vezes a sua largura’ ou ‘a altura do quarto deve ser igual à sua largura’. Mas enquanto estas regras numéricas podem ser interpretadas como um apoio, como guias, são apenas parte daquela perspectiva: edifícios com ângulos que não se definem

como sendo de forma recta - que possuam uma variedade de ângulos ou curvas - são, muitas vezes, apelativos quanto à sua proporção.

QUARTOS À ESCALA HUMANA

Quão grande deve ser o tamanho de um quarto? A melhor ferramenta que o arquitecto tem ao seu dispor é o seu corpo humano. Um quarto terá 'escala humana' se estiver em correlação com o tamanho do corpo humano. Se o quarto mais pequeno não incorporar espaço de circulação com o mínimo de largura para um ser humano (incluindo o movimento dos braços), então será demasiado pequeno. Se os espaços maiores não forem dimensionados em termos de múltiplos da altura do Homem e da sua largura, provavelmente será desadequadamente alto ou largo.

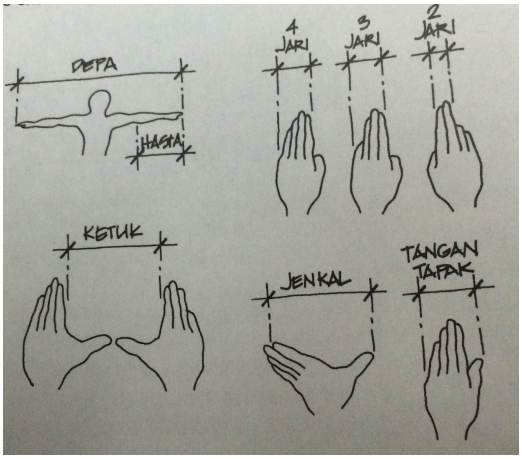


Fig. 27. Medidas para uma casa na Malásia.

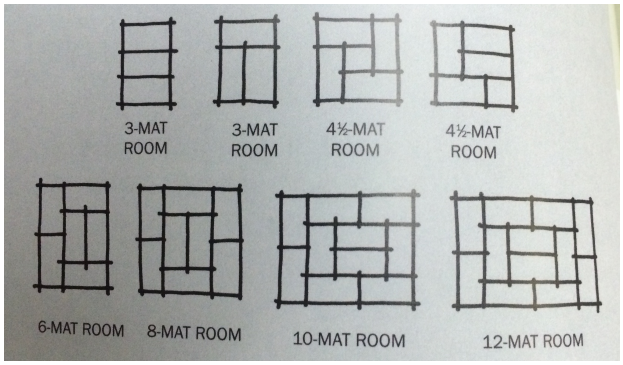


Fig. 28. Medidas para uma casa Japonesa

Independentemente dos méritos do sistema de medida de comprimento decimal, existem outros como Inglês (polegada, pé, jarda, légua, milha, etc.) que estão ligados directamente ao corpo humano, sendo de eventual mais fácil percepção. Mas

existem ainda outros sistemas dimensionais para conceber casas, como o da Malásia (dedo-mão-braço fig. 27), o japonês (do tapete ‘tatami’- fig. 28) e o de Le Corbusier (ou sistema modular - fig. 29).

Uma casa tradicional malaia é construída em redor de um sistema de medidas centrado no corpo humano. As dimensões mais pequenas são múltiplos da largura dos dedos, seguido da largura de uma mão fechada, de uma mão aberta, de duas mãos abertas. Na escala mais alta, o corpo com dois braços abertos estende o sistema ao um máximo de 6 pés em comprimento.
A tradicional casa japonesa é planeada e dimensionada em função de múltiplos do tapete ‘tatami’ (mais ou menos, 90cm

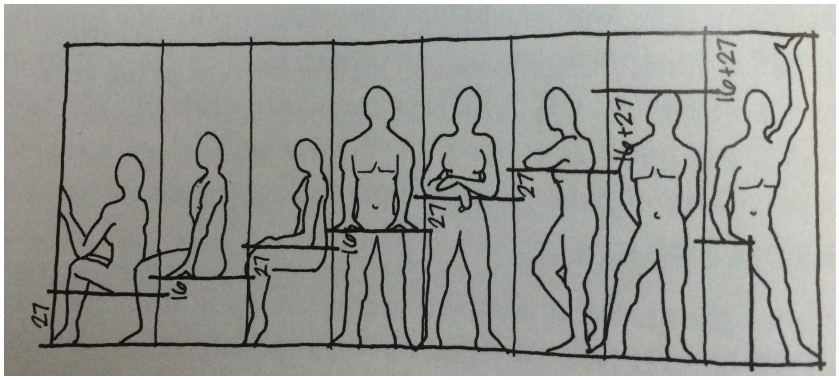


Fig. 29. Medidas para uma casa de Le Corbusier.

por 180cm - o tamanho aproximado de uma pessoa deitada). Este sistema tem a virtuosidade de produzir quartos que são dimensionados automaticamente à escala humana e, portanto, bem proporcionados. Os quartos têm formas similares (não idênticas), conseguindo mesmo assim ter vários tamanhos.
Le Corbusier inventou um sistema de medidas para edifícios assente tanto na matemática como na dimensão postural do corpo humano. A altura de qualquer elemento do edifício deve ser escalada: por exemplo, uma mesa deverá ter 70cm de altura, uma cadeira deverá ter 43cm de altura e assim sucessivamente, tendo sempre em atenção o plano horizontal do homem sentado, debruçado, em pé, com o braço levantado, etc.; isto para que o edifício e os seus elementos encaixem na postura humana e na sua escala.

Como usar o padrão:

1. Organizar a casa ao longo de linhas de movimento - tanto no plano horizontal como no plano vertical: uma linha, ou um eixo, normalmente, começa na entrada, terminando no Sol ou nas vistas, longe da rua e do seu ruído; outra começa no chão e vai até ao céu.

2. Equilibrar a área e a matéria da casa ao longo destas linhas de movimento. Deixar o plano crescer ao longo destes 2 eixos principais em direção à privacidade e à luz solar; e colocar a zona mais alta da casa no centro, rodeada de espaços mais baixos, de suporte, como partes do edifício.

3. Dar visibilidade à casa em partes especializadas: estrutura sólida de elementos que podem ser vistos a suportar o edifício, quartos generosamente desenhados para determinada actividade, espaços distintivos para circulação, percursos para o movimento fluído pela casa.

4. Criar uma grande variedade de tamanhos de quartos, com diversas orientações, tendo sempre em atenção a escala humana na circulação, estrutura e aberturas.

5. Unificar os quartos com desenhos similares - tipicamente compactos no plano, cheios no volume.

6. Deixar a forma total da casa crescer naturalmente para fora, nas formas dada a cada espaço, a cada quarto, a cada parte que constrói o todo. Ao contrário de impor uma forma pensada do exterior para o interior. Neste sentido, a forma da casa equivale à forma do conjunto das partes.

PADRÃO Nº 6 | ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO

Chegar a, mover para, circular em redor da casa, são situações completamente diferentes na perspectiva de conhecer o edifício e do relacionado com o sentimento de estar num quarto ou sala. Os aposentos são desenhados para conter, definir o espaço, criar determinadas características para as actividades que ocorrerão dentro deles. À medida que se percorre uma casa - entrando, saindo, passeando na sua periferia - é necessário aproximarmo-nos dos espaços com algum cuidado, prestando atenção aos vários aspectos que ocorrem em simultâneo: para onde vamos, o ritmo do movimento, que espaços estamos a percorrer, que tipos de superfície estamos a usar nesse percurso (fig. 30).

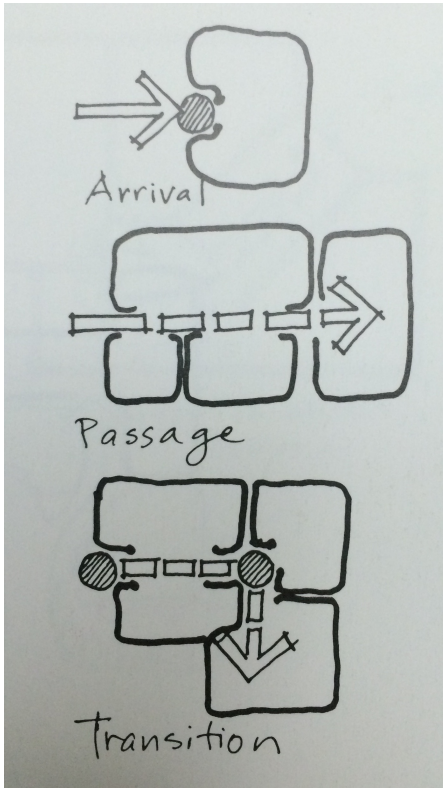


Fig. 30. Chegada, Passagem, Transição.

Como usar o padrão:

1. O percurso até à casa começa na rua: é importante planear a circulação no exterior da casa tão bem quanto a circulação no seu interior.

2. Localizar a entrada principal no centro da casa, servindo assim como ligação directa para os vários corredores de circulação.

3. Planear a conexão com o carro, tanto para os residentes como para os convidados, permitindo distâncias curtas para carregar mercadorias pesadas (por exemplo, do carro para a cozinha) e marcando o percurso de entrada de forma directa para os convidados.

4. Colocar os quartos numa zona mais privada e mais remota, em contrapartida com os espaços mais sociais, localizados perto da entrada.

5. Usar os espaços periféricos de espaços sociais, para criar passagens que valorizem esses mesmos espaços, sem interromper as actividades que neles estejam a decorrer.

6. Definir cada transição da casa, de modo a oferecer um momento de pausa e a oportunidade de sair de um espaço onde se está, para contemplar outro para onde se vai.

7. Localizar a zona de escadas na zona de circulação - para dar lugar a um outro piso, se possível, localizada a meio da casa e de encontro aos quartos (fig. 31).

8. Dar uma forma diferente ou uma linguagem diferente às zonas de circulação - definir com elementos arquitectónicos: portões, diferenças de nível do chão, no pavimento e nos materiais a usar, introduzir diferentes alturas, colunas, paredes pequenas (fig. 31).

9. Maximizar a eficiência do uso do espaço - utilizar, quando possível, os próprios espaços de circulação para diversos usos do programa da casa, como, zonas de leitura, galerias, zonas de olhar para o exterior, pequenos nichos para sentar.

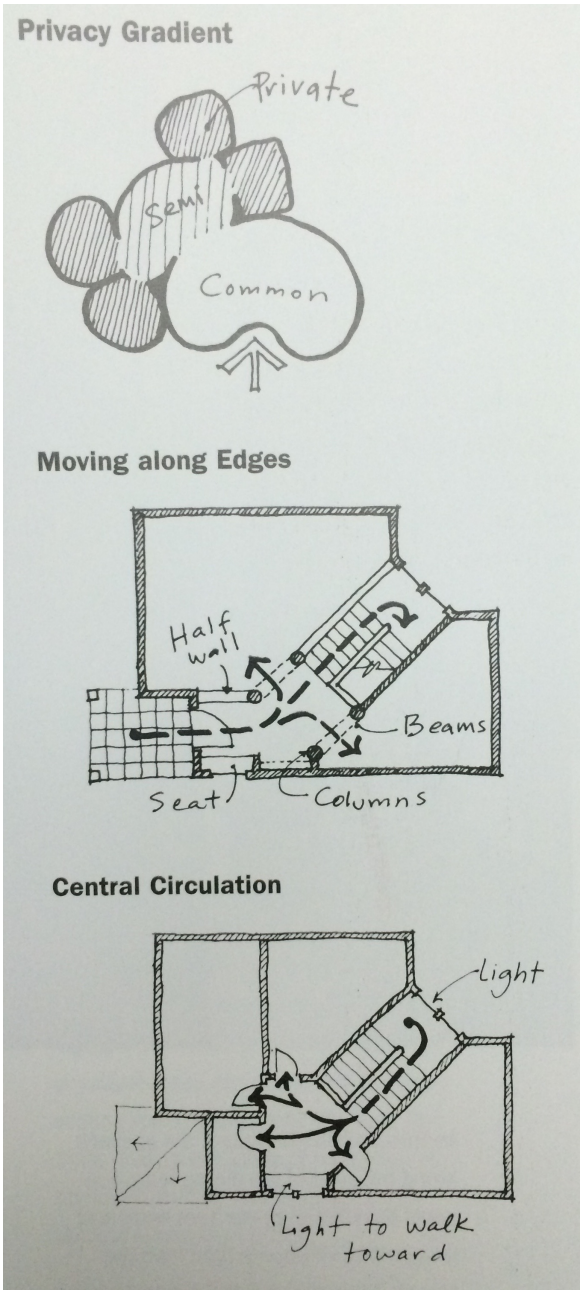


Fig. 31. Privacidade, Percorrer periferias, circulação.

PADRÃO Nº 7 | ESPAÇOS PRIVADOS E NÚCLEO PRINCIPAL

A maioria das casas é construída para grupos de pessoas. De modo a suportar o vida social dos residentes, deve ser equilibrada com uma variedade de espaços privados e de espaços comuns de socialização. Mas só porque existem os espaços não significa que eles, automaticamente, funcionem. É o modo como os espaços se relacionam que marca a diferença. Por exemplo, um espaço de trabalho privado não ajuda no hábito de estudar se está numa zona remota da casa e as crianças nunca a usam. Uma zona de jantar dramática, interiormente chamativa e

bem decorada com mobiliário, mas isolada da zona de circulação principal da casa, nunca se tornará num espaço de reunião das pessoas.

Em termos de privacidade e de comunidade, os aposentos em casas convencionais são, ou para dormir, ou para as pessoas se juntarem em grandes festas. Enquanto uma vida familiar requere este tipo de espaços, também necessita de zonas semi-privadas, zonas onde algumas pessoas possam falar discretamente e, simultaneamente, possam socializar com alguém que, por exemplo, esteja perto sentado a ler um livro.

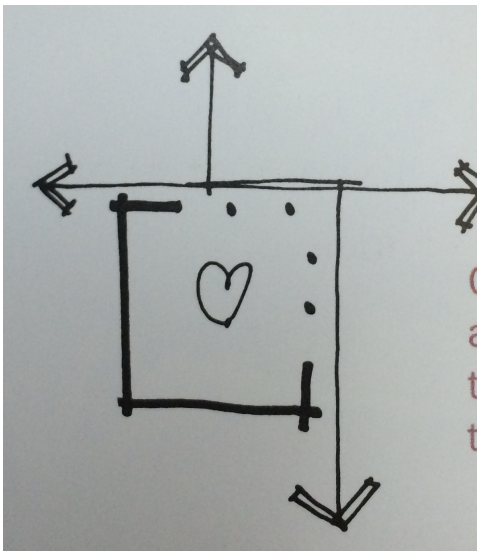


Fig. 32. Áreas comuns formam o 'coração' da casa.

As crianças, normalmente, tendem a querer 'estar sòzinhas' na presença da família, e isto é uma necessidade que tende a persistir à medida que crescendo.

Casas que suportem todo este tipo de necessidades, com uma variedade de zonas privadas e semi-privadas mais ou menos relacionadas com o núcleo principal da casa, ajudam os seus residentes a estabelecer uma relação inter-pessoal de conforto familiar entre o comum e privado: encontrar a mistura correcta entre o que é privado e o que é comum nos espaços, e colocá-los a funcionar conjuntamente (fig. 33).

Como usar o padrão:

1. Organizar os espaços sociais principais da casa - cozinha, sala de jantar, sala de estar - como um espaço só, espaço comum, num só sítio, como coração da casa (fig. 32).

2. Fazer do coração da casa um espaço atrativo e generoso, longe da zona de circulação, protegido dos 'semáforos', mas

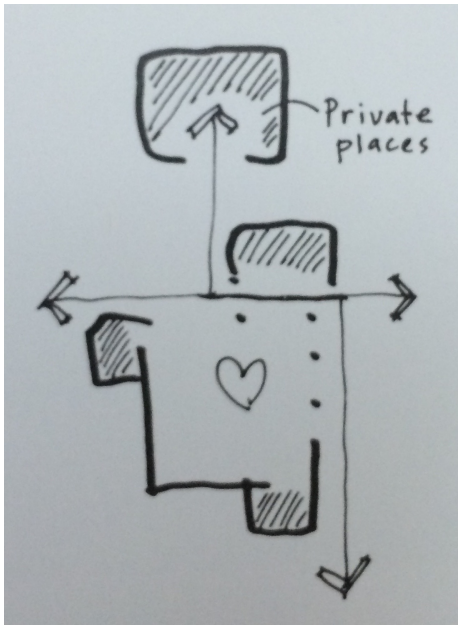


Fig. 33. Zonas mais privadas mas relativamente perto da zona social e principal da casa.

localizado de determinada forma que permita a todos passarem por ele (fig. 33).

3. Dar aos espaços comuns uma zona semi-privada, com sítios para sentar e ler ou até deitar; zonas que permitam às pessoas estar numa posição mais afastada do centro mas continuando a fazer parte dele.

4. Criar uma sequência de espaços privados, alguns imediatamente adjacentes ao coração da casa, outros um pouco mais remotos.

5. Os espaços privados, mesmo os mais remotos, devem ser desenhados como periferias, dando definição aos espaços comuns devido ao facto de deles se separarem.

6. Criar mais espaços de carácter íntimo, com uma variedade inter-relacionada com alturas do tecto, de certas zonas de estar ao longo da casa, desde a zona mais larga e alta até a zona comum mais baixa, íntima e pequena da casa.

FRANK LLOYD WRIGHT

'O conceito de 'orgânico' em arquitectura: relacionamento entre todos os elementos da construção, de tal modo que o todo e as partes se geram e influenciam mutuamente.'

Aqui o Arquitecto Álvaro Siza refere algo que de certa forma está presente num dos padrões que se trata do equilíbrio de uma casa, de como a percepcionamos de fora e por dentro, e que nos parece harmoniosa, devido ao equilíbrio dentre todos os espaços da casa, e de como ela é configurada.

'Numa época em que cada vez mais aqueles elementos são normalizados e pré-fabricados, a arquitectura exige um distanciamento da continuidade de material, ou das transições suaves. O relacionamento entre materiais e formas autónomos é sincopado e inclui rupturas, como acontece em (algumas) arquitecturas ditas desconstrutivistas'.

'A síntese entre expressionismo racionalismo alimenta a reflexão e a produção contemporânea'.

O arquitecto Álvaro Siza deixa uma nota muito importante da realidade da arquitectura dos nossos dias, e o nome de um grande arquitecto que de certa forma humanizou a arquitectura através da corrente organicista, de aproximar a arquitectura às pessoas, e torná-la como um organismo vivo. E que deve haver hoje em atenção isso, para não cair num desligar em relação ao uso dos materiais, pois eles são importantes serem pensados para determinada a obra, e não como apenas uma adição mecânica e corrente tecnológica.

34 VIEIRA, Álvaro Siza. 01 textos. Porto: Civilização ed., 2009. p. 85

PADRÃO Nº 8 | REFÚGIO E O OLHAR PARA O EXTERIOR

Um dos prazeres fundamentais que o abrigo contém é o sentimento de um espaço sólido, estável e protector, do qual podemos observar para algo longínquo; isto pode ser experienciado numa montanha: quando, na nossa caminhada, finalmente chegamos a uma rocha enorme que nos permite esconder-mo-nos e onde nos sentimos abrigados, dá-nos a oportunidade de observar o horizonte e a vista ampla lá em baixo. Boas casas convidam os seus habitantes a apreciar este drama diariamente numa variedade de espaços. Alguns exemplos do dia-a-dia incluem: sentar no interior da casa perto da lareira e observar a chuva no exterior, enquanto ouvimos o barulho no tecto; esconder no piso superior e observar, lá em baixo, na zona comum, os adultos nm convívio festivo; repousar numa varanda coberta enquanto observamos o fluir da vida e o movimento da rua em baixo.

Em todos os casos, a ideia central é estar confortavelmente num espaço a observar o que se passa lá fora no mundo, de uma posição de relativa segurança. Usualmente, o refúgio está numa posição alta e fechada, no escuro, e o sítio para onde olhamos é, normalmente, algo em baixo, aberto, e iluminado. Simplificando, estamos no interior, a olhar para fora (fig. 34).

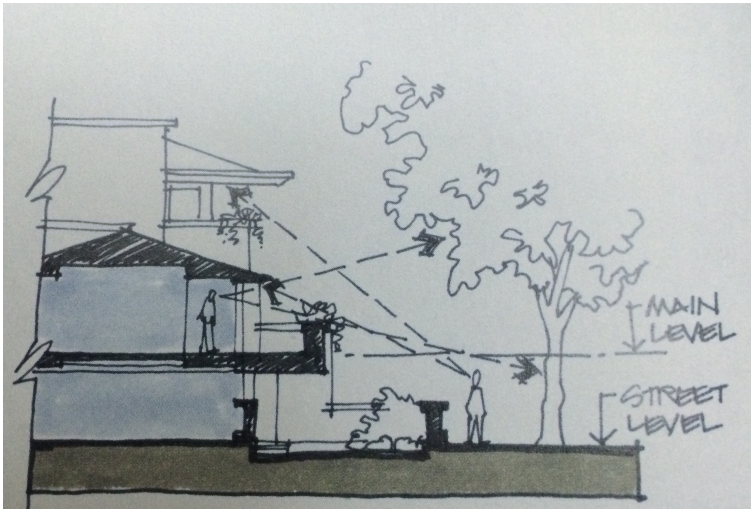


Fig. 34. Exemplificação da casa de Frank Lloyd Wright

‘THE WRIGHT
REFUGE AND OUTLOOK’

Muitas das primeiras casas em Chicago criadas por Frank Lloyd Wright demonstram bons exemplos de Refúgio e de Olhar para Fora. Wright coloca o núcleo principal da casa no 2.º piso, acima

do nível da rua, e os quartos ou espaços atrás de um pátio-varanda ou terraço de onde se consegue observar a rua e vida rotineira da vizinhança. Este desenho permite aos ocupantes da casa de estarem no exterior do pátio, mas no 'interior' da casa, observando a vida da rua, sem serem vistos por quem passa.

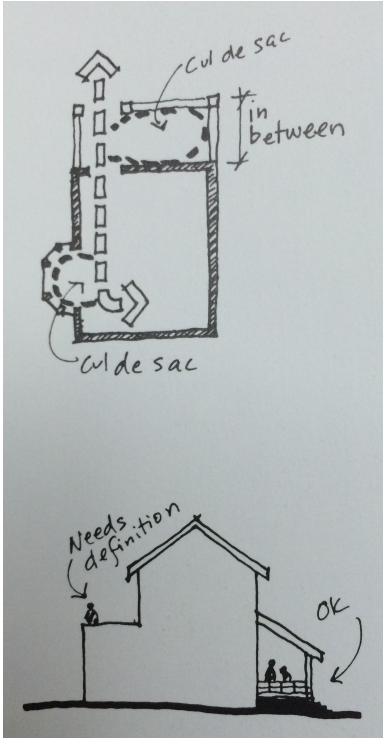


Fig. 35. Espaços que não interrompam percursos e que estejam bem definidos entre o interior e o exterior.

Como usar o padrão:

1. Incluir espaços que são pequenos, e que expressem um sentimento de enclausura - com uma estrutura sólida por detrás.

2. Tentar esconder ou tornar impossível a visibilidade dos utilitários da casa do exterior - através de maior sombra, plantas, ou criando um espaço mais profundo, onde seja possível estar de forma agradável.

3. De forma geral, posicionar áreas de refúgio com características de poder observar para fora, para o exterior (algures a um nível inferior de onde se está).

4. Os espaços devem temperar o clima - oferecer alguns espaços frescos no Verão (como uma varanda coberta), no Inverno algum espaço quente (espaço à janela, por ex.), para uso mais frequente e duradouro.

PADRÃO Nº 9 | ESPAÇOS TRANSITÓRIOS

As nossa agendas estão preenchidas com múltiplas actividades e as casas são cheias de coisas. Para algumas pessoas cada espaço é um lembrete das tarefas a cumprir e o jardim, uma chamada para a acção. O que é preciso são espaços onde possamos parar, respirar fundo, espaços de transição, espaços ‘indoor’ e ‘outdoor’. Procuramos espaços que façam parte da vida diária, onde possamos carregar no botão ´pause’, saindo da rotina para usufruirmos de um pequeno repouso. Por vezes, precisamos de espaços que não estão completamente dentro, nem completamente fora, mas sim no meio termo, na passagem do interior para o exterior e vice-versa: espaços transitórios.

Os espaços transitórios podem ter variadas formas: varandas, terraços, nichos exteriores com cobertura que ressaltam da fachada, vãos com zona de estar para observar o exterior; estão, normalmente, colocados na periferia do edifício. A sua definição de qualidade está no sentido em que existem em adição aos espaços principais da casa; não são essenciais para a função ou programa, mas complementam-no.

Como usar o padrão:

1. Desenhar espaços transitórios como ‘cul-de-sac’ - espaços de estar sem passagem. Equipados com lugares para sentar, confortáveis e convidativos, tornando sempre possível e fluidez do percurso na periferia (fig. 35).

2. Garantir que os espaços interiores transitórios sejam verdadeiramente rodeados por exterior - para não serem apenas mais um espaço. Quando colocados nele, a conexão com o exterior deverá ser tão forte quanto com a do interior.

3. Espaços exteriores transitórios devem exprimir segurança e conforto; associados à proximidade do interior.

4. Devem ser espaços secundários, adjuntos aos espaços primários (dentro ou fora) associando-se a eles.

5. Desenhar estes espaços contextualizando-os no clima e nas várias estações do ano.

6. Prestar atenção ao limite do terreno: definir bem as periferias entre o interior e o exterior tendo atenção ao cuidado da mudança de espaços. Enfatizar a mudança de espaço para espaço.

PADRÃO Nº 10 | COMPOSIÇÃO E MATERIAIS

Tentar ver os materiais não como bons ou maus materiais, mas sim como poderemos usá-los no desenho da casa, quer da parte interior quer da parte exterior. E conjugar os diversos materiais entre eles, tendo em conta as suas qualidades e as suas características.

Tudo depende de como usamos os materiais.

É preciso colocar os materiais de modo a promover a sua longevidade e visibilidade. A chave é expor e clarificar os materiais da construção, deixando cada um exprimir o seu propósito e a sua natureza interior.

Como usar o padrão:

1. Enfatizar as propriedades dos materiais, colocando, lado a lado, por ex., com outro de textura ou cor diferentes.

2. Usar diferentes cores e texturas para diferentes componentes do edifício. Contrastar o material do tecto com o material das paredes, usar a rugosidade dos diferentes materiais, recorrendo, por exemplo. ao uso de papel de parede, de tecido, etc..

3. Enfatizar o princípio e o fim de cada espaço ou zona. Exemplos: usar um pedaço de madeira exposto realçando o fim desse material; chamar especial atenção para os pormenores da construção através dos materiais.

4. Clarificar as conexões entre as várias partes do edifício. Os conectores visíveis dos diferentes elementos do edifício - parafusos, placas de metal, lâmpadas - devem ser enfatizados para demonstrar a mudança de materiais.

5. Contrastar a beleza em cru: rochas naturais, pedras, até mesmo a madeira, em contraste com materiais refinados como o metal, o plástico, a cerâmica. Combinados cuidadosamente têm potencial estético.

6. Quando o material tem potencial de adquirir um tom diferente ao longo do tempo, não bloquear este processo, com nenhum ‘layer’ protector. A madeira escurece quando em contacto com o Sol, mas não há qualquer mal, é característica própria do material (optar-se por pintá-la, esconde-se o seu potencial inato).

7. Onde é escolhido o material e qual a finalidade e a forma como reage ao envelhecimento: programar sempre, seja, por exemplo, madeira pintada ou outro, uma periodização para manter o material tratado e com a cor escolhida. Uma reparação ocasional vai produzir um reluzir na construção e um sentimento fresco à casa.

Inspecção visual da casa. Casa de Travanca

O objectivo foi identificar ‘in situ’, visualmente e recorrendo a outros meios auxiliares, as anomalias existentes na casa com o propósito de identificar as suas causas como, por exemplo: idade dos elementos construtivos, intervenções efetuadas em tempos diferentes, o meio envolvente e a sua influência na construção, constituição dos elementos construtivos.

Houve a necessidade de analisar na casa as suas estruturas de betão e de madeira, a alvenaria, assim como os seus acabamentos e perceber o que será possível alterar para aumentar o conforto.

Ao selecionar as estruturas, há que salientar que esta análise recai sempre nas anomalias estruturais visíveis.

A reabilitação em si não é uma tarefa fácil devido à sua complexidade geométrica, heterogeneidade e variabilidade das propriedades inerentes aos materiais, ao escasso conhecimento das técnicas construtivas originais, à difícil quantificação e caracterização das acções, bem como da própria estrutura, entre outros.

Assim deve-se analisar cada situação individualmente e, muitas vezes, responder com soluções baseadas na experiência.



Fig. 36. Área de implantação referente a duas casas, talvez tendo sido edifício senhorial. Antigamente não havia divisão de terreno entre as duas.



Fig. 37. Área de implantação referente à casa de família, em estudo.

Algumas das anomalias estruturais detectadas neste edifício, podem ter resultado de intervenções sucessivas mal concebidas. A construção original é do fim do século XIX (1858?), com posteriores intervenções de ampliação, melhoramentos e manutenção.

Segundo informações de familiares e de habitantes mais antigos da aldeia, sabe-se que a casa foi objecto de várias alterações nas décadas de 60 e de 80 do século XX, tendo a sua última intervenção, de reabilitação e modernização, consistido na melhoria das condições de habitabilidade da cozinha, com execução de chaminé em tijolo e betão, execução de tecto e substituição de parede divisória de tabique por parede de tijolo, revisão da instalação elétrica e da rede de abastecimento e aquecimento de água e colocação no chão de laje revestida a tijoleira.

Até aos dias de hoje, a casa é habitada sòmente aos fins-de-semana ou em curtos períodos de férias, não se colocando em causa a segurança estrutural da casa.

Tecto
Rés-do-chão

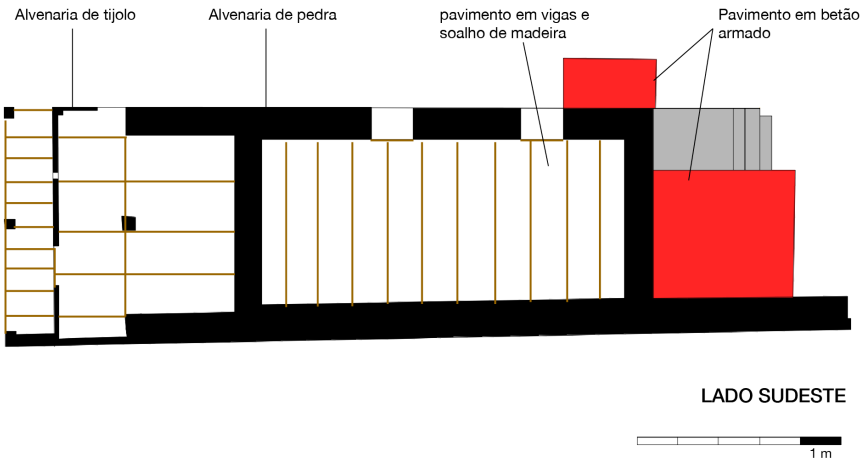


Fig. 38. Configuração estrutural da laje do 1º andar.

CARACTERIZAÇÃO DOS ELEMENTOS ESTRUTURAIS
ORGANIZAÇÃO FUNCIONAL

A casa é de dois pisos, acima da cota da soleira, apresentando no primeiro piso um pé direito de 2,4m. Casa rural ‘tradicional portuguesa’, com paredes exteriores resistentes em granito de 50cm de espessura, pavimento em vigas de madeira, cobertura com asnas de madeira, e caixilharias também em madeira. O pavimento com vigas é coberto com soalho de tábuas corridas em toda a sua extensão, forrado a mosaico na cozinha.

A cozinha localiza-se numa cota ligeiramente inferior à do 1.º piso e encontra-se sobre um maciço rochoso - motivo pelo qual a sua área é inexistente na planta do rés-do-chão. Nesta zona, após a intervenção de reabilitação, o pavimento de vigas de madeira foi posteriormente substituído por laje em betão armado.

Dado ser impossível verificar a constituição e posicionamento das fundações, não há referência às mesmas.

A cobertura é de 3 águas, sendo a estrutra de madeira e revestida a telhas cerâmicas.

As áreas actuais dos pisos são sensivelmente as seguintes:

- Piso rés-do-chão: 115m^2 (incluindo a área do maciço rochoso/ cozinha);
- Piso 1: 117m^2.



Fig. 39. Perspectiva da fachada tardoz da casa de Travanca. Corpo salienta da casa de banho com pequena janela exterior.

A fachada tardoz (fig. 38) é estruturalmente constituída por alvenaria de pedra de granito, de 50 cm de espessura, revestida a reboco pintado e está em razoável estado de conservação, apesar de apresentar uma fissura significativa (fig. 39). A mesma serve de suporte a duas lajes em betão armado, relativas ao patamar da varada e ao corpo saliente da casa de banho. Ambas as lajes são

datadas dos anos 60 do século XX, apresentando-se em bom estado de conservação.



Fig. 41. Humidade ascensional a começar no piso.



Fig. 40. Fissura na fachada tardoz.



Fig. 42. Fachada principal que dá para o caminho público, onde se localiza a entrada para a Quinta e casa.

Na alvenaria de granito do rés-do-chão é possível verificar a existência de humidade ascensional e o seu efeito no reboco, assim como na varanda do 1º piso (fig. 40).

As caixilharias do rés-do-chão e 1º piso são de madeira, e encontram-se em razoável estado de conservação.



Fig. 43. Fachada principal e fachada sudoeste da zona dos quartos.

A fachada principal (orientada a este - fig. 41), está em contacto directo com o caminho público e não apresenta qualquer corpo em consola. Estruturalmente, é constituída por alvenaria de pedra de granito e parede simples de tijolo, revestida a reboco pintado e, aparentemente, está em bom estado de conservação.
A fachada a sul (fig.42) apresenta-se sem vestígios de anomalias estruturais dignas de registo. Esta fachada é em alvenaria de tijolo em ambos os pisos, apresentando cerca de 1,20m de corpo avançado no 1º piso, assente, parcialmente, em pilares de granito.

COBERTURA

A cobertura (fig.as 42 e 43) é constituída por asnas de madeira, desenvolvendo-se em três águas. Pelo exterior não foi possível verificar a existência de deformações ou de telhas partidas.
Pelo interior, o facto de existir um desvão não acessível, a existência dos tectos e ao facto do edifício ser habitado, não foi possível verificar o estado de conservação da mesma.



Fig. 44. Cobertura com beiral à portuguesa. Fachada principal.

No entanto, face à detecção de vários pontos de humidade, quer nalguns tectos quer no topo das paredes exteriores, evidenciou-se a necessidade da mesma ser intervencionada.

DRENAGEM DE ÁGUAS PLUVIAIS

Em termos de rede de drenagem de águas pluviais, quer as caleiras existentes na cobertura, quer os tubos de queda, foram substituídos em 2005 e verifica-se que estão em bom estado de conservação.

INTERIOR
PISO DO RÉS-DO-CHÃO

O espaço é amplo e toda a área é utilizada como “loja” ou seja, zona de arrumos e de armazenamento de diversos tipos de materiais e de produtos relacionados e fruto da actividade agrícola.

Verificou-se que o local apresenta alguma humidade, por estar direcionado mais a norte e com ‘enterramento’ parcial da parede de alvenaria de pedra em contacto directo com o solo.



Fig. 45. Encontro das vigas de suporte em madeira do pavimento do 1º piso. Foto captado no interior da loja.



Fig. 46. Vigas atacadas por agentes biológicos.



Fig. 48. Humidade presente no tecto. Vista interior do tecto da sala de jantar do lado esquerdo, e da sala de estar (que antecede os quartos) no lado direito.

Nesta zona particular, verifica-se que as vigas de madeira que suportam o pavimento superior (fig. 46) estão sujeitas à humidade e ao ataque de fungos (fig. 47.



Fig. 47. Viga com calços de nivelamento do pavimento.



Fig. 49. Presença de humidade na parede exterior do quarto, junto à janela e ao rodapé.

1º PISO

O acesso ao 1º piso é efectuado por duas escadarias exteriores (nas fachadas norte e tardoz).

Este piso funciona como espaço de habitação e apresenta diversas anomalias estruturais e não estruturais.

Como referido anteriormente, é possível verificar a presença de humidade ao longo de quase todos os tectos da habitação (fig. 48) e em alguns pontos do pavimento e das faces interiores das paredes (fig.as 51 e 52).

Foi possível verificar a deformação e a cedência do pavimento em alguns pontos da casa (fig. 49).

Existe ainda uma significante fissura interior, já verificada no lado exterior da fachada tardoz (fig. 50).



Fig. 50. Presença de fissura na parede interior da sala de jantar.



Fig. 51. Cedência do pavimento na zona dos quartos e sala de jantar.



Fig. 52. Fissuras ao longo da parede interior/exterior da fachada tardoz.



Fig. 53. Humidade no topo da parede exterior da fachada tardoz.

Verifica-se ao longo de toda a casa a existência de pequenas fissuras nas paredes exteriores voltadas a nordeste e de focos de humidade de gravidade significativa (fig.as 51, 52).

METODOLOGIA USADA NA INSPECÇÃO VISUAL

A metodologia na inspecção baseou-se no levantamento visual ‘in situ’ para analisar os danos existentes na casa.

MATERIAL USADO

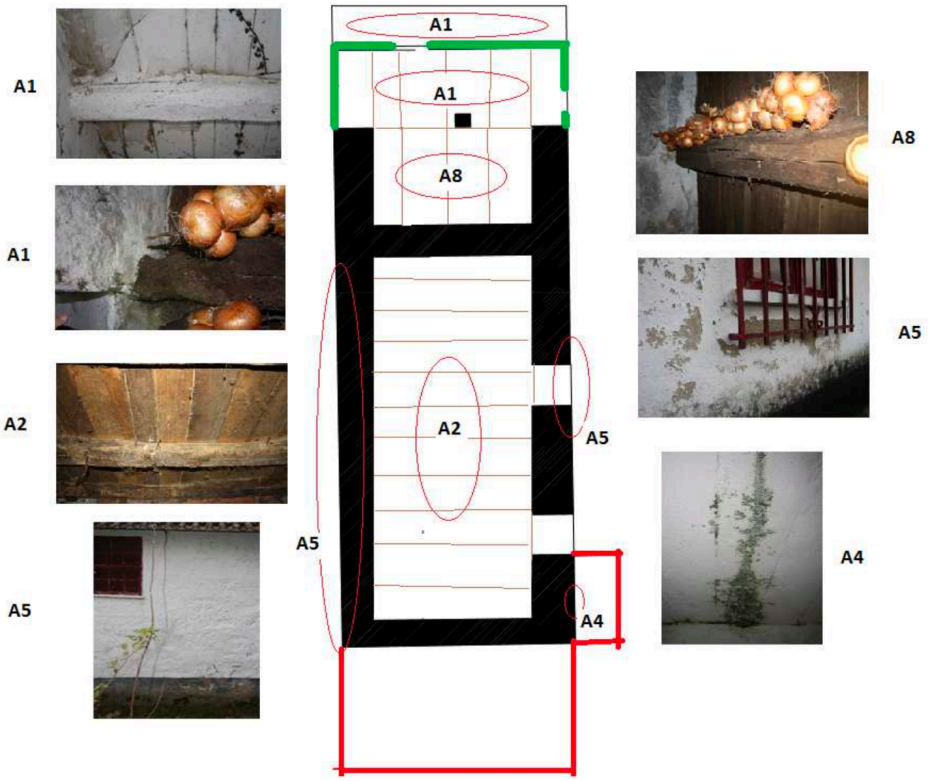
- Máquina fotográfica;
- Fita métrica;
- Laser;
- Martelo;
- Pau de vassoura;
- Caderno e esferográfica;
- Plantas da casa.

Utilizando as plantas impressas, o registo da inspeção foi feito através do levantamento fotográfico das anomalias por piso, registando na planta a sua localização.

Através deste levantamento foi possível obter um enquadramento geral e de pormenor, permitindo, em alguns casos, a obtenção da extensão dos danos existentes.

Após a inspeção visual em obra e levantamento das anomalias existentes, classificou-se cada uma delas.

A1	Fungos xilófagos
A2	Deformação das vigas
A3	Humidade das paredes
A4	Humidade dos tectos
A5	Humidade ascensional
A6	Fissuração na alvenaria de pedra
A7	Destacamento de revestimentos
A8	Fissuração nas vigas
A9	Fissuração na alvenaria de tijolo



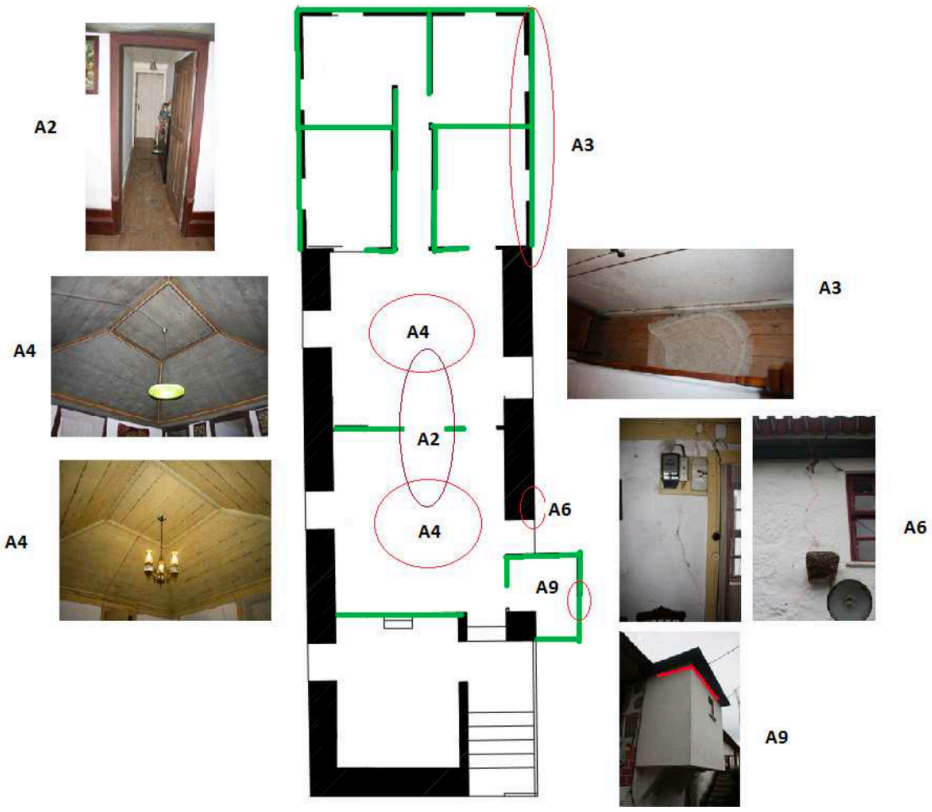
Legenda:

Alvenaria de Pedra
Alvenaria de Tijolo
Laje em betão

Anomalias:

A1 Fungos Xilófagos
A2 Deformação de vigas
A3 Humidade paredes
A4 Humidade tetos
A5 Humidade ascensional
A6 Fissuração alvenaria de pedra
A7 Destacamento revestimentos
A8 Fissuração nas vigas
A9 Fissuração alvenaria de tijolo

Fig. 54. Mapa de anomalias do piso do rés-do-chão com planta simplificada.



Legenda:	Anomalias:
Alvenaria de Pedra	A1 Fungos Xilófagos
Alvenaria de Tijolo	A2 Deformação de vigas
Laje em betão	A3 Humidade paredes
	A4 Humidade tetos
	A5 Humidade ascensional
	A6 Fissuração alvenaria de pedra
	A7 Destacamento revestimentos
	A8 Fissuração nas vigas
	A9 Fissuração alvenaria de tijolo

Fig. 55. Mapa de anomalias do 1º piso com planta simplificada.

CARACTERIZAÇÃO DAS ANOMALIAS

Para análise de cada anomalia teve-se em consideração quando aplicável os seguintes factores: a cor, o aspecto, a dimensão, a orientação, a forma e a espessura.

A1	Existência de manchas e ‘bolores’
A2	Deformações de vigas em 2cm a meio do vão
A3	Existência de manchas e ‘bolores’
A4	Existência de manchas e ‘bolores’
A5	Existência de manchas escuras junto ao solo
A6	Existência de fissuras finas > 1mm a grandes <
A7	Existência de argamassa solta
A8	Existência de fissuras > 4 mm com mais de 50
A9	Existência de fissuras finas > 1mm a grandes <

DEFINIÇÃO DE CRITÉRIOS
CLASSIFICAÇÃO DOS ESTADOS DE CONSERVAÇÃO

	Descrição	**0**	**1**
Caracterização do dano	Natureza do dano	Pouco grave	Muito grave
	Estado de desenvolvimento do dano	Sem evolução	Com evolução expectável
	Extensão actual do dano	Localizado	Em várias partes do elemento
	Função do componente afectado	Cumpre função	Não cumpre função
	Consequência do dano	Sem consequência para outros elementos	Com sequência para outros elementos

FICHAS DE INSPECÇÃO

Elaborou-se fichas de inspecção para cada anomalia, com a descrição das condições de inspeção, caracterização das

anomalias e classificação do seu estado.
Assim foi possível ser mais objectivo e concreto no que diz respeito ao estado da casa de Travanca. Podemos verificar nas seguintes páginas as 7 fichas de inspecção.

FICHA DE INSPECÇÃO E DIAGNÓSTICO Nº. 1

DESCRIÇÃO DO DANO

Fissura de elemento estrutural.

Várias fissuras na viga sendo que a maior tem cerca de 12mm de largura.

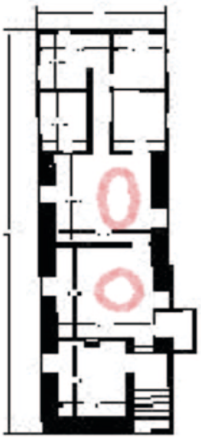


CAUSA DO DANO

A causa mais provável do dano encontrado é a retração da madeira que é normal com a passagem do tempo.

LOCALIZAÇÃO DO DANO

Vigas de madeira, que dão o suporte à laje do pavimento em soalho do 1º piso.



MEIOS AUXILIARES DE DIAGNÓSTICO

Poderia ser necessário outro tipo de equipamentos para a avaliação da resistência da viga, tais como um pilodyn.

CLASSIFICAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Natureza do dano	0
Estado de desenvolvimento do dano	1
Extensão atual do dano	1
Função do componente afetado	0
Consequência do dano	1

FICHA DE INSPECÇÃO E DIAGNÓSTICO Nº. 2

DESCRIÇÃO DO DANO

Fissura em alvenaria.

Fissura praticamente vertical visível pelo interior e exterior.







CAUSA DO DANO

Esta fissura fica ao lado de um corpo balançado que foi acrescentado no âmbito de uma remodelação do edifício.

A causa mais provável talvez será excesso de carga nos elementos estruturais.

LOCALIZAÇÃO DO DANO

Parede exterior em alvenaria de pedra de granito, rebocada.

MEIOS AUXILIARES DE DIAGNÓSTICO

Poderia ser testada a carga efectiva provocada pelo corpo balançado nas vigas onde apoia a parede exterior e verificar se está próxima do limite de resistência da mesma, provocando esta fissuração. A fissura deve ser monitorizada para verficar se está estável.

CLASSIFICAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Natureza do dano	1
Estado de desenvolvimento do dano	0
Extensão atual do dano	0
Função do componente afetado	0
Consequência do dano	1

FICHA DE INSPECÇÃO E DIAGNÓSTICO Nº. 3

DESCRIÇÃO DO DANO

Escurecimento da fachada e destacamento de tintas/cal/reboco.



CAUSA DO DANO

A causa mais provável é a existência de humidade ascensional devido ao contacto com o solo que se manifesta tanto no interior como no exterior.



LOCALIZAÇÃO DO DANO

Parede exterior com visibilidade no interior.

MEIOS AUXILIARES DE DIAGNÓSTICO

Não há ncessidade de meios complementares tendo em conta a origem conhecida e pelo facto de não haver perigo a nível estrutural.

CLASSIFICAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Natureza do dano	1
Estado de desenvolvimento do dano	1
Extensão atual do dano	1
Função do componente afetado	0
Consequência do dano	0

FICHA DE INSPECÇÃO E DIAGNÓSTICO Nº. 4

DESCRIÇÃO DO DANO

Flexão exagerada das vigas.



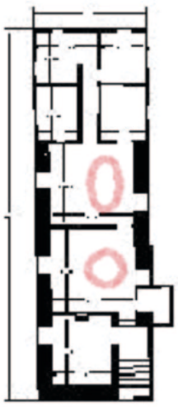
CAUSA DO DANO

Excesso de carga.



LOCALIZAÇÃO DO DANO

Vigas de madeira que dão suporte à laje do pavimento em soalho do 1º piso.



MEIOS AUXILIARES DE DIAGNÓSTICO

Poderia ser necessário outro tipo de equipamentos para a avaliação da resistência da viga, tais como um pilodyn.

CLASSIFICAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Natureza do dano	1
Estado de desenvolvimento do dano	1
Extensão atual do dano	1
Função do componente afetado	0
Consequência do dano	1

FICHA DE INSPECÇÃO E DIAGNÓSTICO Nº. 5

DESCRIÇÃO DO DANO

Presença de fungos.

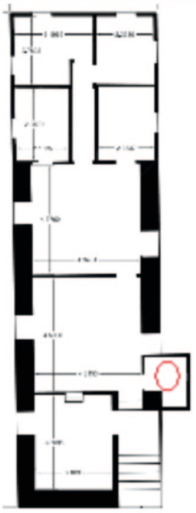


CAUSA DO DANO

Provável infiltração de água ou humidade que com deficiente ventilação provoca a sua acumulação e consequente criação de fungos.

LOCALIZAÇÃO DO DANO

Laje de betão armado da casa de banho.



MEIOS AUXILIARES DE DIAGNÓSTICO

Não há necessidade de usar meios de diagnóstico complementares dado que esta situação não provoca qualquer dano estrutural com importância.

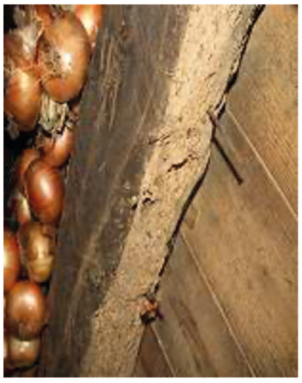
CLASSIFICAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Natureza do dano	0
Estado de desenvolvimento do dano	0
Extensão atual do dano	0
Função do componente afetado	0
Consequência do dano	0

FICHA DE INSPECÇÃO E DIAGNÓSTICO Nº. 6

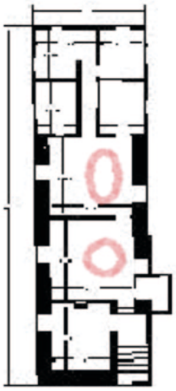
DESCRIÇÃO DO DANO

Destacamentos de madeira e pequenos buracos na viga.



CAUSA DO DANO

A causa mais provável é a existência de agentes biológicos, em particular de xilófagos tendo em conta o aspecto da referida viga.



LOCALIZAÇÃO DO DANO

Vigas de madeira que dão suporte à laje de pavimento em soalho do 1º piso.



MEIOS AUXILIARES DE DIAGNÓSTICO

Poderia ser necessário outro tipo de equipamentos para a avaliação da resistência da viga, tais como um pilodyn.

CLASSIFICAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Natureza do dano	1
Estado de desenvolvimento do dano	1
Extensão atual do dano	1
Função do componente afetado	0
Consequência do dano	1

FICHA DE INSPECÇÃO E DIAGNÓSTICO Nº. 7

DESCRIÇÃO DO DANO

Fissura horizontal junto ao beiral.

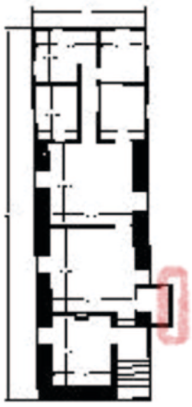


CAUSA DO DANO

Flexão da viga em consola.

LOCALIZAÇÃO DO DANO

orpo balançado na fachada tardoz.



MEIOS AUXILIARES DE DIAGNÓSTICO

Não há necessidade de meios complementares tendo em conta a origem conhecida.
A anomalia deve ser monitorizada para verificar se continua estável.

CLASSIFICAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Natureza do dano	1
Estado de desenvolvimento do dano	1
Extensão atual do dano	0
Função do componente afetado	0
Consequência do dano	0

AVALIAÇÃO GERAL DA CASA

Resumidamente, tendo em conta a inspecção feita à casa, consideramos que se encontra nas seguintes condições:

Segurança: Boa
Salubridade: Razoável
Estética: Razoável

CAUSAS POSSÍVEIS DA DETERIORAÇÃO

Procedeu-se em seguida à elaboração de um quadro, onde para cada tipo de anomalia detectada, procurou-se identificar a causa da mesma.

	ANOMALIA	LOCALIZAÇÃO	CAUSA
A 1	Fungos xilófagos	Vigas de madeira da laje de tecto r/c.	Falta de ventilação e presença de água.
A 2	Deformação das vigas	Vigas de madeira da laje de teto r/c com o 1º piso.	O pavimento foi sujeito a sobrecargas superiores para as
A 3	Humidade paredes	Paredes exteriores.	Infiltração de água através da cobertura.
A 4	Humidade tectos	Laje de betão armado da casa de banho. Revestimento tecto do 1º piso.	Infiltração de água através da cobertura.
A 5	Humidade ascensional	Paredes exteriores r/c.	Existência de água proveniente do solo.
A 6	Fissuração de alvenaria pedra	Paredes exterior junto ao corpo balançado.	Excesso de carga em elementos próximos, nomeadamente das lajes de betão armado construídas na última
A 7	Destacamento de revestimentos	Paredes exteriores no r/c.	Presença de água certamente
A 8	Fissuração de vigas de madeira	Vigas de madeira da laje do r/c.	Retracção da madeira.
A 9	Fissuração de alvenaria tijolo	Topo da parede exterior da casa de banho.	Cedência do apoio da laje de betão armado.

INTERVENÇÕES FUTURAS

Tendo em conta este estudo, há uma sugestão de medidas de intervenção para recuperar a casa e melhorar o seu conforto a longo prazo.

Intervenções prioritárias:

• Remoção e substituição da estrutura da cobertura.
• Substituição de rufos e caleiras.
• Substituição da telha cerâmica.
• Remodelação da rede de águas pluviais.
• Substituição do revestimento dos tetos.
• Reforço de algumas vigas de madeira.
• Substituir soalho com nivelamento do pavimento.
• Tratamento das vigas contra os agentes xilófagos.
• Preenchimento das fissuras existentes na fachada exterior (uma vez que as mesmas se encontram passivas).
• Colocação de impermeabilizante nas paredes exteriores junto ao solo.
• Isolar o interior para melhorar o conforto térmico da casa.
• Rever a ponte térmica nos vãos, e repensar como melhorar a partir da caixilharia existente.

Intervenções menos importantes:

- Recuperar caixilharias e portadas da casa e pintar.
- Recuperar mobília antiga e envernizar.
- Pintar no interior e exterior a casa, mantendo a originalidade da casa.

4

Construção | Arquitectura temporária

Embrião e Ideias

A memória do desenho da Arquitectura pensada pelo próprio arquitecto cria um imaginário. As vivências passadas são parte dessa memória onde o arquitecto leu, aprendeu, sentiu vários espaços, várias características da espacialidade, experienciou a luz, a proporção, a materialidade. A Arquitectura bebe desta junção de memórias interpretadas do passado, para serem re-interpretadas no presente e reinventar espaços para novas vivências futuras. Cada espaço terá um significado íntimo que pretende fazer sentir, valorizar o seu uso dele e dar um novo significado ao lugar.

O arquitecto pretende desenhar o imaginário com o propósito de criar espaços de encontros inesperados e únicos. Procura a essencialidade de cada espaço, promovendo a memória do passado para o presente, valorizando o património desse lugar.

Neste capítulo fez-se uma seleção de 5 exemplos de Arquitectura Temporária. Pretendem ser vistos como embriões, ideias simples, que, do ponto de vista da construção, são caracterizadas por serem de carácter temporário, leves e de fácil adaptação ao terreno.

Estes 5 exemplos serão separados em 2 grupos.

O primeiro grupo é constituído por 2 exemplos, com carácter mais simplista, sem uma forma criada propositadamente para o terreno; construção como pequeno refúgio, cabana, pequena caixa, quase de acessório a uma construção principal.

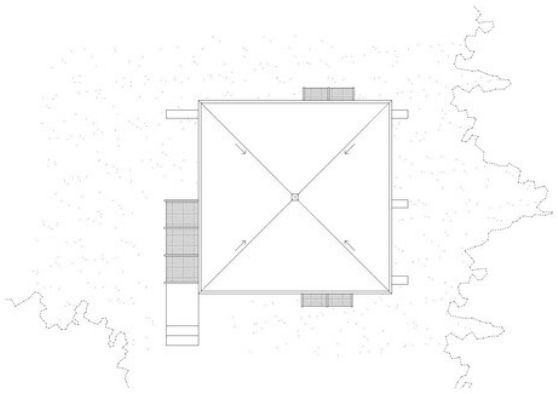
O segundo grupo, constituído por 3 exemplos com carácter mais complexo, pensando mais no terreno; maior obra de construção, materiais, programa e possibilidade de integrar mais área, aproximando-se de uma habitação uni-familiar.

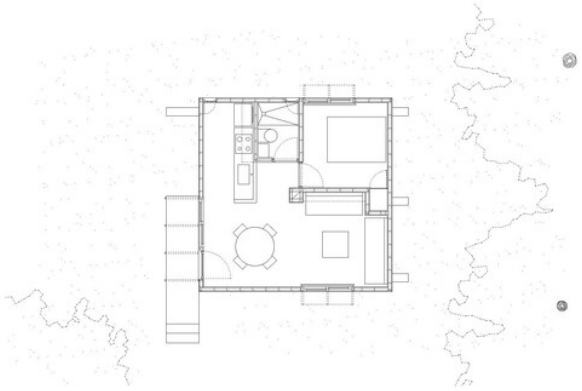
1. 6x6 Shelter / Colle-Croce (Grupo 1)

(https://www.archdaily.com/973280/6x6-shelter-colle-croce?ad_source=search&ad_medium=projects_tab)

Localizada na Argentina e construída em 2020, com uma área de 36m2, esta pequena construção foi desenhada com o intuito de ser um refúgio. Proposta como representação do que é necessário e suficiente como abrigo com o objetivo de escapar da rotina para um lugar pacífico, onde o contexto e o terreno é que dão o carácter de refúgio. De fácil adaptação ao terreno e às suas irregularidades, esta construção serve como complemento da casa principal. Sendo de carácter temporário permite um programa bastante reduzido e confere a condição de auto-suficiente. Teve como fundamento respeitar o meio ambiente, minimizando qualquer impacto na Natureza.







2. Minimod Spot / MAPA (Grupo 1)
(https://mapaarq.com/en/work/msp/)

Minimod Spot é um projecto conceptual do ano de 2019, de um gabinete de arquitectura do Brasil, que representa a ideia de fuga pessoal, para uma pessoa ou 2 pessoas. Projecto para ser instalado em qualquer local, com o objectivo de ser personalizável em termos de uso do mesmo: sala de meditação, sauna, estúdio, biblioteca, quarto, etc.
Esta construção dá vontade de se multiplicar por um terreno e distribuir diferentes tipos de actividade por cada uma, adaptando-se ao terreno e com a facilidade de direcionar para pontos importantes do lugar.

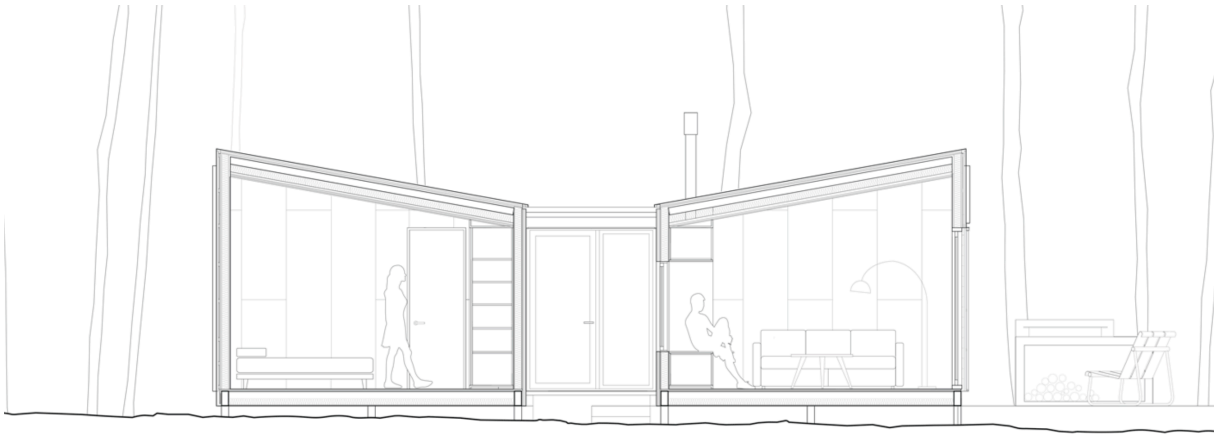


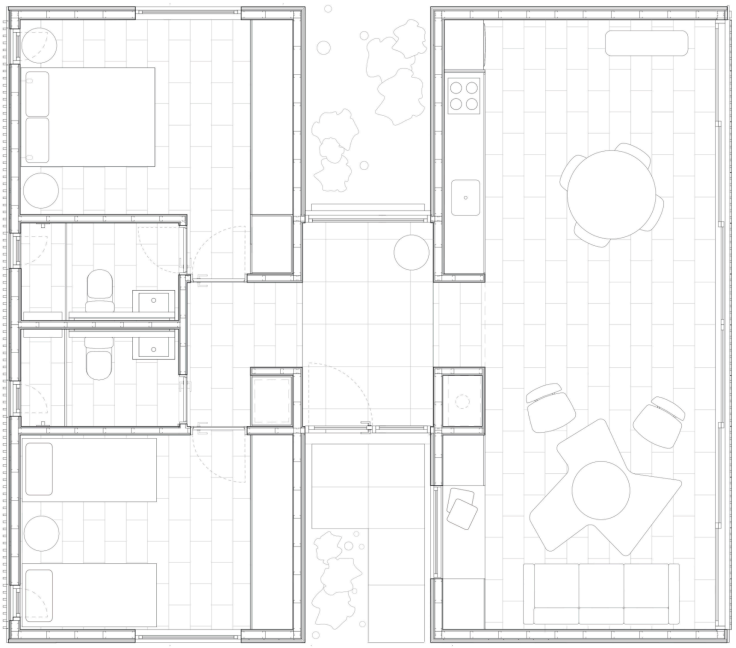


3. Cabin in La Juanita / MAPA (Grupo 2)
(https://mapaarq.com/en/work/clj/)

Localizada em Maldonado, no Uruguay e construída em 2020, esta obra intitula-se como um ‘dispositivo de gravação’ de crónicas de uma vida privada.
É uma cabana pré-fabricada, como retiro sazonal, íntimo e confortável, composto de módulos em caixas gêmeas com um tipo de geometria em espelho, trazendo a sensação de paisagem do exterior para o interior das suas superfícies internas. Um módulo dedicado ao lado privado e outro dedicado à vida social.







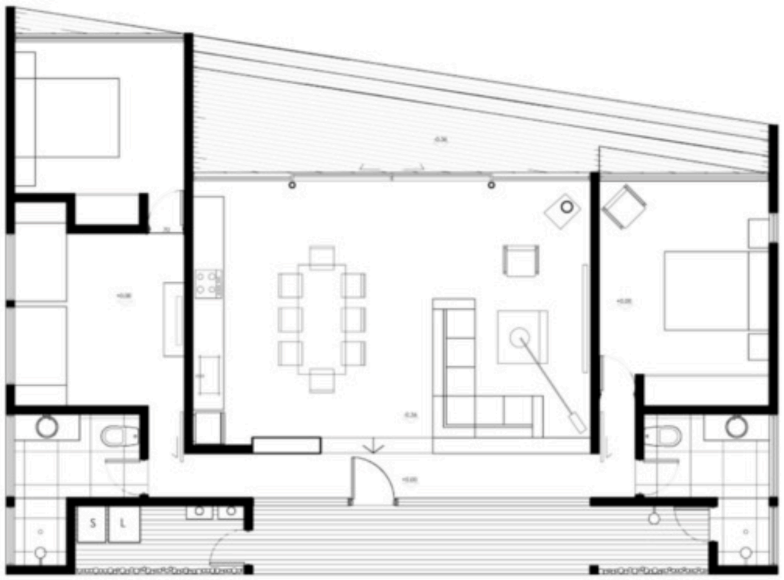
1 3

4. ES House / Altamarea arquitectura (Grupo 2)
(archdaily.com/941174/es-house-altamarea-arquitectura)

Com uma área de construção de 390m2, construída em 2017, esta obra tem um programa muito bem pensado. Os espaços comuns localizam-se na zona central e em ambos os lados os quartos e as casas de banho. Na construção deste projecto houve



o cuidado da escolha de um pedaço de terreno que não se traduzisse em devastação da vegetação, evitando a todo o custo grande movimentação de terras.



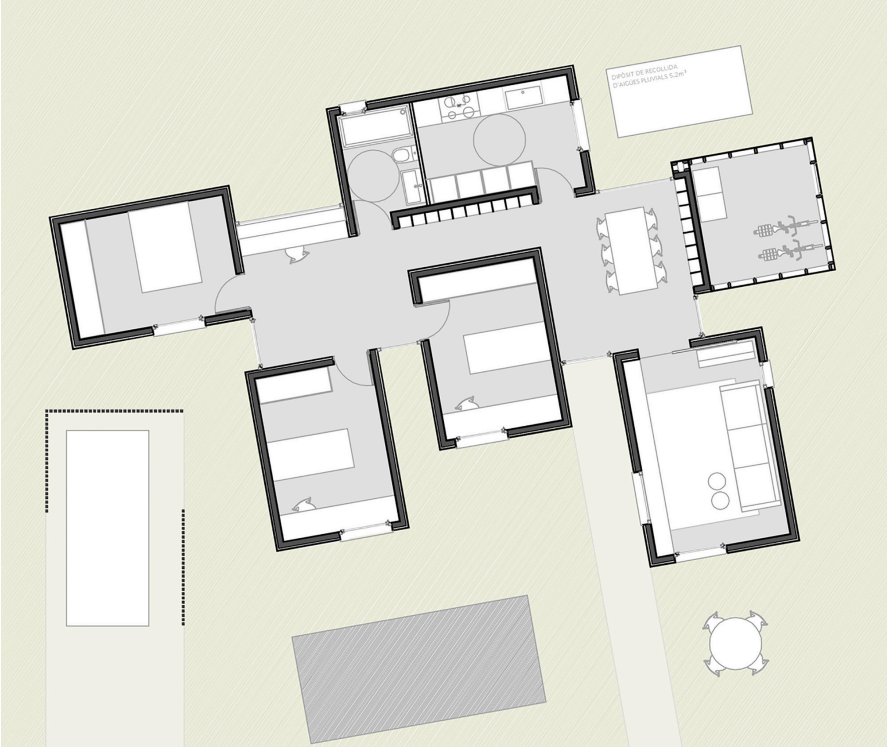
5. Casa GG / Alventosa Morell (Grupo 2)
(https://www.archdaily.com/511922/gg-bioclimatic-house-alventosa-morell-arquitectes)

Uma. residência privada de 2013, localizada em Barcelona (Espanha), com o intuito de se adaptar ao terreno e à sua morfologia, com o mínimo possível de custos na sua construção e tendo como objectivo ser de eficiência energética.



O projecto foi solucionado através de 6 módulos de pré-fabricados de madeira, onde os espaços entre estes módulos dão flexibilidade para captar o máximo de luz para o interior da

casa, e o vidro cria um efeito de estufa aquecendo a casa no inverno. Na primavera e no verão podem transformar-se em terraços cobertos junto ao jardim, quando a temperatura é amena. A relação entre a casa e a paisagem é o foco principal da obra. A estrutura e as paredes de madeira e o piso em betão combinam com a configuração geral do interior.



O terreno de cima - Tapadinhas

Terreno designado de “Tapadinha”, nome com origem certa desconhecida, está localizado em zona de encosta, com suave inclinação para o rio Paiva, virado a sul-oeste.

É limitado a norte-leste e a norte-oeste por arruamentos rurais, sendo, nas restantes orientações, confrontado com terrenos agrícolas e respetivos edificados habitacionais.

Este terreno, com cerca de 3.000m^2, possui vários socalcos de pouca altura, onde marcam presença áreas de agricultura rotativa, pomar em extensão, vinha em ramada limítrofe, jardim e, junto, uma zona com eira, palheiro e casa de apoio agrícola; no ponto mais alto do terreno, existe um grande tanque de rega.



Fig. 56 Fotografia tirada desde o centro do terreno das Tapadinhas, em direcção sul-oeste. Vista sobre os vales e montanhas da região.

Avistam-se, ao longe, encostas com floresta (a leste e sul), com áreas de terrenos agrícolas, polvilhadas de edificados rurais e um solar oitocentista (a oeste) e um pequeno núcleo urbano, com igreja e algum terreno agrícola (a oeste/norte).
Este terreno possui boa exposição solar ao longo do ano, estando protegido do vento norte por encosta superior, posicionada a norte.

Tendo em conta a inclinação do terreno e a exposição solar, a ideia de implantação seria feita nesse ponto, tal como indica o mapa (fig. 57).



Fig. 57 Mapa do terreno de cima (Tapadinhas). Com a indicação das principais construções existentes e futuras possibilidades.

Já o acesso ao terreno, para uma possível garagem ou estacionamento privado, seria feito pela via pública de cota inferior, existente a leste, em rampa de acesso pré-existente a partir a rua de Travanca.

A implementação desta nova construção de carácter temporário tem:

- o lado prático de usufruto deste terreno, onde, aos fins-de-semana, há a necessidade de visitar a quinta e a casa de família, para acompanhamento dos cultivos e plantações;

- explorar o lado poético na cota mais alta, onde se pode observar a incrível vista sobre as montanhas da região, em simultâneo com a casa de família na cota em baixo (onde se relembram as memórias do passado, as histórias dos meus avós que já cá não estão).

5

Considerações Finais
Ponte memória, passado, presente

"Projetar: há um princípio quase em nebulosa, raramente arbitrário.

Perpassa a história toda, local e estranha, e a geografia, histórias de pessoas e experiências sucessivas, as coisas novas entrevistas, música, literatura, os êxitos e os fracassos, impressões, cheiros e ruídos, encontros ocasionais. Uma película em velocidade acelerada suspensa aqui e ali, em nítidos quadradinhos.

Uma grande viagem em espiral sem princípio nem fim, na qual se entra quase ao acaso. Comboio assaltado em movimento.

É preciso parar e ser oportuno na paragem.
Agora entra a razão, com os seus limites e a sua eficácia.

Talvez retomar a viagem?"

35 VIEIRA, Álvaro Siza. 01 textos. Porto: Civilização ed., 2009. p. 317

Ao realizar este trabalho, incluído num contexto de fase final de formação universitária, propus-me revistar uma casa, inserida numa quinta, que pertence à minha família. Foi uma viagem que incluiu muitos sentimentos, emoções e memórias de todas as experiências passadas vividas nesta casa. O poema de Álvaro Siza transmite um pouco toda essa história ligada à casa com pessoas e todas ‘experiências sucessivas’.

Há um primeiro momento onde acontece uma visita inicial que inclui a casa, terreno adjacente, mais o terreno separadopela rua pública, momento importante que dá uma perspectiva global da interacção da casa com o terreno que lhe pertencerá após as partilhas de herança, mas também em relação ao território que engloba a Quinta de Travanca.

Um segundo momento em que se caracteriza um pouco da história da Quinta de Travanca, e se foca mais na casa. Invoca muitas memórias e um sentimento muito chegado pela história e vivências muito pessoais passadas nesta casa. Aqui faz-se uma análise detalhada da casa a nível arquitectónico, estrutural e de materiais, com o propósito futuro de reabilitar; reabilitação com o objectivo de a manter como memória, mas recuperar e adaptá-la às necessidades do uso actual da família.

Um terceiro momento em que, avaliando o terreno de cima (Tapadinha), há a possibilidade de criar uma nova memória, um novo começo, com uma construção temporária usufruindo deste terreno. Esta ideia de construção temporária é o embrião que irá fazer o elo de ligação entre o passado (a casa já construída como memória dos meus avós) e o presente.

O objectivo inicial foi avaliar e caracterizar a situação actual de uma Quinta e de uma Casa cheias de memória familiares, com o intuito de modificar os espaços interiores com um novo projecto. Nas circunstâncias do desenvolvimento do trabalho, e depois de avaliar a casa e o terreno, nasce então uma ideia para o futuro. Este embrião, esta ideia, conecta as experiências do passado com presente. Foi feita uma análise eficaz para se saber o que é preciso recuperar ou requalificar na casa. E termina-se com uma nova fase, no terreno de cima que tem vista sobre a casa para um possível projecto futuro.

Há uma poética em que o terreno da cota mais alta, no presente, ‘observa-se’ as memórias e as experiências na cota mais baixa, vinculadas à casa, do passado. Uma ‘viagem’ de emoções e sentimentos que, parecendo abstracta, tem um sentido muito correto, um novo caminho, um novo capítulo, na história futura da família.

Imagino uma nova casa, que direccionada para poente, onde se observa o pôr-do-sol por detrás das cristas das montanhas, unindo este ciclo entre o passado e o presente.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Alfredo da M.; AZEVEDO, António. Arquitectura Popular em Portugal. 3ª ed., Lisboa:
Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. Vol. 2.

BARBOSA, Cassiano. ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos: Porto, 1947-1952. Porto: Edições ASA, 1972.

BAYÓN, Mariano; Pensamientos provocados por dos viviendas de Zumthor. in Revista: Arquitectura COAM 361, 2010.

FREITAS, Vasco P. de. Manual de Apoio ao Projecto de Reabilitação de Edifícios Antigos. OERN, 2012.

JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005.

LEAL, João. Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre a arquitectura popular no século XX português. 1ª ed., Porto 2019. ISBN: 978-972-99852-3-2.

LLORENS, Vicente M.; MAZA, Ricardo Meri de la. Leer para escribir: análisis arquitectónico.

OLIVEIRA, Ernesto V. de; GALHANO, Fernando. Arquitectura Tradicional Portuguesa.
2ª ed., Lisboa, 1994.

RESENDE, Jorge M. T. O Inventário Arqueológico de Cinfães - uma reflexão: O Inventário como ferramenta de Gestão, Divulgação e Conservação do Património Arqueológico. Dissertação, FLUP, 2013.

SERRA, Sara M. A cidade romana de Viseu A memória do passado como suporte da idade do presente. Dissertação de Mestrado, FAUP, Porto, 2018.

VIEIRA, Álvaro Siza. 01 textos. Porto: Civilização ed., 2009. ISBN: 978-972-26-2923-2

JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005.

Web

https://pt.wikipedia.org/wiki/Cinfães (12.11.2019)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Travanca_(Cinfães) (12.11.2019)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Viseu (12.11.2019)

https://travanca.jfreguesia.com/?fbclid=IwAR0ghUFXgrp5noA7TwkrX3r7R_OAmMqirqT4z3Et22ZOMTbpWO-qzSONpRY (14.11.2019)

https://travanca.jfreguesia.com/freguesia/historia/?fbclid=IwAR1SIm2iVUHMmVDtrxS562kdZYqN-N1DtuOiElqM4x1gKIv-TEfsGHw1IVY (14.11.2019)

https://www.academia.edu/31005775/LEER_PARA_ESCRIBIR_ANÁLISIS_ARQUITECTÓNICO (15.11.2019)

https://www.correiodoporto.pt/do-porto/jose-carlos-loureiro-a-serena-e-honesta-pratica-do-oficio-de-arquitecto (9.11.2019)

Iconografia

Nota: Todas as imagens são originais, de autor, à excepção das referenciadas

Fig. 1. ANTUNES, Alfredo da M.; AZEVEDO, António. Arquitectura Popular em Portugal. 3ª ed., Lisboa:
Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. Vol. 2. p. 3

Fig. 2, 3. Fotografia do Autor

Fig. 4. ANTUNES, Alfredo da M.; AZEVEDO, António. Arquitectura Popular em Portugal. 3ª ed., Lisboa:
Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. Vol. 2. p. 13

Fig. 5. ANTUNES, Alfredo da M.; AZEVEDO, António. Arquitectura Popular em Portugal. 3ª ed., Lisboa:
Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. Vol. 2. p. 9

Fig. 6. ANTUNES, Alfredo da M.; AZEVEDO, António. Arquitectura Popular em Portugal. 3ª ed., Lisboa:
Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. Vol. 2. p. 49

Fig. 7. OLIVEIRA, Ernesto V. de; GALHANO, Fernando. Arquitectura Tradicional Portuguesa.
2ª ed., Lisboa, 1994. p. 28

Fig. 8. OLIVEIRA, Ernesto V. de; GALHANO, Fernando. Arquitectura Tradicional Portuguesa.
2ª ed., Lisboa, 1994. p. 32

Fig. 9. ANTUNES, Alfredo da M.; AZEVEDO, António. Arquitectura Popular em Portugal. 3ª ed., Lisboa:
Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. Vol. 2. p. 80

Fig. 10. https://www.caixaimobiliario.pt/images/mapas/viseu.gif (12.11.2019)

Fig. 11. RESENDE, Jorge M. T. O Inventário Arqueológico de Cinfães - uma reflexão: O Inventário como ferramenta de Gestão, Divulgação e Conservação do Património Arqueológico. Dissertação, FLUP, 2013. p. 57

Fig. 12. RESENDE, Jorge M. T. O Inventário Arqueológico de Cinfães - uma reflexão: O Inventário como ferramenta de Gestão, Divulgação e Conservação do Património Arqueológico. Dissertação, FLUP, 2013. p. 56

Fig. 13. https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/79/Mapa_de_Portugal_-_Distritos_plain.png (12.11.2019)

Fig. 14. https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/47/Cinfães_116.PNG/290px-Cinfães_116.PNG (13.11.2019)

Fig. 15. http://historiadecinfaes.blogspot.com/2010/11/mapa-de-travanca-1956.html (13.11.2019)

Fig. ?. https://www.google.com/maps/place/Travanca/@41.0359997,-8.2427556,13.48z/data=!4m5!3m4!1s0xd249c28f9ccb7f5:0x500ebbde4912d10!8m2!3d41.0393605!4d-8.2248988 (16.11.2019)

Fig. ?. https://www.google.com/maps/place/Travanca/@41.036346,-8.2249556,372m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd249c28f9ccb7f5:0x500ebbde4912d10!8m2!3d41.0393605!4d-8.2248988 (17.11.2019)

Fig. 16. https://www.pinterest.com/pin/276760339580930302/ (15.11.2019)

Fig. 17. JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 23

Fig. 18, 19. JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 24

Fig. 20. JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 54

Fig. 21, 22. JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 77

Fig. 23. JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 100

Fig. 24, 25, 26. JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 100

Fig. 27. JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 155

Fig. 28. JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 157

Fig. 29. JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 180

Fig. 30. JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 181

Fig. 31. JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 208

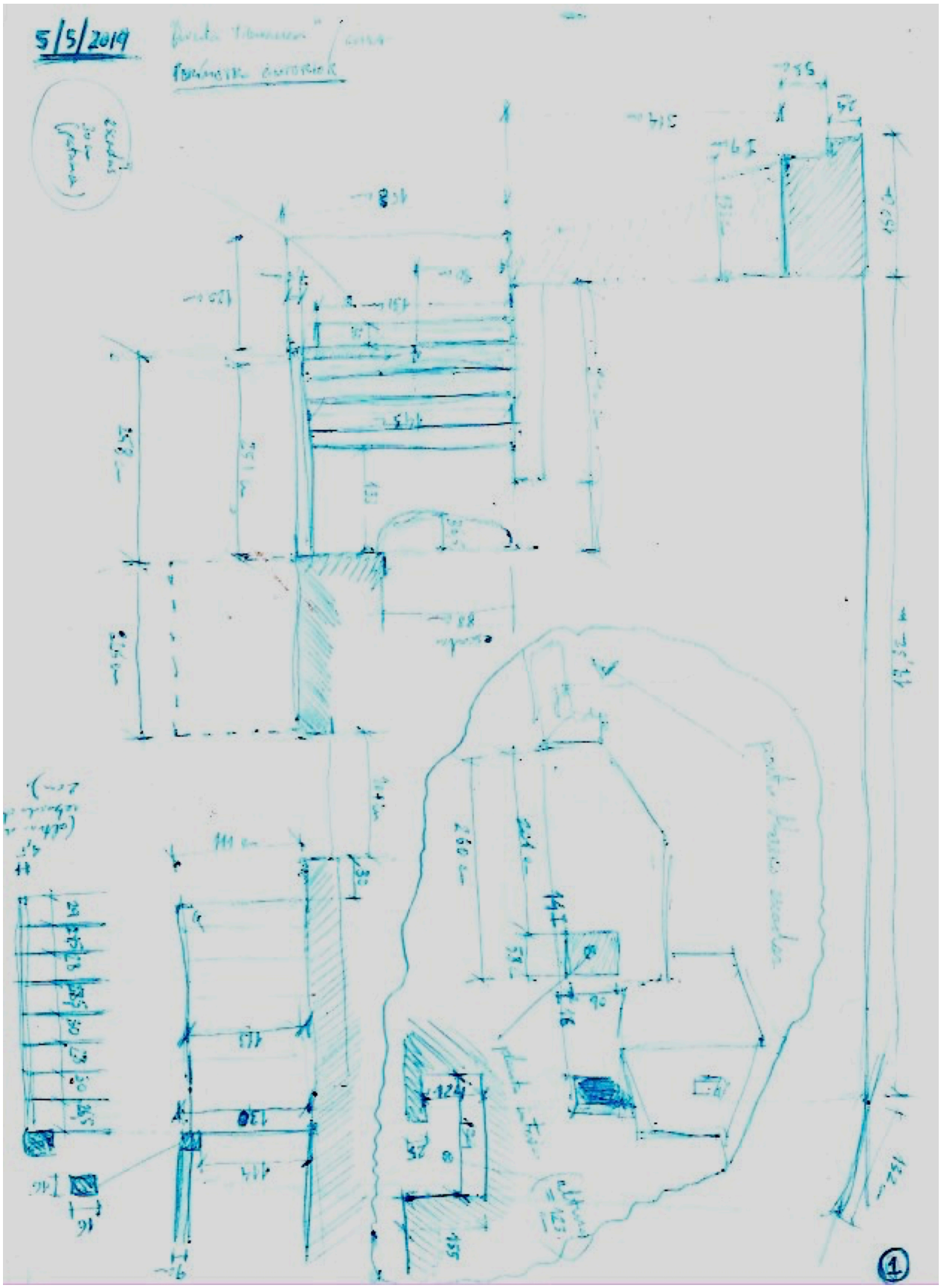
Fig. 32. JACOBSON, Max; SILVERSTEIN, Murray; WINSLOW, Barbara. Patterns of Home: The Ten Essentials of Enduring Design. Newtown: The Taunton Press, 2005. p. 232

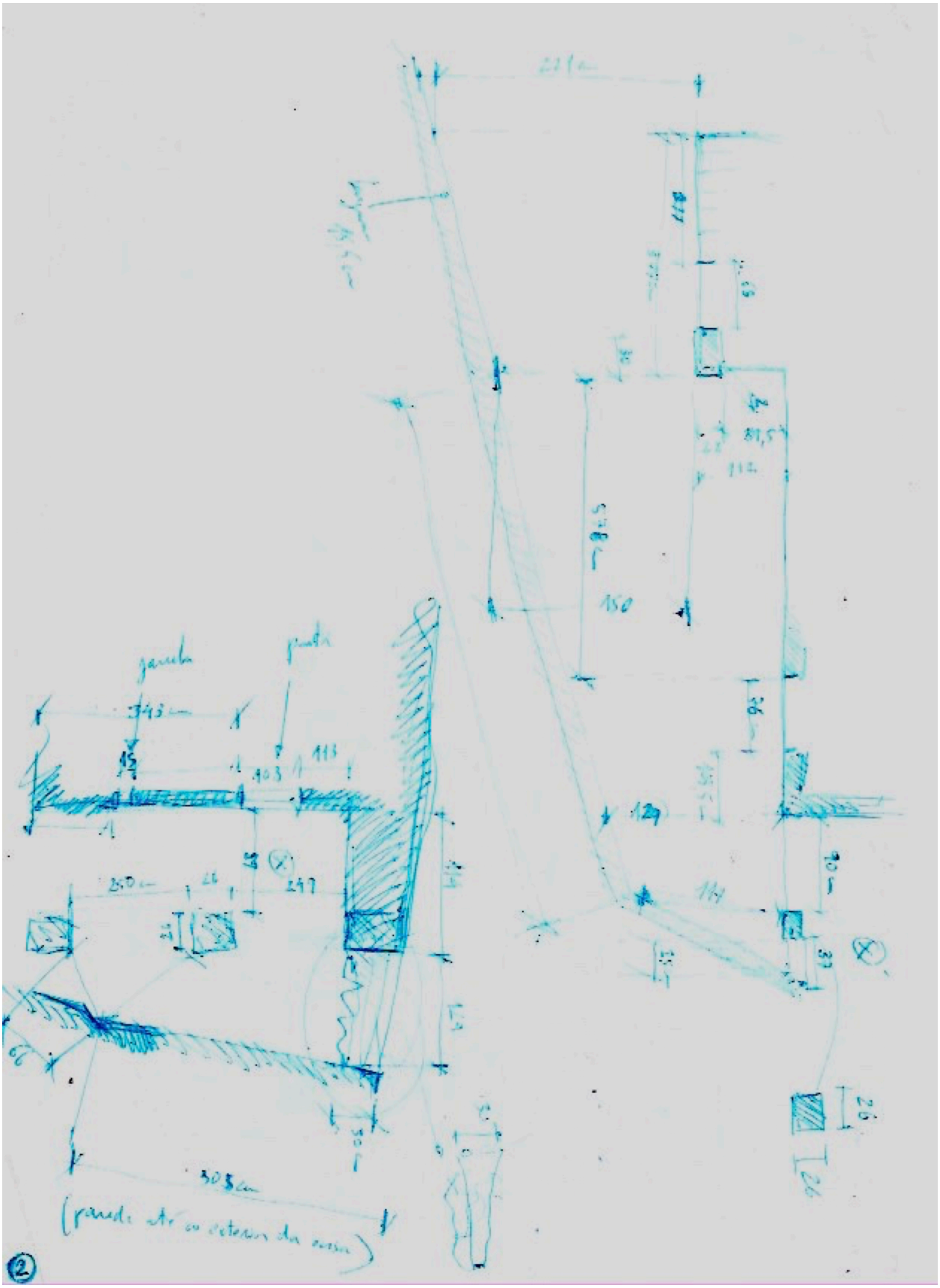
Fig. 33, 34. https://www.google.com/maps/place/Travanca/@41.0361245,-8.2243172,140m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd249c28f9ccb7f5:0x500ebbde4912d10!8m2!3d41.0393605!4d-8.2248988 (16.11.2019)

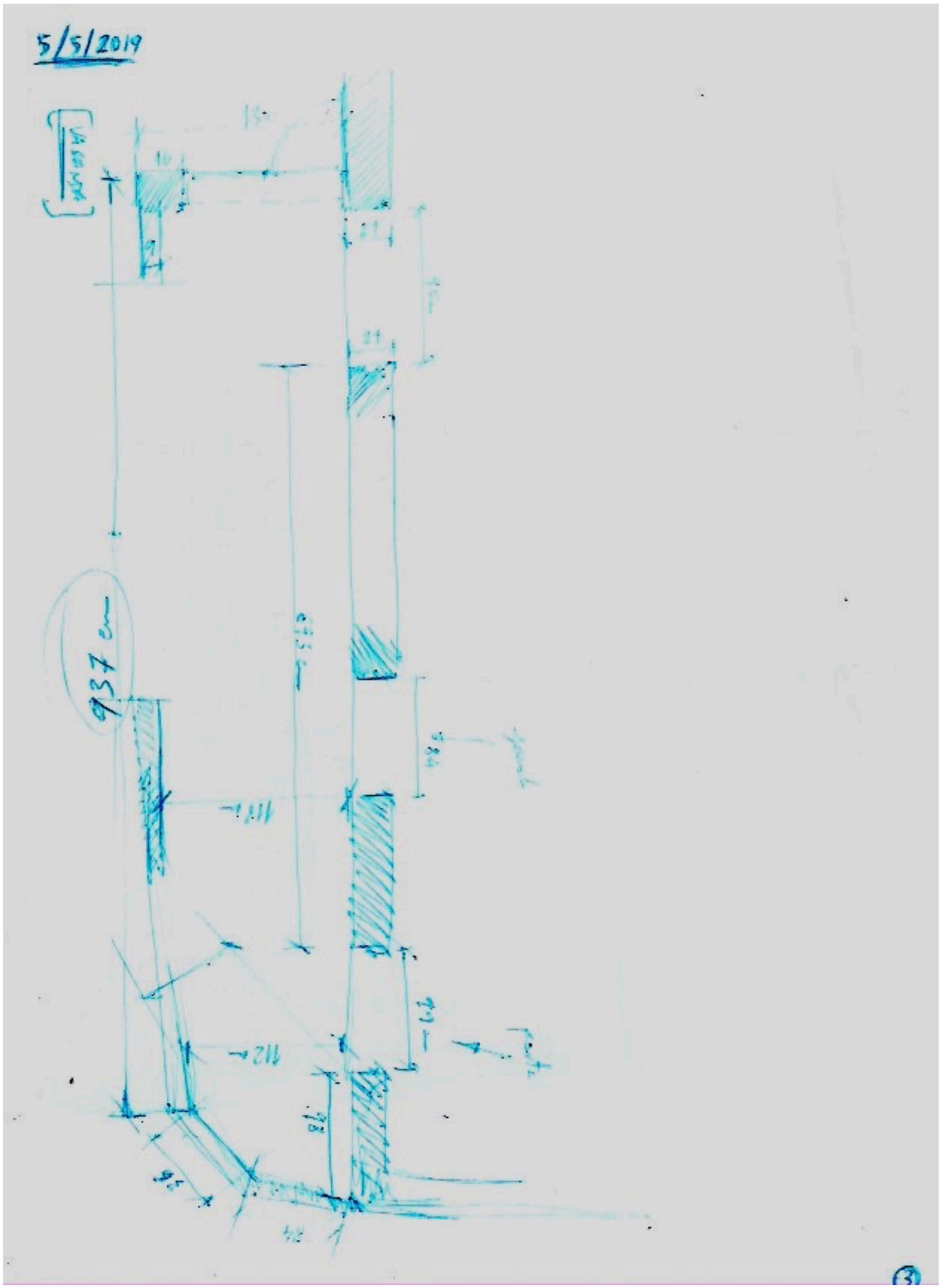
Fig. 35. Desenho Autocad realizado pelo Autor

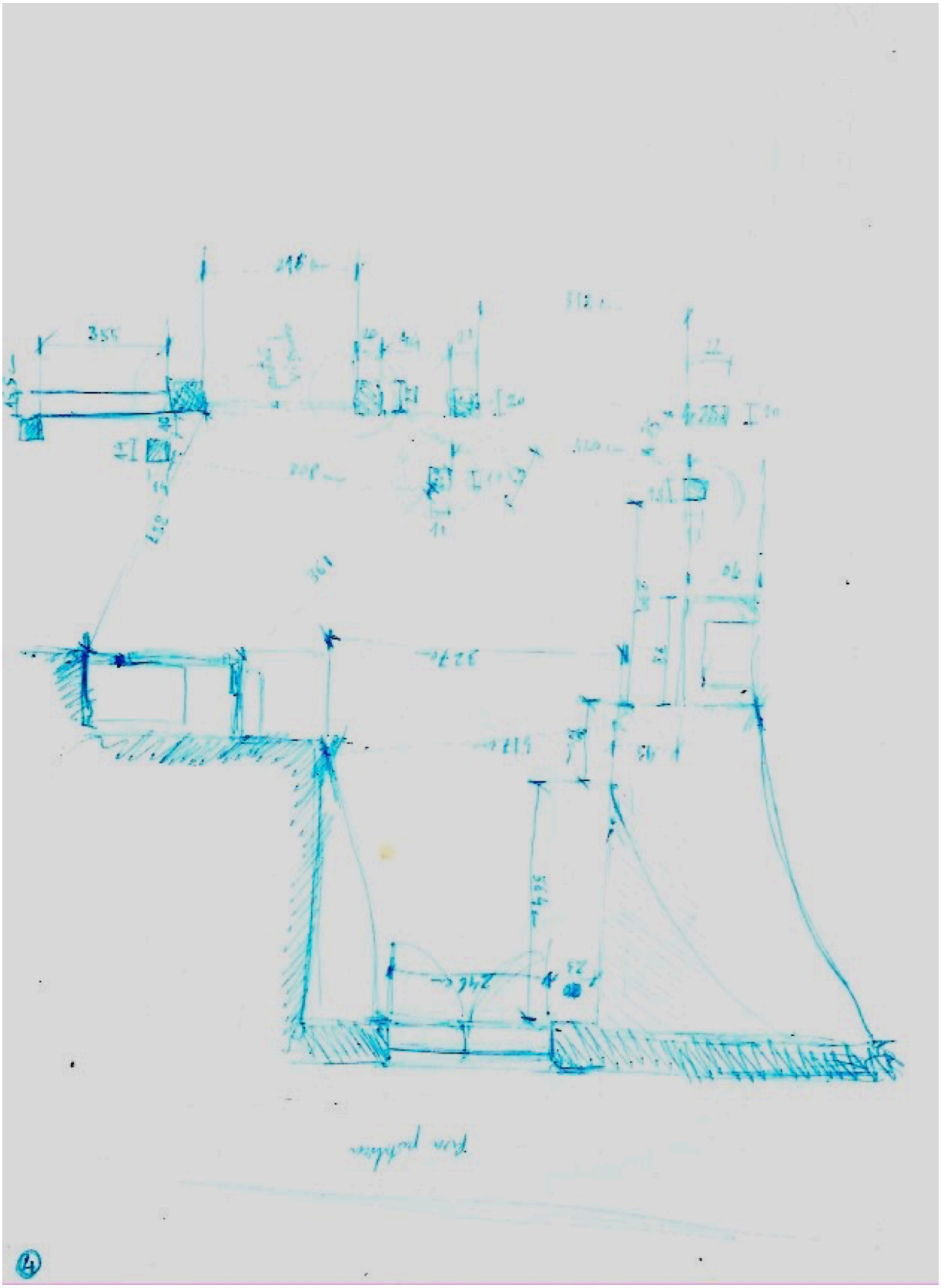
Fig. 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57 Fotografia do Autor

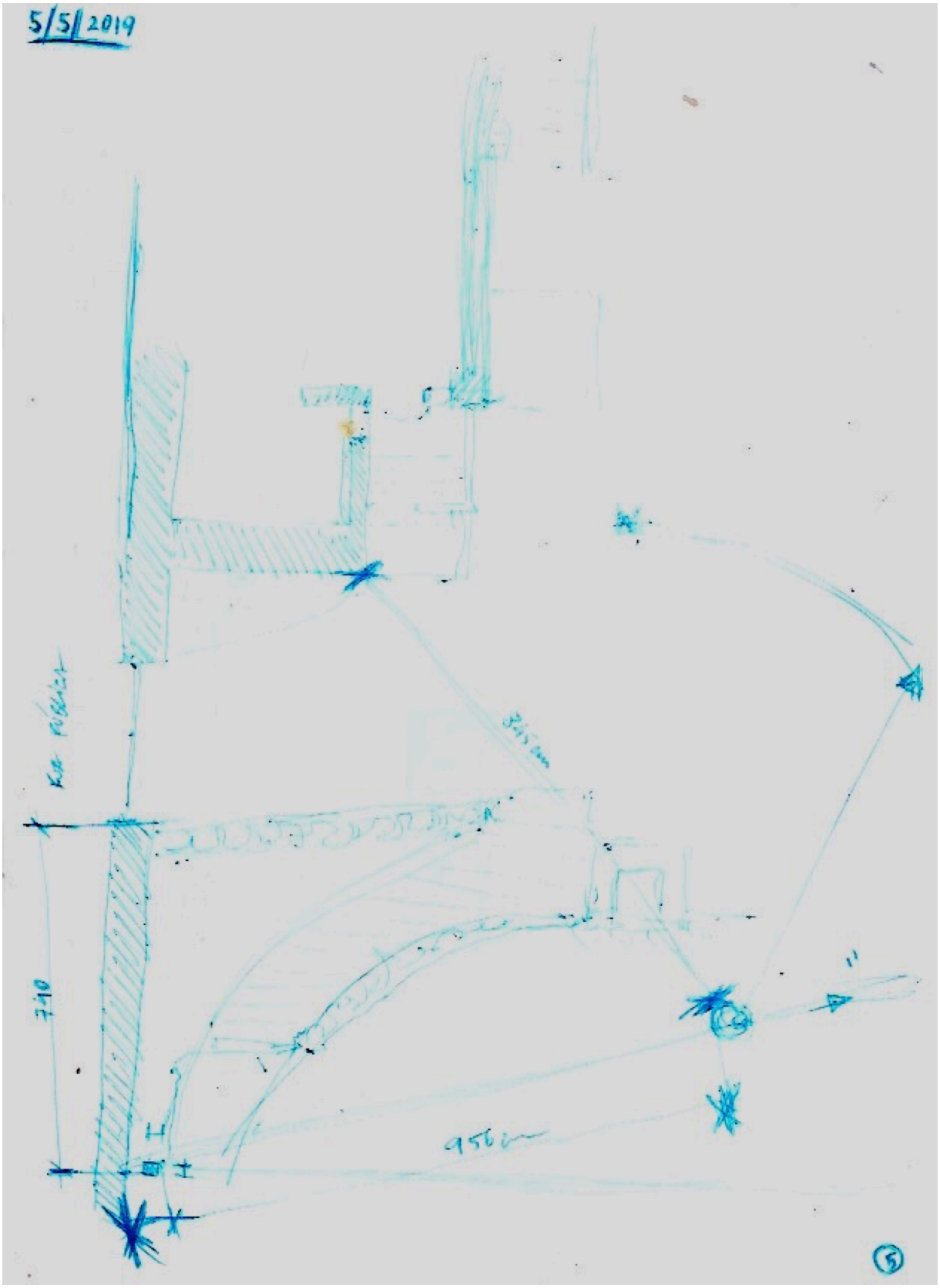
Anexos
Levantamento gráfico / desenhos / mapas / Autocad

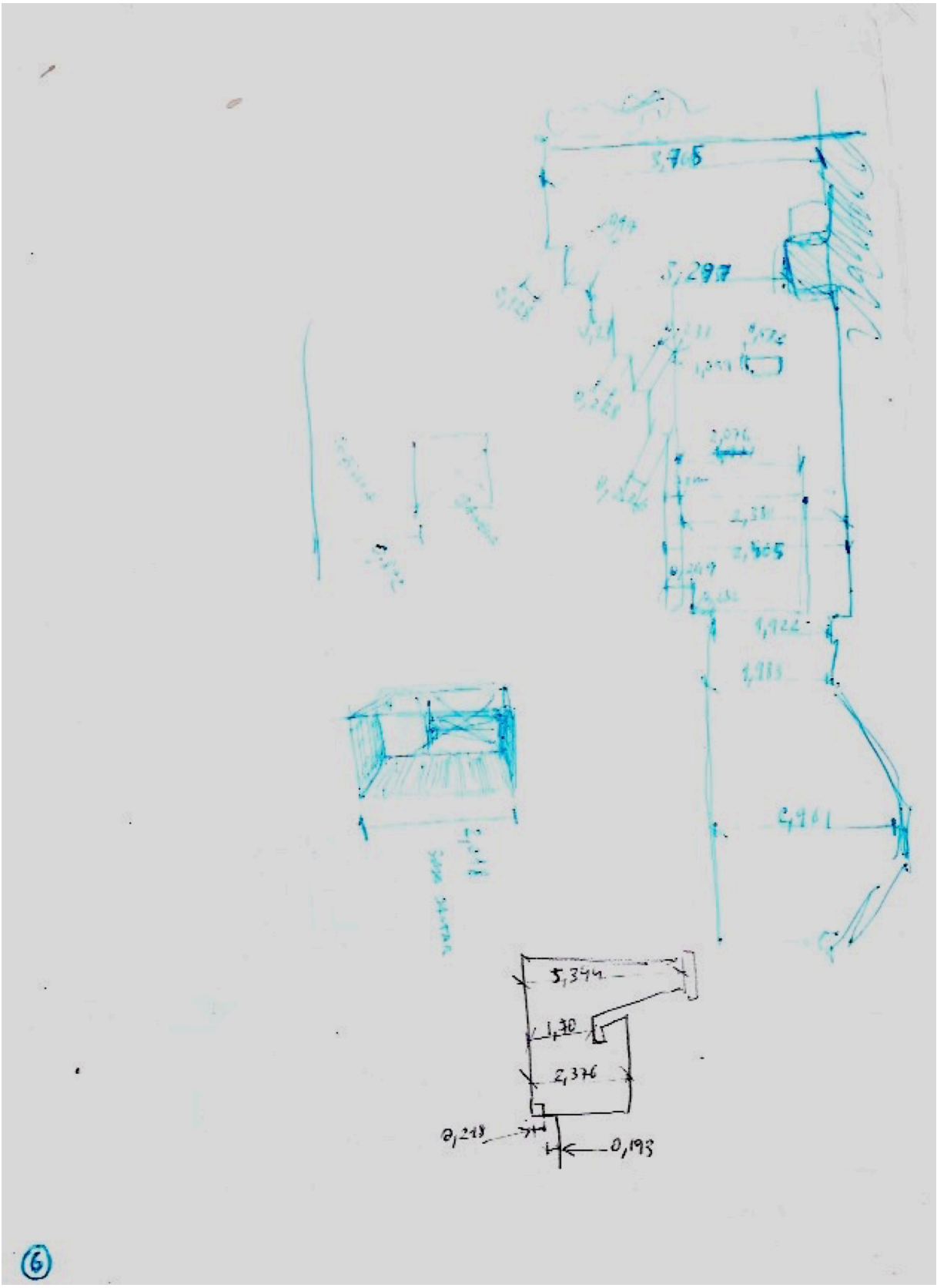


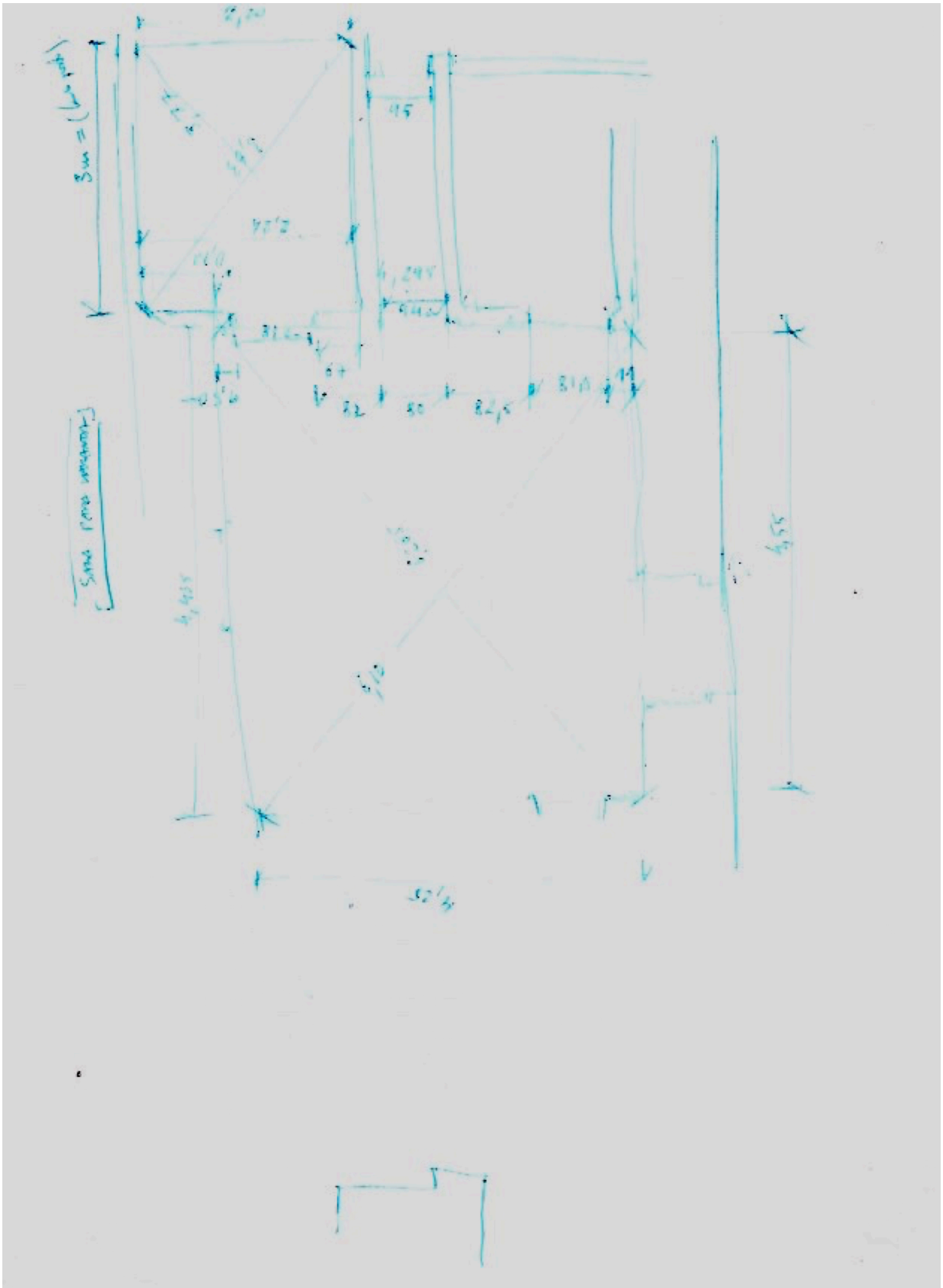

janela
porta
150
305 cm
(parede até ao exterior da casa)
②

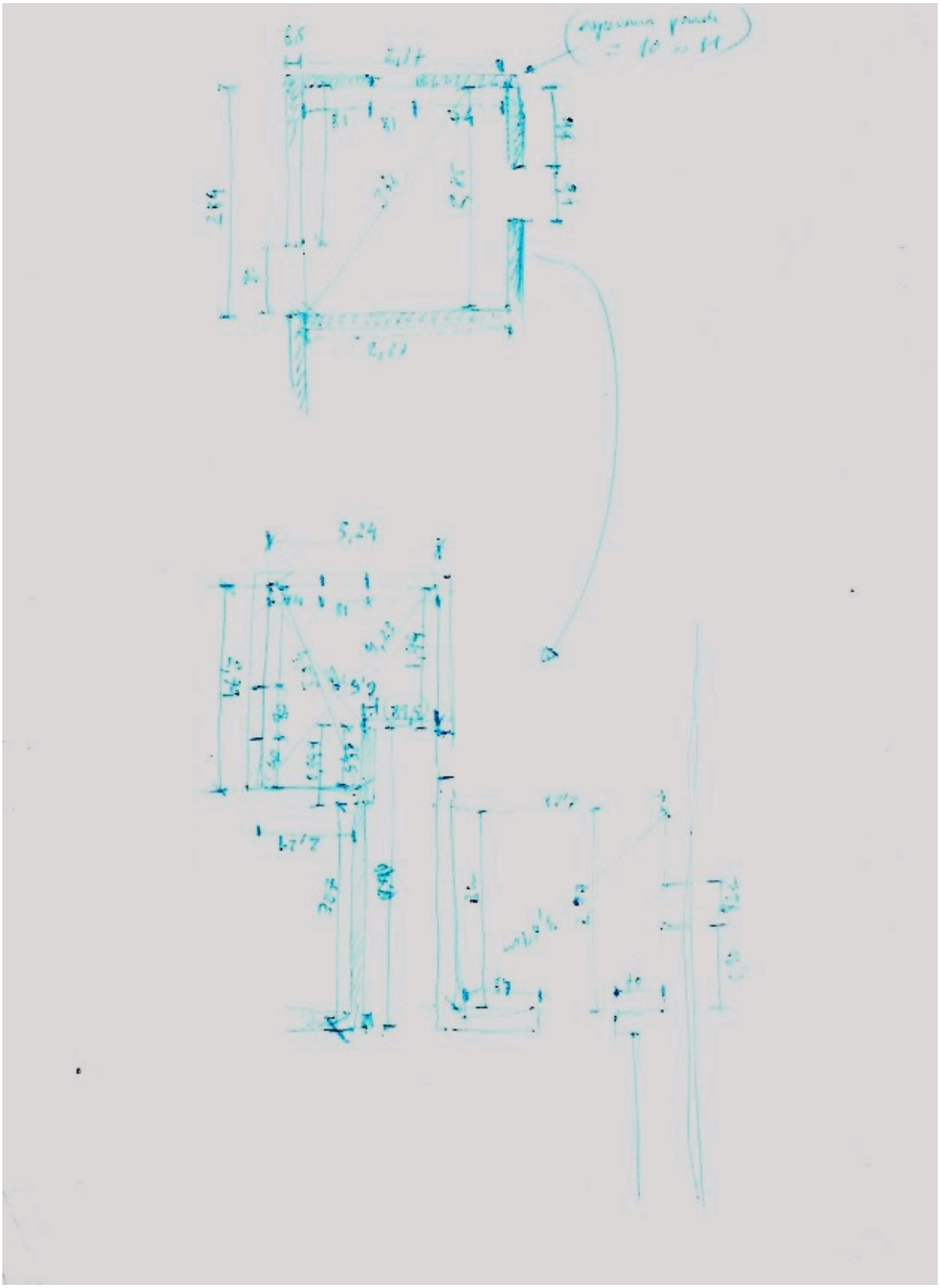

5/5/2019
137 cm
117
112
3

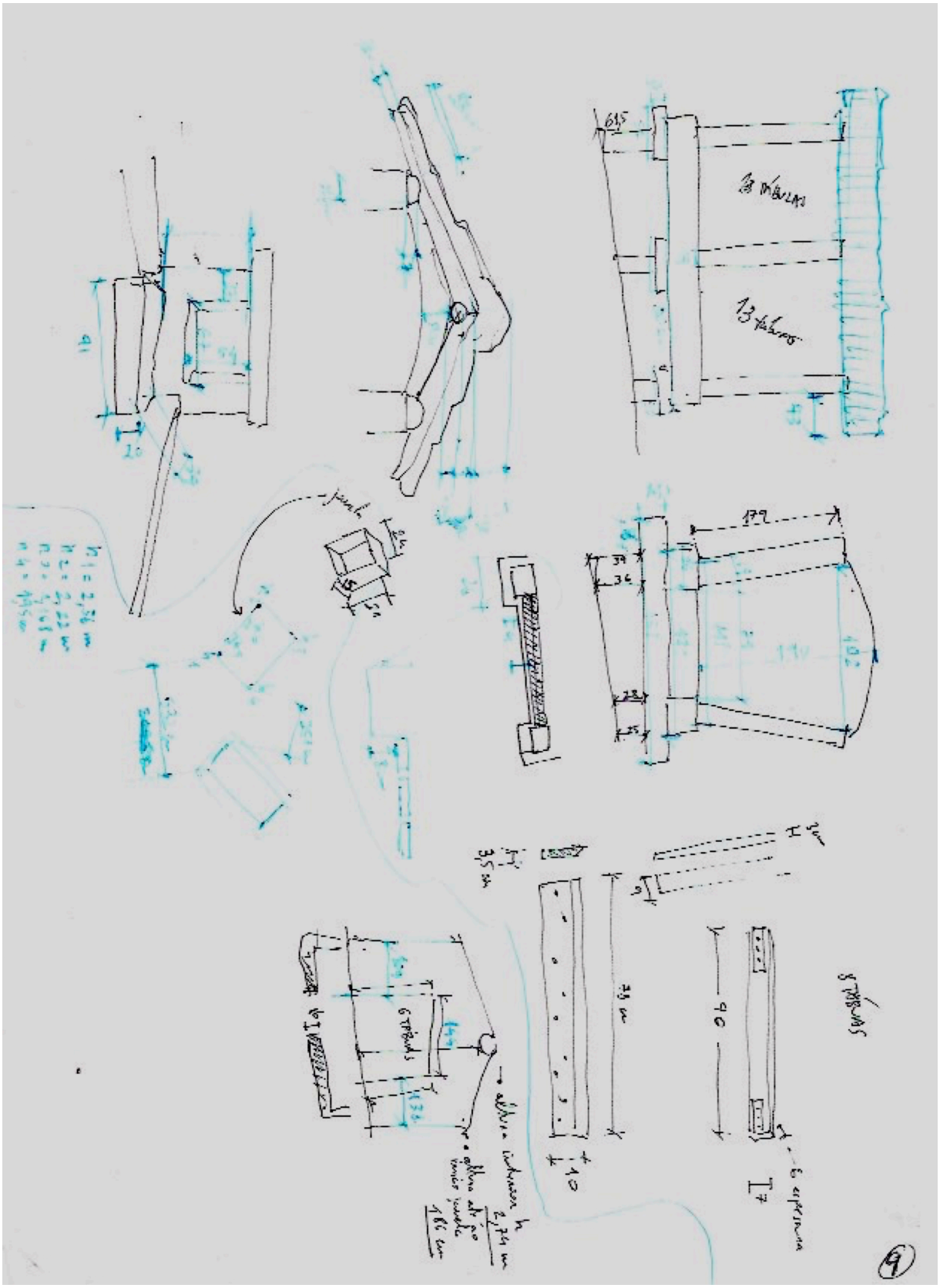


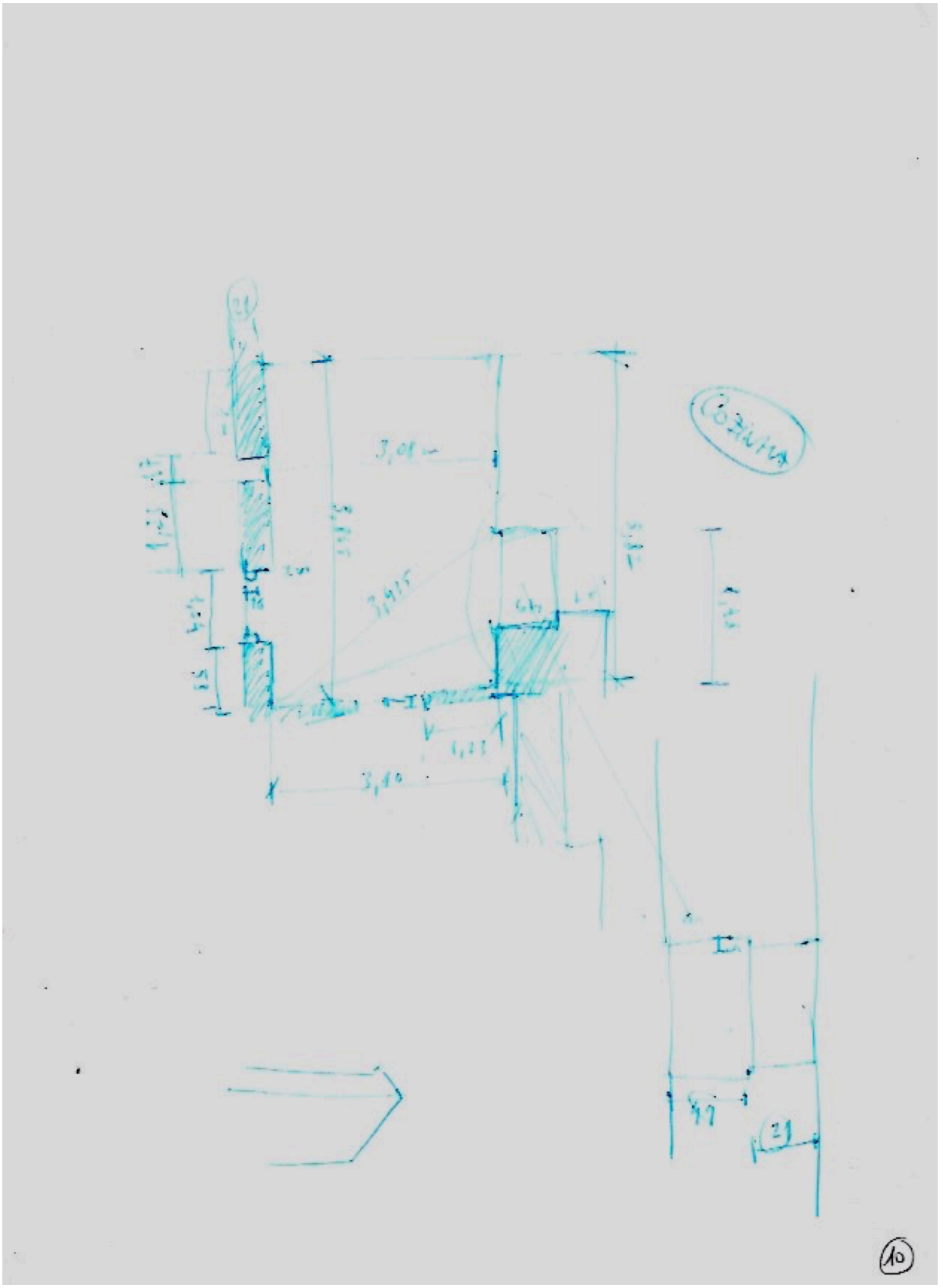

5/5/2019
740
950
5


5,715
5,297
2,376
0,193
6





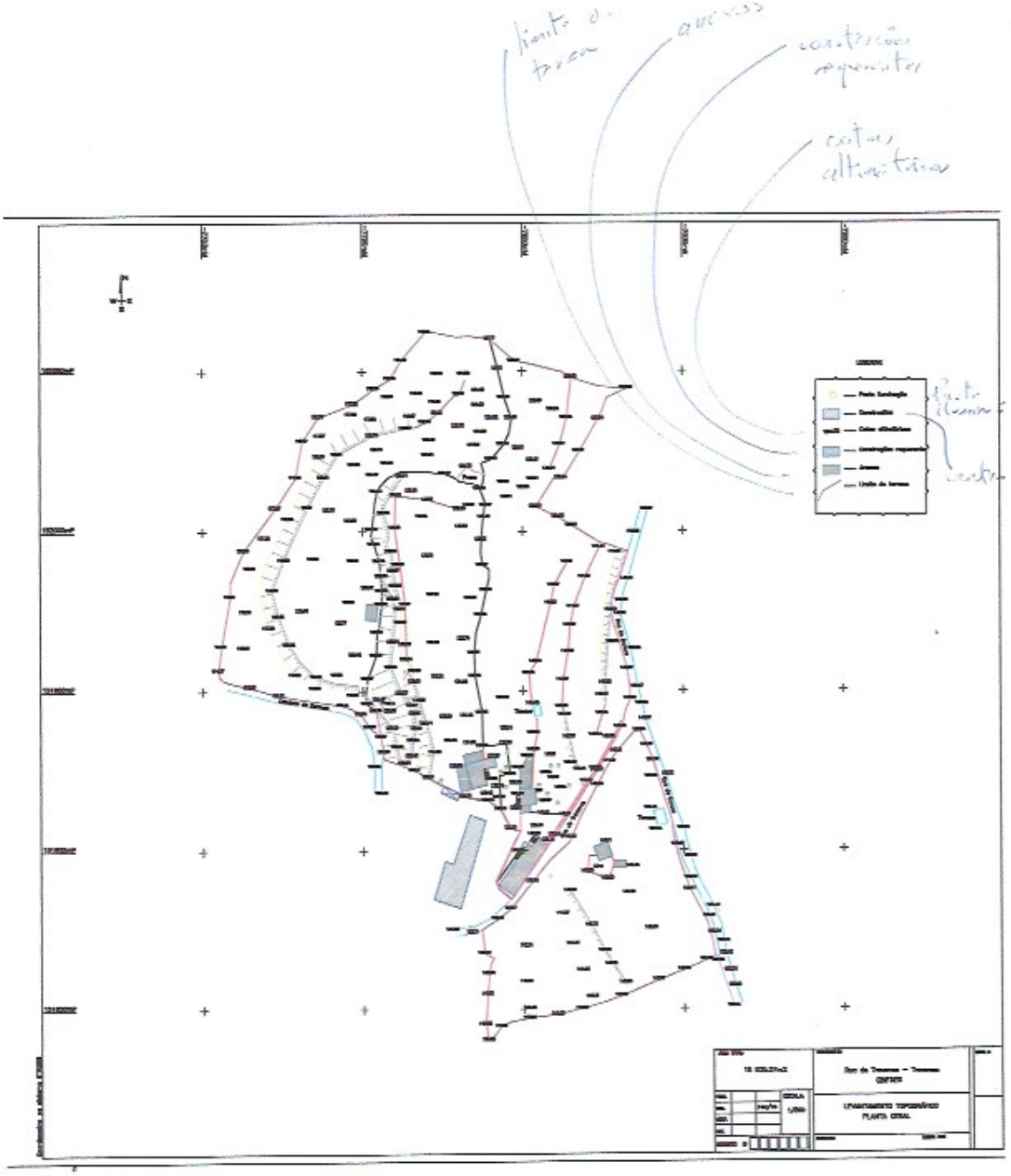



3,01 m
3,915
3,10
1,21
Pozitia
10

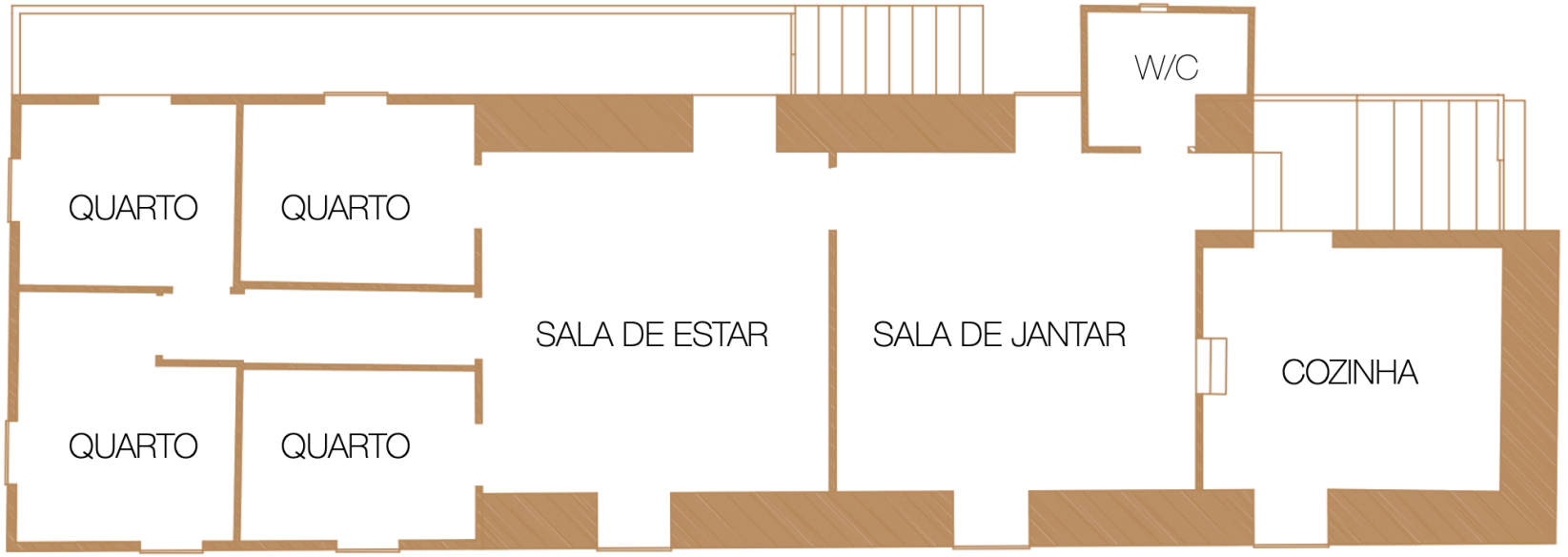
1 - Abacateiro
2 - Ameixoeira
3 - Amendoeira
4 - Ameixeira
5 - Bananeira
6 - Bétula
7 - Cerejeira
8 Cipreste
9 - Diospireiro
10 - Figueira
11 - Framboeseiras
12 - Goji
13 - Laranjeira
14 - Limão
15 - Limoeiro
16 - Macieira
17 - Marmeleiro
18 - Medronheiro
19 - Morangueiro
20 - Mirtilos
21 - Mangueira
22 - Nectarina
23 - Nespereira
24 - Nogueira
25 - Oliveira
26 - Pereira
27 - Pessegueiro
28 - Pessegueiro carnal
29 - Pinheiro manso
30 - Romãzeira
31 - Tamarilho
32 - Tangerineira
33 - Ulmeiro
34 - Videira
35 - Kiwi
36 - Cerejeira



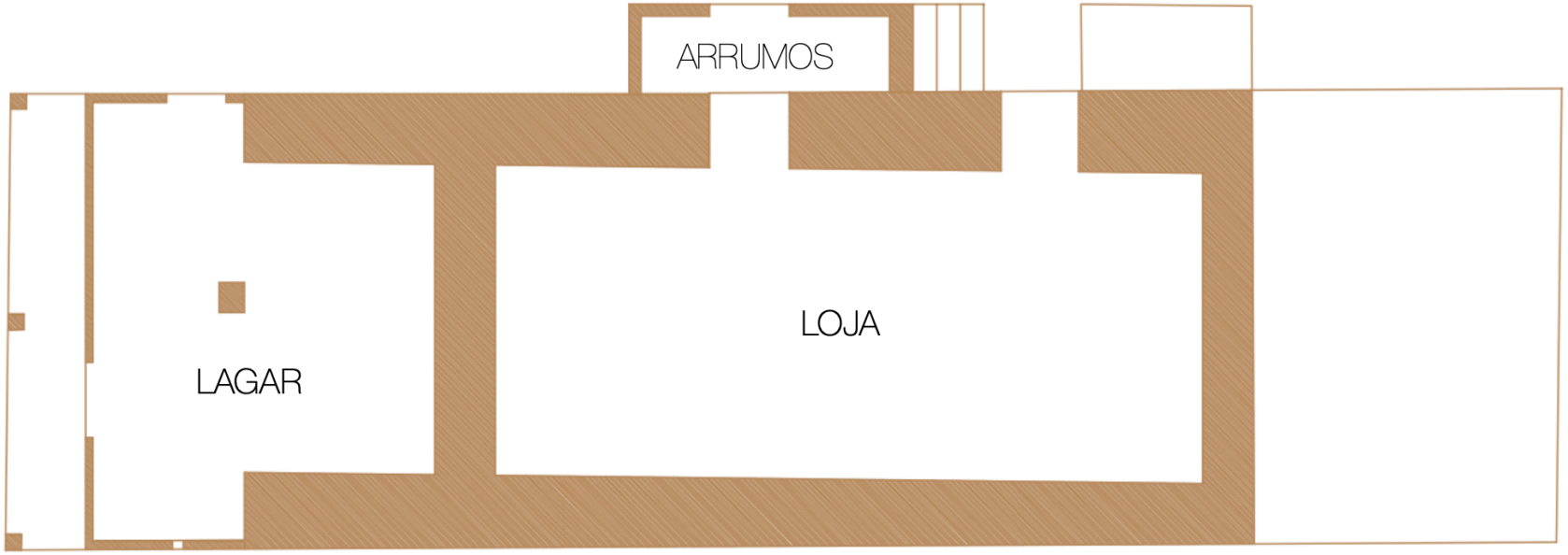
ESCALA 1/500
2021 - JUNHO


limite de terreno
arruamentos
construções existentes
restantes culturas
LEGENDA
Ponto Geodésico
Construções
Caixa Telefónica
Construções a demolir
Limite de terreno
Ponto de Ligação
Limite
LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO
PLANTA GERAL
ESCALA
1/500

PLANTA PISO 1



PLANTA RÉS-DO-CHÃO



FACHADA PRINCIPAL



FACHADA SUDOESTE



FACHADA NORDESTE



FACHADA TARDOZ

